RP
AC
AE
AV
UNC
IP
... Brito Cama
... Pretos
314 p., 1 l.
At head of t
"Este livro e
Contents.—I
gonia.—Regress
Por terras zamb
Gaza.
Dealer: Martinho
Fund: PORTUGUE
For Library: Main Libr
Date Received: 26 Feb 75

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DT455
.B7

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
10002537747

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
APR 0 9 1999			
MAY 17 '99			

BRITO CAMACHO

PRETOS E BRANCOS

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

DT455
.B7

BRITO CAMACHO

PRETOS
E
BRANCOS

1926
Livraria Editora
GUIMARÃES & C.a
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

LIBRARY
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
CHAPEL HILL

Comp. e imp. na IMPRENSA LUCAS & C.ª
Rua Diario de Noticias, 59 a 61 — Lisboa

Advertencia

Este livro é a continuação da Terra de Lendas. *Podia têl-os publicado ao mesmo tempo, os dois formando uma obrinha em dois volumes, a que tudo poderia faltar, excepto unidade. Preferi ouvir sobre o primeiro os juizos da Critica, na bôa disposição de alterar a contextura do segundo de conformidade com as suas indicações que tivesse por justas e convenientes. Sucedeu, porém, que a Critica, colhida em maré de generosidade, nada censurou na* Terra de Lendas, *antes festejou o livro de tal maneira que dir-se hia não conter elle senão perfeições.*

Por este motivo, e ainda por conselho de pessoas autorisadas, resolvi publicar Pretos e Brancos *exactamente como estava escrito á data em que a* Terra de Lendas *saiu do prelo.*

Aquilino Ribeiro, o vigoroso prosador de tres ou quatro livros que já lhe marcaram

14395 2

2-28-75

logar á parte entre os escritores do nosso tempo, ao dar-me o abraço de despedida, quando embarcava para Lourenço Marques, disse-me:

— A Africa vae dar-nos um bom livro. .

Por ora ainda não deu o bom livro que a sua amizade, exagerando as minhas qualidades de plumitivo, esperava confiadamente; mas já deu tres livros, e ainda dará mais um. A gente boer, *que será um estudo da União Sul Africana, feito por um homem que para estudar seja o que fôr não fecha na gaveta a sua sensibilidade artistica, e para expôr o resultado dos seus estudos, não se dispensa de preocupações literarias, no mero proposito de amenisar, de aligeirar o seu trabalho.*

Facilmente os intrigantes politicos, os das Colonias e os da Metropole, criam a um governador ou Alto Comissario dificuldades insuperaveis, que o impeçam de realisar uma obra util, no stricto campo da Administração; mas nada pode essa frandulagem, por via de regra estupida, e constantemente desvergonhada, no sentido de impedir a realisação d'uma obra de Arte, dentro da qual, disfarçadamente, haja um plano de administração, que mais não seja pontos de vista, em materia de politica colonial, que valha a pena traduzir em actos.

Lisboa, 16-11-925.

Brito Camacho.

PRETOS E BRANCOS

De Tete ao Chindio

O sol queima, e como em Tete é frequente o termómetro marcar quarenta e dois graus á sombra, calcúlo eu que é, pouco mais ou menos, esta a temperatura que êle regista, nêste momento, entre as onze e o meio dia. Por esquecimento deixei o capacete em Lourenço Marques, e receio muito que o boné, de kaki como o *dolman*, me não preserve eficazmente de uma insolação. Não ando, corro em direcção á *Tete*, e ouço dizer atraz de mim, com admiração e inveja:

— O Alto Comisario envergonha-nos a todos.

Na verdade eu sinto as pernas fortes e rijas, tão rijas e tão fortes como no tempo em que passava um dia inteiro a espantar os coelhos no mato, a assustar as lebres na terra limpa, ás vezes, no rigor da canicula, palmilhando quilometros atrás de um pequeno bando de perdizes, que se erguia aqui e pousava além, uma ou outra deixando-se

apanhar, encalmada, ainda com força nas pernas, para fugir, mas já incapaz de voar. Não lobrigo uma nuvem, perto ou longe, no céu azul, sem transparencia, e tenho a impressão de que a charneca infinita, cortada por um rio sem agua, é apenas um grande monte de lenha destinada a alimentar uma fornalha ciclópica.

Entro na lancha esbaforido, mal dando pela guarnição, quatro homens, que junto do portaló, em formatura regulamentar, aguarda a minha chegada. Desamarra a *Tete*, estremecendo no arfar dos seus pulmões sem vigor, e o meu último adeus á Vila, capital do distrito, que deixei ha poucas horas, é pelo seu buzinar rouco que o faço, procurando envolvê-la nos meus olhares saudosos.

— Bôa viagem! bôa viagem! gritam-me de terra, e lentamente, muito lentamente, vamos caminhando, rio abaixo, entregue a navegação ao Lourenço, um preto que já conta um bom par de viagens no Zambezi, e só não conhece o rio como as suas algibeiras... porque as não tem a sua farpela sumária. Tão depressa vamos encostados á margem esquerda, como vamos encostados á margem direita, e ás vezes a lancha parece que vai de uma para outra margem, seguindo o caminho mais curto, ou seja a perpendicular — admitindo que as margens são paralelas. Pequenas machambas aqui e além; rapazio que brinca em ilhotas de areia; algumas palhotas no mato, a pequena distância do rio, e ao longe, em vários

planos, montes que não fazem parte de nenhum sistema, e que nenhuma ou quasi nenhuma influencia exercem na climatologia da região.

Anoitece, e quando mal o Lourenço se precata, a lancha encalha. Salta a guarnição para a agua, fazendo muita berraria... e pouca força. A berraria visa a espantar algum jacaré que por ali ande flanando e tenha veleidades de convidar um marinheiro para a ceia! Não há remédio senão cruzar dois ferros, obrigando a lancha a seguir, pouco mais ou menos, a bissetris do angulo que formam as respectivas correntes. A *Tete* não tem guincho a vapor, o que mal se compreende, sendo o seu destino fazer a policia do rio, na certeza de encalhar muitas vezes quando navéga na estação sêca. Conseguimos desencalhar, e o comandante desejaria ir mais além, aproveitando, para adiantar caminho, o escasso luar, que talvez ainda dure umas duas horas. Mas o Lourenço diz que é melhor passarmos ali a noite, talvez por saber que no escuro todos os gatos são cégos, sucedendo a mesma coisa aos pretos.

Em Lourenço Marques o comandante João Belo tinha-me ilustrado a respeito da navegação no rio, que êle conhece dos seus tempos de guarda marinha.

— O rio é todo semeado de ilhotas, e do Chindio para cima quasi só é navegavel por canais, duma notavel inconstância. Só o marinheiro preto, tendo adquirido um perfeito conhecimento do rio

em numerosas viagens, a pilotar as lanchas, só êle é capaz de navegar no Zambezi, nos meses sêcos, não deixando de encalhar, por muito habil e cauteloso que seja. E' uma questão de instincto? E', talvez, uma questão de agudesa visual, que nos pretos, em alguns pretos adquire um grau inverosimil. Qualquer coisa, nas margens do rio, lhe serve de referência, e da velocidade da corrente, da sua direcção, que para nós é imperceptivel, da côr da sua água, de vagos arripios á sua superficie, de tudo isto êle tira indicações para governar o seu barco, ás vezes dando a impressão de que o leva justamente para onde há menos fundo.

Acabou-se; passaremos aqui a noite, quasi encostados á terra, a lancha firme como se fôsse uma rocha de granito.

*

Manhã de nevoeiro espesso, que o sol vai desfazendo á medida que sóbe no horizonte. Nem botes, nem almadias. Aguço a vista, e lobrigo, muito perto, qualquer coisa que tanto pode ser um afluente do Zambezi, como póde ser um braço que o rio estenda, á procura de ribeiros e mocurros que o impeçam de secar de todo. Consulto o Lourenço.

— E' o Loenha.

Como o vi sêco em Mundi, fico na dúvida se êle vem ali para desaguar, se vem ali para beber, sendo todavia certo que na epoca das chuvas uma

lancha como a Tete póde aventurar-se a navegá-lo, porque terá fundo até lá por ahi acima.

Atracamos em Mahura, para meter lenha. Casa e horta de Monhé, mesureiro como todos os da sua raça, vivendo do comércio que faz com os pretos de terra e com os brancos que passam no rio e precisam abastecer-se de alguma coisa que êle possa fornecer. Estão mulheres a lavar; não se mostram curiosas, entregues á sua faina, sem quasi olharem para a lancha.

Em Sunga tambem atracamos, e é tambem um monhé, um asiatico, como em Mahura, que fornece á lancha munições de bôca — ovos, tomates, galinhas. Aborrece viajar num rio como êste, imensamente largo, mas quasi séco, tendo o piloto de andar ás voltas, procurando canais, como numa charneca eriçada de espinhos o viandante procura as veredas e os carreiros que lhe permitam avançar com desembaraço não picando as carnes nem rasgando o fato. Forma junto á margem do rio a pequena guarnição de Massangano, e o Alto Comissário cumprimenta, de bordo, fazendo a continencia, ao mesmo tempo que se arvora a bandeira humedecida pelo orvalho da manhã, buzinando a *Tete* saudações amistosas, e não meramente protocolares.

Está escrito, além, no arrazado forte de Massangano, uma das páginas mais dolorosamente trágicas da história da Provincia. Era ali a residéncia do Bonga, filho de monhé e de preta, sendo

considerada a sua aringa, segundo Mousinho, como um baluarte avançado que punha Tete a coberto das incursões dos vátuas. Pagámos bem cara a subserviência que para com êle tivemos, no melhor dos propósitos, fazendo-o sargento-mór, com os respectivos beneficios e dignidades. Nas guerras de Africa, por via de regra, morrem poucos europeus, tão poucos, que consideradas sob êste ponto de vista, as suas batalhas nos aparecem como rixas, desordens sangrentas entre pretos e brancos, como num dia de eleições renhidas, na Metrópole. No famoso combate de Coolela morreram cinco europeus, e sucedeu quási a mesma coisa no quadrado de Marracuéne.

Acreditará o leitor que na campanha do Barué, em 1902, dos brancos só morreu um cabo?

Pois o Bonga, cuja aringa estou vendo, sentinela que ali colocáramos de vigilância aos incursionistas vátuas, inflingiu-nos três formidáveis derrotas, e nelas perdemos, mortos em combate, para cima de duas dúzias de oficiais, e muitas dúzias de soldados regulares. Acabámos por vencer o terrivel Bonga, deportando-o para Angola, e não seria demais que já hoje ali tivessemos uma aldeia, uma pequenina aldeia que fôsse um padrão erguido á memória dos que morreram n'aquele campo de batalha, lutando pela Pátria.

*

Aparecem-nos agora, lá adiante, uns montes

avantajados, a um lado e outro do rio, que parece acabar ali, numa amplificação, que é um lago.

São os montes da Lupata.

Os que nos ficam á direita formam uma espécie de talude, ligeiramente inclinado, sem arbustos ou arvores, e as pedras que o eriçam, blócos enormes, ameaçam vir por ali abaixo, de escantilhão, se os coelhos se lembrarem de utilizar o seu abrigo furando galerias na pouca terra em que assentam. Estreita o rio no ponto em que êstes montes se fenderam para éle passar. Costeâmos a Ilha de Moçambique, onde foram desembarcados muitos, a maior parte dos doentes e feridos que tinham conseguido escapar á raiva homicida do Bonga, descendo o rio em escaleres. Colocada no meio do rio, abundante de vegetação, a ilha alegra-nos a vista, e vem dela uma impressão de frescura que faz nascer o apetite de desembarcar. Constato que o Lourenço, sabendo que ali ha fundo para um transatlantico, distrai um pouco a vista, passeando-a pelas encostas, do lado direito.

— Macacos!...

Olho na direcção que êle aponta, e vejo os macacos a correrem como uns danados, um ou outro, mais curioso ou menos assustadiço, parando a meio da carreira, naturalmente a certificar-se de que a lancha continua a sua derrota, não se importando com êles para nada. De tudo se apercebe a hiperstesia visual do Lourenço, que chama a minha atenção para uma das várias macacas que fogem

com os filhos ás costas, agarrando-se os cachopitos com unhas e dentes, para não caírem.

As pretas aprenderiam com as macacas a trazerem assim os filhos pequenos, segurando-os com um pano, de modo a ficarem-lhes todos os movimentos livres? Ou aprenderiam as macacas com as pretas a trazerem assim os seus meninos?

Os indigenas, lá bem no intimo, estão convencidos de que o macaco é gente, e só não fala para o não obrigarem ao chibalo e ao mussôco.

O que pensarão os macacos a respeito dos indigenas?

Das vagas leituras, mal aprofundados estudos que fiz, em tempos, acêrca das origens do homem e suas relações de parentesco com os outros brutos, fiquei com esta dúvida — se o macaco é uma forma que evolue, tendendo a fazer-se homem, se o homem é um animal que regressa, tendendo para o tipo simeo.

Vai o rio alargando, os montes vão-se esbatendo, e já se divisam, lá adiante, as *portas da Lupata*, que são uma especie de canal aberto no macisso duma formação granítica.

Atracamos em Bandar, na margem esquerda do rio, um pouco pela necessidade de tomar lenha e um pouco, tambem, por homenagem a velhos usos e costumes, sabido como é que o costume faz lei.

As nossas lanchas, as que fazem o policiamento do Zambezi, em obediencia a compromissos in-

ternacionais, não consomem carvão, e os proprietarios ribeirinhos são obrigados a fornecer-lhes toda a lenha de que carecem. E' um facil tributo lançado sobre estes proprietarios, e todos elles o pagam sem relutância. O peor é que se faz assim a desarborisação d'uma larga faxa de terra, em cada margem do rio, o que pode ter inconvenientes graves sob o ponto de vista climatico. Não tardará que as minas de Muatizi forneçam á Provincia carvão em abundancia, todo o carvão de que ella necessitar, sobejando ainda muitos milhares, alguns milhões de toneladas para exportação.

N'outro tempo, e creio que ainda hoje isso se faz nos barcos de passageiros que navegam entre o Chinde e Tete, o novato, isto é, o viajante que por aqui passava a primeira vez, tinha de sujeitar-se a uma cerimónia de lavapés, esportulando-se com uma ou duas garrafas de champagne para condignamente ser festejado o sucesso.

Vinha um preto com uma bacia, outro preto com uma toalha; o paciente tirava as botas e as meias... e a assistencia intervinha no momento em que a lavagem ia começar. Espumavam as taças, erguiam-se brindes, e a monotonia da viagem era assim interrompida por alguns minutos.

Ha aqui, em Bandar, uma pedra, que é uma especie de columna tosca onde cada qual que passa grava o seu nome e a data em que por aqui passou.

Que remedio senão fazer como toda a gente!

Um cavalo marinho, lá adiante, talvez para constatar se a *Tete* já vai muito afastada, deita as ventas fóra d'agua, respirando com força, e eu mando-lhe cumprimentos n'uma bala que ainda hoje não sei onde foi cair.

Passamos em Tambara já pelo cair da tarde. Aqui o rio alarga desmesuradamente, e é salpicado de ilhotas, que são tufos de verdura. As casas do Posto, no cimo d'um pequeno monte, teem o ar alegre que lhes dá a cal, e á roda o sisal, de grandes folhas, põe manchas de verde muito carregado na terra aspera e dura... Entretenho-me a notar as formas caprichosas que teem os bancos d'areia, alguns de regularidade geometrica, e assim me esqueço de que vamos marchando tão devagar, que dir-se-hia andarmos a procurar fundo para lançarmos ferro.

Como os crepusculos, em Africa, são breves, ancoramos mal o sol desaparece nos confins da charneca, limitada pelo horisonte visual que traça a minha myopia, corrigida por lunetas... Ao longe e ao perto grandes fogueiras põem clarões de incendio na opacidade da noite, e da margem esquerda do rio vem o barulho confuso d'um batuque, em que apenas se distingue o rufar dos tambores, martelados com furia.

Chegamos cêdo ao Ankuase, por volta das seis horas da manhã. E' de formação recente a Companhia do Luengue e Mahêmbe. Bôas instalações

para os seus serviços administrativos; bôa oficina de carpinteria; uma incipiente serração mecanica Os *Inhacuauas*, como por aqui se chama aos regulos, de sobrecasaca ou fraque, sem camisa, apresentam os seus cumprimentos. Tem este Praso uma frente de cento e vinte cinco kilometros e uma area total de tres a quatro milhões de hectares.

Quer o leitor saber quanto deu por este praso o seu actual proprietario, a Companhia do Luengue?

Deu 150 contos.

E quer saber quanto tinham dado por ele os colonos que o venderam, sem o terem beneficiado?

Sete vintens e meio... em papel selado!

Acho bem que o Estado facilite a aquisição de terras, mas acho pessimo que se tenha creado e mantenha uma industria de concessões, de que o Estado não tira o menor proveito. Espero em Deus acabar com esta industria, e não me faço ilusões sobre a tempestade que se desencadiará por sobre a minha cabeça, gritando-se que arruino a Provincia, impedindo a sua colonisação. Dirige tecnicamente esta exploração agricola um suisso, que me parece ser pessoa inteligente, culta e audaciosa.

O indigena, para não trabalhar no Prazo, safa-se para as ilhas do Zambezi, e assim consegue tres coisas — não trabalhar, não assentar praça e não pagar impostos. A's vezes os habitantes d'uma ilhóta, surpreendidos por uma cheia desmedida, encontram-se a navegar a bordo da sua ilha, leva-

da na corrente, como um navio desmantelado, perdendo-se aos bocados. Com mais frequencia a ilha se cobre d'agua, trepando os indigenas, os que o podem fazer, ás arvores, e ali ficando até que as aguas retirem ou até que n'ellas caiam, mortos de somno e de fome.

O que pretende a Companhia?

Pretende que o Governo da Provincia a auctorise a cobrar o imposto e a ir recrutar nas Ilhas, na porção do rio que margina o seu Praso, gente para os seus trabalhos.

Não disponho de tempo para uma larga visita á propriedade; mas não me dispenso de avançar por ahi fóra, n'um carro empurrado por indigenas, e que é uma simples modalidade do rickshow, da minha embirração... Grande derruba, sem o emprego de maquina, sem ao menos o emprego da dynamite, só trabalho do homem negro que se contenta com um salario minimo, o verdadeiro salario mizeria. Sabe-se lá que esforços é necessario dispender para desarreigar uma arvore de grande porte, o tronco grosso como o das nossas azinheiras mais avantajadas!...

Fico-me enlevado a olhar esta terra grossa e negra, que só espera que a cultivem para mostrar a sua fertilidade.

— Uma corsa! Olha uma corsa!

Os saltos que o animalsinho dá, a fugir de nós, surpreendido a pastar n'um chão em que não ha,

porque lha queimaram, herva que lhe encha a boca! Acolhe-se ao mato proximo, onde ha leões, sendo toda esta região, selvatica e selvagem, povoada de féras, que algumas vezes, acossadas pela fome, chegam ás portas do povoado.

Este Praso é rico em madeiras, que não foram ainda estudadas, não podendo, por isso mesmo, ser objecto d'uma rigorosa classificação. Acontece isto em toda a Provincia, d'uma riqueza silvicola que se mete pelos olhos, e que poderia já entrar por muito no grupo dos seus mais valiosos factores economicos. A despeito de tudo, a Companhia do Mahembe já faz com Amesterdam um rasoavel comercio de madeiras, e espera que elle venha a fazer-se em mais larga escala. Se esta esperança é bem fundada, nenhuma rasão ha para que a Companhia não contracte um engenheiro silvicultor, que venha aqui, com a indispensavel demora, para fazer uma de duas coisas — confirmar a sua opinião, de que o Prazo é rico, no ponto de vista das madeiras que pode fornecer á industria, ou que esta riqueza é uma das muitas ilusões que ha na Provincia, originadas, quasi todas ellas, na lamentavel ignorancia dos seus colonos, superior á qual só ha a ignorancia do Estado.

Vamos á casa que habita o director tecnico da Companhia, admiravel de conforto, e bebemos uma taça de champanhe, marca nacional. Os nossos vinhos espumosos já hoje deviam ter um largo consumo em Africa; mas são arredados pelo

champanhe de França... e do Cabo, porque ninguem tratou, até agora, com zêlo e bom tino comercial, da sua colocação. Dão-se aqui muito bem as uvas, igualmente os morangos, pequenos mas saborosos. A figueira, pequenina, de tronco curto e delgado, muito agarrada ao chão, tambem aqui se cria e dá fructo, mas suponho eu que não será jámais pela excelencia dos seus figos que se tornará notavel o Ankuase. Lindas violetas, muito grandes e muito perfumadas. Faz-me pena colhelas, porque talvez já tenham murchado quando chegar a bordo. Passamos pelas oficinas de carpinteria e serrelharia, sob a direcção de asiaticos. O preto detesta o trabalho do campo, mas gosta muito de aprender uma arte, um oficio, e para todas as artes e oficios elle tem notaveis aptidões. Simplesmente os monhés, os mestres asiaticos, nada ensinam aos aprendizes indigenas, e muito propositadamente o fazem, para manterem a Provincia, sob o ponto de vista do seu mister, na dependencia dos amarelos. Importa dizer, porque é absolutamente verdadeiro, que o europeu, n'este particular, se conduz exactamente como o amarelo, chegando ao cumulo de pôr fóra da oficina, por inhabeis, os aprendizes que revelam maior aptidão. Sim; a Africa ainda é um paiz selvagem; mas teria deixado de o ser, ha muito, se a civilisação, aproveitando as aptidões originais do indigena, explorando a terra e educando o homem, tivesse posto um honesto e decidido empenho em

civilisal-o. Os asiaticos, d'um modo geral, são imigrantes que á Provincia não convêem, porque tudo lhe tiram e nada lhe dão. Por ter muito trabalho a fazer e poucos trabalhadores que o fizessem, a União Sul Africana abriu largamente as suas portas á gente amarela, que a invadiu em pouco mais de nada. Pois teve que a expulsar em curtas audiencias, e teve de empregar a violencia para realisar a sua expulsão, imposta por motivos de varia ordem, não sendo os de menor valor os motivos d'ordem moral.

Vamos para bordo, abrindo o gentio alas á nossa passagem. S. ex.as os Inhacuauas, á frente da multidão, muito correctos nas suas sobrecasacas ou fraques, sem camisa, fazem reverencias e dão palmas.

Foi-me agradavel, extremamente agradavel, a rapida visita que fiz ao Ankuase, um dos mais vastos Prazos da Zambezia. Penhora-me o acolhimento que me faz, em nome da Companhia, o sr. Marques dos Santos, advogado de provisão em Tete. Brinda-me s. ex.a com alguns especimens da ourivesaria indigena, trabalhos rendilhados, em prata, com um instrumental quasi tão primitivo como os respectivos artistas. Tem seculos de tradição, esta industria zambeziana, tão velha que não é disparate acreditar que alguns dos presentes, em ouro e prata, que Salomão deu á rainha de Sabá, braceletes, aneis e colares, foram adquiridos aqui.

Só quando já vamos longe, apercebendo-se de bordo os vultos, mas não reconhecendo já as pessoas que nos dizem adeus, de terra, agitando lenços e chapeus, só então dispersam os Inhacuauas, correctos nas suas sobrecasacas ou fraques, sem camisa.

A's duas horas da tarde, n'um ponto em que o rio parece ter muita água, novamente encalha a lancha. A mesma scena dos outros encalhes — os pretos empurram o barco, em grande berraria: dois ferros crusados na areia, formando binario, e porventura algum jacaré que ande por ali, nas imediações, a aguçar o dente para uma jantarada de carne humana. O comandante da *Tete*, tenente Roma, distinto como oficial e extremamente simpatico como pessoa, mostra-se deveras arreliado, sabendo que eu tenho dia e horas marcadas para chegar ao Chindio. O Lourenço e o Tito, os dois pilotos, meros espectadores emquanto a lancha repousar na areia, assistem ao espectaculo com philosophica bonhomia, na indiferença que produz o habito. Ocorre desamarrar o batelão, a ver se assim a *Tete* mais facilmente cede aos empuchões. Os dois moleques que vieram comigo de Lourenço Marques, o Antonio e o Mafumbira, deixam-se ficar no batelão, que se afasta, preferindo a fome ao trabalho.

Entardece. O sol é uma posta de sangue, e tem uma reverberação de tal modo insignificante, que não tinge o horizonte madre-perola. Resigno-me

a passar aqui a noite, sem disposição para ler, sem disposição para comer, nem sequer bem disposto para conversar. Não vem de terra o minimo signal de vida; no céo, muito baixo, pardacento, não ha a lucilação d'uma estrela, e da lua, que n'este momento, segundo o calendario, deve ser grande, redonda e branca como um requeijão, prateando a superficie do rio, lisa como um pano de bilhar, não ha novas nem mandados.

Desencalhamos quando principia a clarear a manhã. Tempo fresco; nevoeiro denso, a tornar-se progressivamente ralo, á medida que o sol, tão vermelho como na vespera, ao pôr-se, se ergue no horisonte. Prometo um macaquinho, em cêra, a Nossa Senhora dos Afflictos, se ella inspirar o Lourenço por forma que elle não mais pregue com a Lancha fóra dos canaes francamente navegaveis.

Das penosas adquiridas em Sunga restavam apenas dois bicos, um galo e uma galinha. Parecia que vinham satisfeitos, umas vezes metidos no fundo do batelão, a coberto de vistas indiscrétas, outras vezes empoleirados na pilha de madeira, sobrepujando a amurada, lenha para a Tete queimar. De repente a galinha bate as azas e vai cair n'agua, a pequena distancia da Lancha. O galo ficou aparvalhado, a olhar para a sua companheira, boiando, e já me quiz parecer que elle pedia que a socorressem, na linguagem que falam os galinaceos. O comandante, informado do ocorrido, enco-

lheu os hombros, desdenhoso, e o barco continuou a sua marcha, como se não houvesse um naufrago a socorrer. Já a galinha era uma *épave* minuscula, mal destacando na superficie lisa do rio, quando o galo, empoleirado na lenha, a cabeça muito erguida, sacudindo fortemente as azas, como que a esperimental-as, cacarejando como que a dizer — lá vou! lá vou! — sereno, intrepido, resoluto, se ergue n'um vôo possante e vae cair n'agua, muito perto da Lancha, talvez amaldiçoando a gente impiedosa que não quizera fazer o sacrificio d'um minuto para salvar a sua amiga.

Pêlo que diz respeito á galinha, a hipothese d'uma alucinação momentanea é perfeitamente admissivel; mas com respeito ao galo não ha que discutir — foi um suicidio.

Sabe-se lá a que extremos pode levar o amor, cachoando no peito d'um Othelo de capoeira!

A duas milhas, pouco mais ou menos, do Sijal, novamente encalhamos, o que me faz crer que a Senhora dos Afflictos não ouviu a minha prece ou achou muito insignificante a promessa que lhe fiz. Atenho-me á segunda hipothese, tanto mais de aceitar, que este encalho foi mais pequeno que os outros, menos demorado que todos os outros, não sendo preciso utilisar o guincho para safar a Lancha.

Aqui, no Sijal, o rio alarga como na Lupata, formando uma bahia amplissima, de pouco fundo.

Porque ha um pouco de vento, enruga-se a superficie do rio, sem que mereçam o nome de ondas as suas pequenas rugas. Pela direita, transposta a bahia, perde-se a vista na charneca, sem acidentes que se notem; pela esquerda os montes formam pequenas cadeias, e a sua nudez, quasi absoluta, nem fere nem escandalisa, porque a vemos atravez d'uma nevoa muito rala, muito ligeira, assim a modos uma gaze pardacenta agitada no ar por mãos invisiveis. Desejo passar em Mutarara ainda com muita luz do dia, porque desejo ver o local escolhido para se lançar o caminho de ferro transzebeziano.

Baldado desejo!

Mais uma vez encalha a Lancha, a poucas horas do Chindio, onde nos aguarda o comboio que hade levar-nos ao Limbe.

Vai passando o tempo, uma hora, duas horas, tres horas, e parece a Lancha que se enterrou na areia, todos os esforços resultando inuteis para a tirar d'ali. Cae a noite, e obedientes ao velho preceito — *á mauvaise affaire bonne mine* — resignamo nos, resigno-me eu, pelo menos, ao triste fado que nos persegue, em materia de navegação, desde que nos metemos a descer este famoso rio, fiados em que para baixo todos os santos ajudam.

E' o ajudas!

Facilmente a *Tete*, navegando desembaraçadamente, deitaria umas seis milhas, bastando para isso que o rio tivesse um regular volume d'agua;

mas ainda assim, navegando devagar, mas navegando sempre, livre de encalhos, já a estas horas andariamos de comboio ou de automovel por terras do Nyassaland.

Janto com apetite, contra o costume, e o escuro da noite, fazendo mais completo o silencio do rio, cria-nos bôas disposições para dormir.

O que eu desejo, agora, é que a Lancha não se ponha em movimento antes de ser dia claro, para deitar a vista em direcção a Sena, e para demorar os olhos, cheios de curiosidade, nos presumiveis pontos que serão os encontros da ponte que se projecta, indispensavel para que se faça o Transzebeziano.

Se dispuzesse de tempo, visitaria Sena, na margem direita do rio, não para ver o que ali ha, mas para evocar uma longa historia, escrita em caracteres que o tempo foi delindo e apagando, mal sendo possivel soletral-a, como em Sofala, nos insignificantes restos d'uma fortificação que deviamos ter conservado intacta, como documento, embora já sem valor, e desde ha muito, como obra militar.

Já chamei a atenção do governo da Metropole para o caso da ponte, não vá suceder que ella nos traga alguma semsaboria, impedindo-nos de manter livre a navegação do rio, conforme as estipulações do tratado de 1891. Nas curvas, e muitas são ellas, o rio tem sempre fundo que baste para um barco como a *Tete*, e em Mutarara, ao que

me dizem, na curva respectiva, elle tem, aproximadamente, a fundura de duas braças. Será aqui, sobre este fundo, que ficará o tramo movel da ponte, largo de trinta e cinco metros, ao que me consta. E' mais do que suficiente para que passem, embora com precauções, barcos que tenham a boca estreita como esta lancha policial.

A Companhia do Transzebeziano assegurou-se, por banda do governo inglez, d'uma garantia de juro, sem a qual seria uma verdadeira loucura, no ponto de vista financeiro, a construção d'este caminho de ferro, extenso de trezentos kilometros entre a Beira e o Zambezi. Constou-me, em Lourenço Marques, que a casa Pauling, de Londres, encarregada de estudar a ponte, tendo-se assegurado da sua exequibilidade, sob o ponto de vista tecnico, a orçamentou, feita e prompta, n'um milhão e quinhentas mil libras. Mas declarou que não se encarregaria das obras... por menos de tres milhões!

Será verdade? Será mentira?

A coisa certa, já agora, é que a ponte hade fazer-se, e que passando por ella os comboios irão da Beira até ao Limbe, provisoriamente, avançando mais tarde, muito mais tarde, até ao lago Nyassa. E assim os dois caminhos de ferro, extensos de trezentos kilometros cada um, que cortam o vasto territorio da Companhia de Moçambique, estão inteiramente na mão de estrangeiros, caminhos de ferro de penetração, um entrando na

Rhodesía, o outro entrando no Nyassaland, quando a ponte sobre o Zambezi estiver feita.

E' já noite velha quando pego no somno, e o resultado foi adormecer tão profundamente, que só abro os olhos quando uma luz branca, muita viva, entrando no meu camarote pelas frinchas da porta, me grita, com modos escarninhos — fóra d'ahi, preguiçoso.

Salto da cama, esfregando os olhos, e sumariamente enfarpelado dirijo-me para a prôa da Lancha, a procurar na margem esquerda do rio onde fica Mutarara, em frente de Sena.

Qual Mutarara nem qual demonio!

Fica-nos já muito para traz, e não vale a pena arripiar caminho só para satisfazer uma curiosidade sem resultados praticos — nem para o *touriste* nem para o funcionario.

O sol, como um grande rubi, emerge do horisonte, dissipando uma tenue neblina que não tira a visão das coisas proximas ou distantes, as quaes se mostram grandes ou pequenas como são, nada alterando ou mascarando a sua forma e côr. O canissado das margens, mais denso aqui, menos denso além, ondula á mercê d'uma brisa fresca e discreta, que mal enruga a superficie do rio. A serra da Marumbala ergue-se na prôa da Lancha como um enorme macisso que ora se interrompe, ora se reconstitue, affetando os montes isolados, muito dêles, uma aparencia grosseira de

palhotas redondas, como se usa em muitas regiões da Provincia.

Não quero mentir; mas tenho a impressão de que milhares de patos estão pousados, alem, n'uma ilhota, pouco distante da margem direita do rio, sendo com certeza o maior de todos os bandos que temos encontrado, pondo uma nota de vida no abandono desertico, d'um silencio tumular, d esta quasi inviavel estrada de areia. Faço um tiro, para os espantar, e verifico com prazer que não matei nenhum.

Matar, para quê?

Estou convencido de que em Boroma meti uma bala no arcabouço, d'um enorme jacaré, estendido na areia, muito proximo da agua; mas atenua-me o remorso a possibilidade de elle resistir ao ferimento, curando-o a força medicatriz da natureza.

O rio agora é menos largo que lá para traz, e como, por isso mesmo, tem mais fundo, a Lancha marcha com mais desembaraço, não precisando zigzaguiar, perdendo tempo.

— Não tornaremos a encalhar, comandante?

— Espero bem que não. O Chindio fica-nos perto, e d'ahi para baixo não é facil encalhar, mesmo nos anos de estiagem maxima.

Uma piroga que segue o nosso rumo, de vela froixa, dá-nos a impressão de que a *Tete* é um barco de grande andamento. Todos os tripulantes da piroga se levantam, cumprimentando, quando

nos aproximamos. O preto ainda respeita o branco, só pelo facto de ser branco, e muito mais quando elle é auctoridade, embora subalterna, comtanto que essa porção de auctoridade legitima, como tal reconhecida, elle a não comprometa em criminosas violencias e a não emporcalhe em escandalosos deboches.

Diz o Lourenço, chamando a minha atenção:

— Vapor.

Aguço a vista, olhando na direcção que o Lourenço escusadamente aponta, e lobrigo ao longe, muito longe, fóra do eixo do rio, um barco maior que a *Tete*, sensivelmente maior, arvorando a bandeira portugueza.

Lembra o comandante Roma:

— Deve ser o Paiva Raposo.

E', na verdade, o sr. Paiva Raposo, que resolveu, farto de nos esperar no Chindio, vir á nossa procura, rio acima, conjecturando que poderiamos ter necessidade de socorro, não por motivos de encalho, mas por ter-se dado qualquer avaria séria na maquina.

Como se andassemos perdidos no mar alto, alegra-se-nos o coração vendo uma Lancha que procura a nossa Lancha, que d'ella se aproxima, n'um proposito de abordagem, tão facil como n'um porto abrigado. Sabemos que o Chindio fica ali adiante, a poucas horas de navegação, e isso nos faz esquecer o aborrecimento d'uma viagem de quatro ou cinco dias, encalhando aqui, tornan-

do a encalhar além; a charneca infinita, a um lado e outro do rio; sem palhotas á vista; raras machambas á beira; d'agua nem uma só aldeia, um minusculo povoado, denunciando colonisação europeia; a solidão absoluta, se não fossem as Cantinas dos monhés, onde geralmente se faz abastecimento de viveres e de lenha. O rio é largo, imensamente largo, e como não ha comunicação entre as duas margens, feitas por almadias, tenho a impressão de que elle, não sendo uma estrada no deserto, é a fronteira entre dois Paizes inimigos, de escassissima população.

Diz-nos o sr. Paiva Raposo que temos correspondencia no Chindio, uma volumosa correspondencia.

Bôas novas?

Sem duvida, porque nos appareceram agora mesmo as andorinhas, e ellas nunca presagiam desgraça.

Ocorrem-me estes lindos versos d'um poeta brasileiro:

A gorgear uma gentil modinha
Que nunca ouvi,
Passou agora mesmo uma andorinha
Antes de ti.

Levava o dorso azul de ter tocado
Os altos ceus,
Ou talvez de lhe haveres tu pousado
Os olhosteus.

Chegamos ao Chindio, uma grande pôça que o Zambezi forma, rasgando a margem esquerda.

E' noite.

Toca a lêr a correspondencia.

Através do Nyassaland

O comboio que hade levar-nos ao Limbe parte do Chindio ás oito horas da manhã. Pois que estamos a tratar com ingleses, quero ser duma pontualidade... americana. De facto o comboio não tem que esperar por nós, porque cinco minutos antes da partida instalamo-nos na carruagem-salão.

Fica o Chindio na Ilha de Inhangoma, uma ilha muito curiosa, porquanto demora a muitas dezenas de kilometros do mar, e nem sequer é rodeada de agua por todos os lados. Um rio insignificante, o Ziu-Ziu, liga o Zambeze ao Chire, e dentro do triangulo assim formado fica a chamada Ilha Inhangoma, que ás vezes, nas grandes invernadas, quando trasbordam os rios que a circunscrevem, deixa de ser uma ilha para ser uma lagôa. Está sob a directa administração do Estado, como estão, de resto, ao presente, todas as ilhas do Zambeze.

Tem uma população escassa, e nela a Companhia da Zambezia mantem uns poucos dos seus rebanhos de gado bovino.

Uma vez ligado o Transzebeziano ao caminho de ferro do Nyassaland, o Chindio desaparecerá, porque essa ligação, segundo os estudos feitos e os planos já adoptados, se fará por Mutarara, mais aqui, mais além, mas acima do Chindio.

Deve ter uns oitocentos metros de comprimento a ponte do caminho de ferro sobre o Ziu-Ziu, rio de que mal se percebe o leito, raso e coberto de herva. Esta ponte, diz-me o sr. Roy, será aproveitada para o Zambeze.

Entramos, sem dar por isso, nos territorios de Nyassaland, uma vasta região de que a Inglaterra nos desapossou, naturalmente porque, bôa e fiel aliada, achou que deviamos concentrar os nossos esforços colonisadores numa area menos extensa, para serem melhor aproveitados.

Os montes de Port Herald não teem, positivamente, grandesa pyrenaica; mas são acidentes de terreno que nos obrigam a erguer os olhos para lhes vermos os cimos rochosos, frequentemente enevoados.

Bastante gente branca em Port Herald; tropa indigena em formatura; padres maristas que nos cumprimentam, e monhés que á porta das suas lojas fazem a mesura, quando passamos. Mulheres pretas lavam-se no Chire, metidas na agua, e sentam-se, quando nos vêem, recatadas e pudi-

bundas. Um pretinho, ás costas da mãe, chora como um danado. É a primeira vez que oiço uma creança preta chorar. Se não estivesse a vêl-a, não saberia de que côr é, porque chora exactamente como as creanças brancas — por muito extraordinario que pareça!

Melhor fôra que pegasse no sono, deixando Port Herald, porque esta charneca, atravez da qual o comboio marcha, fazendo uns modestos quarenta kilometros á hora, é por igual agressiva e desoladora. Nada que seja cultura, embora cafreal. Se ao menos um grupo de palhotas, uma só palhota que fosse, nos desse sinais de vida humana neste deserto matagoso!...

Ainda bem que nos apareceni, lá adiante, na indecisão dos nevoeiros ralos, as lindas montanhas do Lugela, aqui e além rasgadas de alto a baixo, perdendo nas ravinas fundas a continuidade do sistema orografico a que pertencem.

Depara-se-nos agora pela direita, um vasto campo de algodão, que nos faz lembrar as grandes charnecas alemtejanas, de mato curto, enfeitadas as estevas de modestas papoilas brancas.

Crusamento de comboios em Sankulani. Uma preta brejeira, alta, bem lançada, de capulana vermelha, toma atitudes de exibição artistica, a querer que a admirem, talvez a pensar que a desejam. Junto dela — será o marido? — um preto esbelto, de fisionomia aberta, inteligente, as feições regulares de um branco, diz-nos, sem em-

pregar palavras, que se é de boa pratica não se medirem os homens aos palmos, nas raças civilisadas, estabelecer diferenças radicais entre os de raças diversas, só pela quantidade de pigmento que lhes tinge a pele, é erro por demais grosseiro.

Principia o comboio a subir; aperta o calor. Avista-se o Chiperoni, de quasi três mil metros de altura. A linha ferrea, de curvas rapidas, acompanha o Ruo, que vem de muito longe, e aqui perto forma um salto, que mal lobrigo, de aproximadamente duzentos pés de altura.

Vamos passando em frente de M'lange, macisso cuja base tem um perimetro de cem milhas. Montanha gigantesca, de flancos nus, asperrimos, eriçados de rochas formidaveis. Parece que nos fica perto, muito perto, e Deus sabe quantas duzias de quilometros teriamos que palmilhar para lá chegarmos. Tem o feitio de scarpa, a face leste d'esta serrania, cujos pontos mais altos eu vejo atravez duma atemosfera de cinza, no entardecer d'um belo dia soalheiro e quente.

Chegamos ao Limbe, *terminus* provisorio do caminho de ferro do Nyassaland. E' um logarejo interessante, de casitas brancas, alegres, coquetes, e pequenos jardins, muito bem tratados, sorrindo para nós, bocas virginaes, as suas flores de mil tonalidades. Mrs. Roy mostra-se orgulhosa dos seus cravos, das suas rosas, e na verdade é dificil encontrar flores de tão linda côr e tão suave perfume.

— Quando voltarem, hei-de apresentar-lhes a mais linda rapariga do Limbe, ainda mais linda que as minhas rosas.

Vamos para Zomba, onde passaremos a noite, hospedes do governador do Nyassaland. A estrada é optima, a um lado e outro macissos de eucalyptos, que a ensombram sem a tornarem monotona. Muita gente pela estrada, gente preta, que não cumprimenta quem passa. Uma propriedade aqui, outra além, quasi sem cultura uma terra que aparenta ser fertil, se a cultivassem com esmero, e que nada produz, nem sequer herva, deixada ao abandono. Pela direita, e na frente, erguem-se montes que não tem a grandeza do Chiperoni, mas que são um pouco mais do que relevos orograficos a quebrarem a monotonia das planicies sem fim.

Será da minha vista?...

Pela encosta d'aqueles montes, de escassa vegetação, a luz do sol poente alaga em tons que não sei definir, e que vão do violeta carregado ao lilaz esmaecido.

Que extraordinario pintor é a Natureza!

E pensar que ha Academias onde se ensina, dentro de salas, a pintar, a colorir!

Fica Zomba na raiz d'um monte; é uma insignificante aldeia n'um macisso de verdura. Sente-se, chegando a Zomba, a frescura de Cintra. Os seus eucaliptos são formidaveis; os seus bambús, em grandes moitas, são grossos como tron-

cos, e elevam-se a mais de vinte metros de altura. E' um logar aprazivel; mas quer-me parecer que eu, se aqui vivesse, mais frequentemente sentiria o enlevo das horas melancolicas e concentradas, que o prazer das alegrias efusivas... Não oiço, mas adivinho a cantilena d'uma fonte a meio da encosta, e a agua que d'ela corre, gorgolejando nas pedras, traz diluidos todos os sons vagos, todos os murmurios d'uma vegetação frondosa, que discretamente encobre o sol, não vá ele desfazer o que nas sombras ha de suavemente triste.

Jantar oficial; brindes do estilo. O governdor do Nyassaland, sr. George Smith, é uma pessoa muito amavel, de riso franco, gestos largos, uma alegria comunicativa. Recebe as pessoas que acaba de conhecer como se fossem velhos amigos.

Um pouco de bilhar, um pouco de musica, e toca para a cama, porque teremos necessidade de partir cêdo, pela manhã, sob pena de chegarmos muito tarde á Angonia.

Um molho de cravinas, saindo da boca larga dum frasco de vidro, realisa uma dupla simfonia de côres e perfumes que deleita e inebria. Que variedade de tons! Que riqueza de tintas! Que extraordinaria delicadeza de tecidos!

As violetas, tristes viuvinhas, quasi se não fazem notar ao pé destas mundanas, que possuem

a arte completa da sedução, atraindo pela côr, estonteando pelo perfume.

O exercito do Nyassaland — deixem passar, — está fazendo exercicios de campo, aqui perto de Zomba, e o ex.mo Governador, por extremos de gentileza, quer fazer-me assistir a um d'esses exercicios, acompanhando-nos.

Fica-nos em caminho, a uns cincoenta kilometros da povoação.

Muita gente pela estrada, que é optima, gente preta, e ninguem se dá ao trabalho de cumprimentar, a não serem os cantoneiros, respeitosos para com o Governador. Disseram-me, em Lourenço Marques, que é assim em toda a parte onde mandam os inglezes, que não se importam, de resto, que os pretos os cumprimentem ou deixem de cumprimentar, porque lhes *não ligam nenhuma*... Campos sem cultura; pequenas serras; insignificantes ribeiros; a tristeza das terras abandonadas quando o seu aspecto inculca uma atendivel capacidade de produção, suficientemente remuneradora.

O sr. major Philips, francez de origem, comanda as tres companhias em exercicio de tiro. E' um oficial que se bateu valentemente contra os alemães, na grande guerra, orgulhoso da sua profissão, lidando com os seus soldados como bons camaradas e amigos!

— Bateram-se admiravelmente contra os alemães, e não tivemos uma unica deserção.

Soldados, cabos e sargentos são pretos, e diz-me o major Philips que só ha vantagem em ter sargentos de côr. Pensa-se diferentemente em Lourenço Marques, no Quartel General; mas eu tomo boa nota do que me diz o comandante Philips, para quando tiver de providenciar sobre a organisação militar da Provincia.

O tema do exercicio, que eu vejo desenrolar-se, encarrapitado num rochedo granitico, é simples: — As forças inimigas. avançam do lado do norte, e as tropas do Nyassaland devem rechassal-as antes que desçam as montanhas. Trabalha o telemetro, o heliògrafo, o telefone; as metralhadoras pesadas e ligeiras enchem os vales e quebradas de berros sêcos; de quando em quando ouve-se uma descarga, em salva, na raiz dos montes, denunciando a presença do inimigo, em força comandada, prestes a entrar na planicie. Muito bem organisado o serviço de saude; providas as ambulancias como se tivessem de servir num combate a valer.

No acampamento, em palhotas arruadas, vivem as mulheres dos soldados, o que além de ser comodo é moral, porque dispensa Venus de andar por casa de Marte a semear doenças vergonhosas.

Logo que o inimigo foi derrotado, nós cumprimentamos o sr. major Philips, encarecendo a bôa impressão que nos deixou o exercicio, executado a rigor em todos os seus detalhes, agradecemos

ao sr. George Smith a sua extrema gentileza, e partimos, a nove, para a Angonia.

Bôa a estrada; incultos os campos; os montes formando pequenas cordilheiras; ausencia completa de rebanhos; pousadas ou *compounds* que dão agasalho aos carregadores que por aqui transitam, em carreiro de formigas, fazendo caminhadas de seiscentos kilometros, ida e volta, para ganharem seis chelins. Ha um regular movimento de camions, dirigidos por homens de côr. Faz-se um comercio rasoavel entre Zomba, melhor direi entre Blanteyre e o Lago Nyassa; mas nem pelo seu volume nem pela sua importancia esse comercio justifica, por emquanto, a construção d'um caminho de ferro, sequer ao menos um serviço permanente de camionagem, dispensando os carregadores.

Aqui nos aparece agora o Chire, sem uma gota d'agua, tão mascarado o seu leito pela herva e o caniço, que eu não acreditaria ser isto um rio se o não atravessasse uma ponte, comprida de trezentos metros, á prova d'uma corrente brutal, de violencia desmedida. O grande inimigo das pontes, em Africa não é o impeto das aguas; são os troncos, algumas vezes descomunaes, que a corrente leva, e que batem como arietes nos pilares e taboleiros. Imagine-se um tronco macisso, grosso de quinze ou vinte metros, levado n'uma corrente que tenha a velocidade de dez kilometros á hora. O producto de tão grande massa pelo

quadrado d'uma tal velocidade, deve representar, ao cabo d'alguns kilometros, uma força de percussão capaz de fazer rombo na propria muralha da China. Acontece ainda que n'estes famosos rios africanos, mesmo nas grandes cheias, nas que ficam de memoria, ha correntes secundarias, divergentes em relação á corrente principal, que marcha no eixo do rio, o que tanto faz dizer que a forma de incidencia do choque nos pilares, tanto mais conveniente quanto mais obliqua, os engenheiros não podem regulal-a á sua vontade.

A estrada deixou de ser boa para ser regular e passa atravez de uma charneca semelhante ás do Barúe, menos espessa, d'arvores de menor porte.

Benzo-me com a mão esquerda porque vejo além, branco de cal, um modesto chafariz, oferecendo agua limpa e fresca, vinda da serra, aos viajantes sequiosos. E' o primeiro que encontro no meu jornadear por terras africanas, desde que sahi de Lourenço Marques. Nem chafarizes que matem a sêde a um pobre diabo que passa, fazendo caminhadas de muitas dezenas de kilometros sob um sol que escalda, e algumas vezes sob uma carga que derrêa, nem uns banquitos de pedra em que o mizero descance, não precisando enrolar-se no chão, tomando geitos de macaco.

Sem afroixar de velocidade, o automovel vence uma ladeira extensa, bastante ingreme, ao fim da qual os olhos me caem na chapada d'um monte,

á esquerda, maravilhando-me o espectaculo que se me oferece — milhares, muitos milhares de grandes sombrinhas vermelhas a preservarem d'um sol que já não aquece, porque está quasi a pôr-se, fulvo como uma grande bola de metal dourado.

— Aquellas arvores são...

Importa-me lá saber como se chamam aquelas arvores! Ellas serão, por alguns momentos, o encanto dos meus olhos, e mais tarde, já longe d'aqui, hei-de vêl-as muitas vezes, nas minhas evocações, repassadas de saudade.

Tanto fiz que esqueci o nome que os botanicos dão ás folhas dos cravos e das rosas, a classificação que fazem das violetas, das camelias, dos crisantemos e magnolias. Não ha poesia, não ha sonho, quando a realidade se nos mostra exata como uma taboa de logaritimos; seca, fria e demonstrativa como uma analise de laboratorio. Se pode ter graça um beijo dado a pensar que elle é o contacto de duas mucosas forrando o orbicular dos labios — *musculus osculatorius* — em que se distribuem filetes do temporo e do cervico-facial!

Além adiante a estrada faz um desvio para a direita, indo ter ao Lago Nyassa, que eu desejaria muito visitar. Desta vez a curiosidade do *touriste* coincide com o interesse do funcionario, mas não quero alterar o programa ajustado com

os Governadores de Distrito. Em Chiromo, onde só ha restos d'uma povoação comercial, o governador de Quelimane, tenente-coronel Silva Leal, espera-me em dia rigorosamente determinado, com um pelotão de carregadores e machileiros. Não quero transtornar o plano que elle concertou com os administradores de Prazos e Companhias, relativamente á minha visita, plano que adoptei sem restrições.

Dois portugueses, agricultores na margem oriental do Lago Nyassa, pretenderam falar comigo, no Limbe, para ao Alto Comissario se queixarem da Companhia do Nyassa, cujo territorio está no plano da minha visita ao norte da provincia. Fiz-lhes saber que estava em terra amiga, mas estrangeira, e que esta circunstancia me inhibia de os ouvir. Tencionava ir ao Lago, partindo do Ibo ou de Porto Amelia, conforme achasse melhor o governador da Companhia. Então ouviria as suas queixas e atenderia as suas reclamações, na medida em que ellas fossem justas e coubesse nas minhas atribuições atendel-as.

Conheço os lagos da Suissa, e estou certo de que o Nyassa, como pitoresco, não vale o menos interessante de qualquer d'elles. Mas queria ver, com os meus proprios olhos, que nenhuma ligação ha entre o Lago e o Chire; queria certificar-me, por informações que alli colhesse, da baixa de nivel que tem sofrido o Lago em anos sucessivos, o que acontece com todos os lagos

d'Africa, porventura com todos os lagos do mundo.

Vamos; um lago que tem tresentas e sessenta milhas de comprimento sobre cincoenta de largura, nos pontos em que é mais largo, com uma profundidade maxima de setecentos metros, é bem um mar interior. Ainda que eu tivesse á minha disposição o melhor barco da sua flotilha, sete vapores, precisaria de alguns dias para fazer convenientemente a sua navegação e visitar algumas das suas povoações, das quaes a mais importante é Kotakota.

Não; visitarei o Lago Nyassa quando visitar os territorios da Companhia, e dolorosa seria a minha contrariedade, se não pudesse realisar esta visita.

Entramos na Angonia, terra portugueza.

A mesma incultura, mas não a mesma charneca... Já me quiz parecer que vou atravessando o Alemtejo, nos campos de Ourique, planas como são estas terras, delgadas, sem arvoredos, cobrindo-as um pasto que me parece ser abundante e rico, o que me faz olhar á roda, prescrutando, a vêr se lobrigo, perto ou longe, rebanhos de vacas, porcos ou carneiros. Serras ao longe, destacando entre elas o Veri-Veri, de forma conica, quasi regular. Estende-se por cima d'ellas uma neblina de tons alaranjados, muito suaves, que lhes dá o ar de serem transparentes.

Chegamos a Vila Coutinho. E' noite.

Na Angonia

Toda a gente, em Africa, se deita cêdo e levanta cêdo, e eu generaliso ao continente negro este ajuizado proloquio da velha Europa — em Roma sê romano. De modo que ahi por volta das nove e meia, regalado com um magnifico jantar, a fazer inveja aos cosinheiros de Lisboa, metome na cama, disposto a levar d'um somno a minha primeira noite da Angonia.

Bôas contas deita··· o branco!

Entro a parafusar, apagada a luz, que para chegar aqui precisei descer o Zambeze até ao Chindi, n'uma extensão de aproximadamente quatrocentos kilometros; precisei depois tomar o comboio até ao Limbe; tive necessidade, a seguir, de cortar Nyassaland, em automovel, desde o Limbe até o ponto em que a estrada de Zomba se recurva para o Lago, enfiando ali por uma bôa carreteira até chegar a Vila Coutinho, onde me encontro.

E tudo isto porquê?

Pela razão muito simples e muito soberana de não haver uma estrada que ligue directamente Tete a Villa Mousinho, não havendo sequer uma estrada que ligue Tete a Blanteyre, por forma a não ser necessario, para ir d'uma a outra d'estas povoações, fazer a jornada que eu fiz. A gente de Muatizi ajustou comigo a construção d'esta estrada, larga de seis metros, que eu lhes pagarei pelo preço ajustado, no dia em que m'a entregarem, previamente verificada a sua capacidade para o transito de automoveis e camions. Empenharei os melhores esforços para fazer a ligação directa, pelo caminho mais curto, entre Tete e Villa Mousinho, e assim a Angonia, rica de possibilidades agricolas, optimamente dotada para a colonisação branca, deixará de ser um viveiro de trabalhadores para as assucareiras do Zambeze, contribuindo largamente para a valorisação economica da Provincia.

Volto-me para o lado esquerdo para ver se mais facilmente pego no somno, e logo me vem á ideia que estou em casa do sr. Hornung, o homem com quem fiz um contracto de fornecimento de mão d'obra que desencadeou contra mim a furia de excelentes patriotas, ainda não tinha aquecido o meu logar de Alto Comissario em Moçambique. Recordo as fases dessa campanha, iniciada em Lourenço Marques por um monhé da Metropole, tendo logo a seguir repercursão na imprensa de Lisboa, paga a um tanto por cada

linha. Não me arrependo, comtudo, de ter vindo á Angonia, e como se estivesse a ouvir de novo a canzoada... patrioteira ladrando-me insultos e grosserias, mudo de posição... e deixo-me dormir. Nunca precisei fazer *des accomodements* com a consciencia, e ella diz-me que no caso Hornung eu procedi como bom patriota e honesto administrador.

Ergo-me cêdo, em obediencia ao preceito que me impuz, e apenas matei o bicho, toca a visitar miudamente Villa Coutinho, maior que um grande Monte e mais pequena que uma pequenina aldeia do Alemtejo. A residencia do Administrador do Prazo, casa de inglez, é cheia de conforto, com um bem tratado jardim á frente e uma comprida e larga varanda sobre o jardim, onde apetece arejar nas tardes e noites calmosas. Bôas instalações telefonicas e telegraficas; optimos estabulos, ampla *garage*, e uma Escola que realisa os prescritos mandamentos higienicos, construida por obediencia á lei, sem professor e sem alumnos, sempre fechada, como se fosse uma arrecadação.

E' um parque, Villa Coutinho, onde todas as arvores são vigorosas, de copa larga; todas as flores são notavelmente bellas e abundantemente perfumadas — excepto, está bem de ver, as que a Natureza, esmerando-se em as fazer bellas, de proposito ou por esquecimento as fez inodoras.

Grande multidão, grande barulho, uma onda de gente negra que vem dos lados da Vila Mousinho, enchendo a estrada numa extensão de muitos metros. São os regulos, os inhacuauas, que veem cumprimentar. A' frente de todos um diabo muito esguio toca uma especie de corneta muito comprida, para cima de dois metros, lisa no bocal, e terminada na outra extremidade por uma cabaça de gargalo recurvado. E' todo o instrumental de que dispõe o cortejo para realisar a sua marcha e executar as suas dansas. As mulheres apresentam-se abundantemente vestidas; algumas servem-se dum pano vistoso, rico de côr, como se fosse uma capa de estudante, elegantemente traçada. Os regulos parecem figurantes d'opera, muito empenachados, quasí todos com saiote de pele de macaco dourado, cortada ás tiras. O cinto de missanga, a varias côres, é adorno que nenhum dispensa nas grandes solenidades e cada qual o ornamenta segundo o seu gosto artistico. Simplesmente esta ornamentação não vai além da linha recta combinada de varias maneiras, de forma que os desenhos são figuras elementares da geometria, o triangulo, o quadrado, o losango com as suas bissetrizes. Braceletes em abundancia, nos braços e nas pernas, uns de chapa lisa, outros de arame torcido, e cascaveis, produto da industria local, uma especie de coleira, presa acima dos tornezelos. Chama-se Rinzi, o chefe de todos estes regulos, homem baixo, atarracado, olhar vivo, inteli-

gente. A sua pluma é a maior, e um grande cordão de missanga, posto como se fosse a banda dos antigos uniformes do nosso Exercito, cai-lhe abaixo dos joelhos, em borlas muito bem feitas. Tem uma pensão do Estado, o sr. Rinzi, ganha por ocasião da ultima revolta do Zumbo. Os seus vassalos, quando falam com ele, *em actos oficiais*, ajoelham. Não é mau, não é sequer violento; mas guarda o prestigio da autoridade que exerce — vejam-se neste espelho os brancos — com um zelo quasi religioso. Foi por isso que ele nos poude auxiliar eficazmente, impedindo que a sua gente ou tomasse partido contra nós, ou se puzesse de lado, deixando-nos entregues aos nossos proprios recursos, que não eram muitos.

O angone é um soldado valente, destemido, e uma parte da sua valentia é feita de brio, de altivez. Leva o seu amor pela independencia até á ferocidade, sendo-lhe mais grata a morte que a sujeição. Quanto ao mais é como os outros pretos, grosseiramente supersticioso, sem nenhuma tendencia a mudar, por si, as primitivas condições de vida social, evoluindo para a nossa civilisação.

Pois dansam muito bem os vassalos do sr. Rinzi; os seus cantares, a duas vozes, são melodiosos, sem gritos asperos, sem guinchos de animal bravio. Ha uma grande cadencia nos movimentos, que executam com todo o corpo, sobretudo as mulheres, feias mas elegantes, dobrando-se em curvas graciosas, duma voluptuosidade que nada

tem que ver com o descaro lubrico das pretas de Mundi... Homens fortes, bem musculados, sem prognatismos maxilar ou dentario, os labios pouco grossos, as maçãs do rosto sem notavel saliencia, os angones são uma aristocracia da raça, considerada nos seus caracteres fisicos. Poderiam sel-o tambem, considerados os seus caracteres morais, se deles nos tivessemos ocupado devidamente, educando-os pelo trabalho e pelo exemplo.

O Rinzi tem vinte e cinco mulheres, mas só quinze vieram com ele aos cumprimentos, entre elas a favorita. Com elas se retrata, muito contente, orgulhoso como Salomão no meio das suas oitocentas concubinas.

Terminada a festa, o Rinzi despede-se em nome de toda a sociedade, e um principesito que o acompanha, o seu filho mais querido, herdeiro presumtivo... da palhota, boneco de oito a dez anos, perfilando-se com muita *pose*, faz-nos uma continencia à boche, o cascabulho!

Ha aqui perto de Vila Coutinho uma Missão catholica, que eu desejo visitar, não visitando a Missão protestante, que tambem não fica longe, por andarem as duas em guerra aberta, cada uma d'ellas pretendendo que desapareça a outra. A razão, porém, está do lado da Missão catholica, que já estava estabelecida, quando a Missão protestante, sem fazer caso da lei, quanto á distancia

que devia respeitar, veio estabelecer-se na sua visinhança.

Tudo é pobre n'esta Missão — a Igreja, a Escola, a Oficina. Dos mil hectares de terreno — uma bôa herdade alemtejana — que foram concedidos a esta Missão, apenas estão aproveitados, em horta, alguns metros quadrados. E' uma hortasinha de caseiro, que se limita a tirar d'ella hortaliças para o seu consumo. Muito desvanecido, o Missionario leva-me ao pé d'uma searita de trigo, obra de um ou dois alqueires, e pede-me bois e charruas para se fazer grande lavrador. O que o desespera é não ver chegar gente para o batuque, não obstante a recomendação que fizera, na vespera, para não faltar ninguem, e serem da mais rigorosa pontualidade. Afinal chegam os batuqueiros, fazendo enorme algazarra, e o interprete explica a demora: — Andaram a apanhar ratos e cobras.

Os pretos gostam muito de ratos, diz-nos o Missionario, e como se divertem a caçal-os, não ha maneira de os levar a renunciarem a uma pratica que lhes dá o agradavel misturado ao util.

Faz-me impressão o aspecto miseravel desta gente, e atribuo a sua mizeria organica á qualidade e insuficiencia da sua alimentação.

Fica Villa Mousinho, onde está o nosso encarregado da Alfandega, o nosso encarregado do correio, e o nosso fiscal do Prazo, a uns cincoenta kilometros de Villa Coutinho e liga as duas

Villas uma bela estrada, que permite velocidades de quarenta milhas á hora. Tudo pobre, tudo reles, tudo pelintra na Villa do governo, contrastando com o bom arranjo, o conforto, as comodidades quasi roçando pelo luxo, da outra Villa. Somos pobres, é certo; mas se a pobreza não permite a sumptuosidade, não exclue a decencia. O preto sabe fazer confrontos, e desviando os olhos de Villa Coutinho para a Villa Mousinho, concluirá pela inferioridade do senhorio em comparação do rendeiro, mal sabendo explicar como não se encontram a força e auctoridade do lado da riqueza, tomando como riqueza algumas das suas manifestações exteriores.

E' um pequeno passeio lá abaixo, onde residem o medico e o boticario, e d'esse pequeno passeio não me dispenso, para verificar o que aquilo é. Casa do medico, sem condições de habitabilidade, e uma cavalariça ou chiqueiro, que ainda ha pouco era posto vacinogenico, podendo á vontade, como enfermaria, alojar dez a doze camas.

Se me demorar na Provincia, e dispuzer das suficientes somas, porei na frente de Villa Coutinho uma Villa Mousinho que não faça a nossa vergonha, antes afirme a legitimidade da nossa posse sobre territorios tão vastos e tão ricos como são os da Angonia.

Magnifica casa de campo para além de Villa Mousinho, em plena charneca, á beira d'um rio de

aguas claras, tumultuoso quando enche, ainda interessante quando seca, porque nunca seca por completo. Faz pena vêr ao abandono uma casa assim, mobilada com muito gosto, o seu jardim provido das mais lindas flores e das melhores arvores de fructo, nada lhe faltando que seja conforto, que represente comodidade.

Mais adiante fica a grande plantação de tabaco do sr. Hornung, que só quiz produzir tabaco durante a guerra, quando elle se vendia a trezentas libras a tonelada. Grandes fornos, grandes armazens ou depositos, e varias casas, irrepreensivelmente hygienicas, para a gente branca e preta que ali trabalha. O sr. Cadia, o indigena que tem encargo deste estabelecimento agricola, onde se não trabalha desde que acabou a guerra, faz-nos uma continencia tão rigorosamente *boche*, que eu pergunto ao sr. Paiva Raposo se elle foi soldado alemão.

Homem de fino gosto e maneiras delicadas, o sr. Cadia oferece-me um grande molho de rosas, muito frescas, brancas e vermelhas, e sorriem-lhe as meninas dos olhos quando reconhece que eu tenho na maior conta o seu delicado presente. A menina Victoria, muito gorducha, cumprimenta a gente em dois tempos, o segundo dos quaes é uma embigada, que ella fez acompanhar dos seus melhores sorrisos, faceis e prometedores. Não tem filhos, e isso a desgosta imenso, porque desejava trazer ás costas, como as outras pretas, que mais

não fosse um mulatinho — o que não acenderia furias no sr. Cadia, grande philosopho no que diz respeito á moral dos sexos.

Manhã fria; o termometro marca doze graus. O nevoeiro é denso e molha. Do sol não ha noticias, mas é licito esperar que apareça daqui a pouco, senão para aquecer, ao menos para iluminar, tornando largos os horisontes. Gente que acode á beira da estrada, ouvindo o barulho do automovel, a tremer de frio, mal enrolada nos seus trapos.

Acodem-me á memória estes versos de Junqueiro:

O' Deus Forte, ó Deus justo, ó Deus clemente!
Para que eu seja um verdadeiro crente,
Com muitissima fé nos teus assombros,
Tu que já fizeste parar o sol
Digna-te ó Deus lançar sobre meus hombros
Um capote espanhol.

A estes pobres diabos bastaria um cobertor de papa, mais precisados de farpela que de rima, justamente o contrario do que acontecia ao poeta, quando estava a engendrar esta versalhada irrespeitosa.

Desapareceu o nevoeiro, mas veio a chuva; a temperatura mantem-se baixa. Vamos pela estrada de Tete até aos limites da Angonia. Charneca pouco densa, campinas muito extensas, palhotas em grande numero, umas dispersas, outras agru-

padas. Fecho os olhos para ver estes campos já limpos, cobertos de searas verdejantes, e enlevo-me, por momentos, no sonho duma colonia feliz e prospera, constituida por algumas duzias, algumas centenas de familias para aqui atiradas, sob a proteção do Estado, pelas crescentes dificuldades de vida na Metropole.

E' tão bom sonhar!

Deus sabe quando esta estrada chegará a Tete, vencidas as dificuldades d'uma zona alpina, que se interpõe, brutalmente alcantilada. Na medida em que o puder fazer, habilitarei as Obras Publicas com os fundos necessarios para este melhoramento, para nós mais urgente e de maior valor que as estradas de Tete ao forte Jameson, n'uma extensão de aproximadamente quatrocentos kilometros.

E' bom sonhar, mas ha perigo manifesto em acreditar nos sonhos, como se fossem realidades.

Não se estudou ainda esta vasta região, a Angonia, sob o ponto de vista da colonisação europeia, afirmando pessoas respeitaveis, mas sem auctoridade, que o seu clima é excelente, e que é fertil, capaz de tudo produzir com abundancia, o seu solo.

Apraz-me acreditar que assim é, tanto mais que aos meus olhos de lavrador estas terras, argilosas em grandes tratos, silico-argilosas pela maior parte, afirmam a sua capacidade para as culturas frumentarias.

Importa ter em consideração que da Angonia a Tete a distancia é de bons trezentos kilometros, e de Tete ao Chinde, descendo o Zambeze, é um pouco mais do dôbro desta distancia. Se a mercadoria da Angonia procura o mar, aproveitando o caminho de ferro que liga o Chinde ao Limbe, e do Chinde desce o rio, ou toma o Tranzebeziano, para embarcar na Beira, é igual o numero de kilometros que percorre, e taes distancias oneram a mercadoria de forma a tornarem quasi inacessivel, nos mercados a que se destina, para além dos mares, o seu preço de venda. A população indigena da Angonia é de 62-384 habitantes, homens, mulheres e crianças, sendo um pouco menor a da Macanga, que forma com a Angonia uma circunscripção fiscal. O preto tem poucas necessidades, e para as satisfazer quasi não carece de trabalhar, porque a natureza lhe fornece, sem canceiras, o alimento, e o vestuario dispensa elle.

Considerações são estas que eu vou fazendo, acordado do meu breve sonho, enrolado no capote, porque o frio aperta, tão desejoso de chegar a Villa Coutinho que mal reparo n'uma Igreja que nos fica á esquerda, em plena charneca, templo modesto a lembrar as ermidas que ha na minha Provincia, longe das povoações.

Maravilhosa invenção a dos gramofones!... Está a gente no coração da Africa, rodeado da

bicharia mais feroz que existe sobre a terra, e ouve os mais lindos trechos da opera, tão real e perfeitamente como se estivesse a escuta-los no teatro. E não ouve apenas a musica instrumental; ouve os cantores mais ilustres, as guelas mais famosas de quantas vocalisaram em scena, entusiasmando as mais exigentes plateas, desde que se conseguiu fixar a voz humana em discos metalicos. Pois deliciei-me esta noite a ouvir a *Carmen*, a *Boémia*, o *Fausto*, o velho *Trovador*, a sempre nova *Traviata*. Surpreendi-me a aplaudir a Tetrazini, como noutro tempo, em S. Carlos, e por um pouco não grito bis á senhora Barrientos, enlevado na magia de sua voz··· Lá fóra, quebrando o silencio duma noite sem luar, sem estrelas, uivam os chacais.

Não sou dos que embirram com a dansa, mas raramente gosto de ver dansar. As pessoas que dansam··· são quasi todas as que se podem mexer; o numero dos que sabem dansar é duma exiguidade notavel. Numa sala em que dansam dez ou doze pares raramente haverá três ou quatro que dansem capazmente. A dansa, em meu entender, não é mais do que a expressão corografica da musica, e daqui resulta que para dansar bem, além do mais, é necessario ter bom ouvido e ser capaz de interpretar a musica por forma a bem a traduzir em atitudes e movimentos. A dansa é a harmonia, é o rithmo, é a graça. Por isso mesmo ha pessoas que nunca deveriam dan-

sar, por bem adextradas que tenham as pernas. Imagine-se, por exemplo, um elefante a dansar um minuete, um cavalo-marinho a dansar um *pas-de-quatre!* Já se não pode dizer o mesmo das gazelas, tão vivas nos seus movimentos, tão esbeltas no seu talhe.

Se o leitor conhece *Os Milhões do Arlequim* calcule o que será essa musica, toda de pequeninas curvas, ligeiras ondulações, quasi subtis meneios, dansada por um nabo agarrado a uma abobora! A forma geometrica de certas pessoas, mais sobre o redondo que sobre o comprido, deveria interditar-lhes a dansa, a não ser como remedio, tomado ás escondidas, por conselho do medico, para derreter as banhas.

E aqui está porque a musica, na Angonia, me divertiu mais que a dansa.

Regresso ao Limbe

Vamos deixar a Angonia. Desejaria que a minha visita a este Prazo fosse mais demorada, para mais completamente me inteirar ácerca das suas possibilidades de riqueza, e desejaria estender a minha visita á Macanga e á Maravia, indo n'um salto até ao Zumbo, que é o ponto em que o Zambeze, vindo de Angola, reentra em terra portugueza. Deixaram de ser exploradas, ha muito tempo, umas minas de grafite que ficam a pouca distancia de Villa Mousinho, e corre de boca em boca, figurando em almanaques e anuarios, que este Prazo, a Angonia, é abundante em filões de ouro, ferro, cobre, metaes que na realidade se encontram em toda a parte, no districto de Tete, mas insusceptiveis, por diminutos, de regular exploração.

A *tsé-tsé* infecta este Prazo, em manchas descontinuas, e constitue esta calamidade, para a qual ainda se não encontrou remedio eficaz, um em-

baraço grande ao desenvolvimento da industria pastoril.

Vamos deixar a Angonia, e para não sairmos por onde entramos, iremos por Villa Mousinho, e assim terei ocasião de visitar, perto da fronteira, a propriedade do sr. Santos, que se dedica cheio de esperança, e vasio de recursos, á cultura do tabaco.

Apeamo-nos em Metengobane, que é um dos varios Postos que o sr. Hornung tem no Prazo, e dos melhores, ao que me dizem. As instalações nada deixam a desejar, Muitas flores; muitos arvores de fructo; muitas galinhas; muitos coelhos; um casal de perus brancos, chibantes como se fossem inhacuauas ou fumos. O peru, muito ciumento, não consente que alguem se aproxime da perua, ameaçando servir-se do bico á maneira de choupa ou navalha. Talvez haja sentimentos privativos do homem, não se encontrando sequer em estado rudimentar na outra bichesa da criação. Se os ha, elevados ou baixos, pouca importa, o ciume não é um d'elles.

Perto da estrada, para além da Villa Mousinho, á direita, ficam os fornos do sr. Barbosa, visinho do sr. Santos, e como elle plantador de tabaco, possuindo alguns meios de fortuna.

Farto de esperar por nós, calculando que tivessemos resolvido ir por outro caminho, o sr. Santos, caixeiro nos seus começos da vida, foi postar-se na estrada de Zomba, ponto obrigado de passa-

gem, por ser unico. Visitamos a sua propriedade, ainda em começo de exploração, e prometemos-lhe satisfazer agora um pedido que ha muito nos dirigira em papel selado, e a respeito do qual a Alfandega, inspirada tão sómente no interesse do Fisco, dera informação desfavoravel. Fica radiante o sr. Santos, e maior seria o seu contentamento, se lhe não tivesse recusado um presente de tabaco, alegando que não fumo e que deixei de fumar ha muitos anos.

Ainda me lembro d'um cachimbo de loiça, comprado na feira de Beja por quatro vintens, era eu estudante de latim, e hospede do sr. Catimbau, de grandes barbas. Só fumava de cachimbo na rua, para os outros verem; em casa fumava cigarros. A unica bebedeira que até agora apanhei — em bôa hora o diga — não foi de vinho, foi de charuto, um magnifico charuto de dez réis, que fumei puro, a exibir a minha importante pessoa, estudante do Lyceu, n'uma corrida de touros, em Aljustrel. Não cheguei ao fim do espectaculo. Meti-me na cama, a vomitar como um perdido, a cabeça a doer me desesperadamente, e o corpo quebrado, moido, como se tivesse feito pegas.

Foi chamado o dr. Metelo, medico e amigo da casa. Tacteou-me o pulso, viu-me a lingua, e disse para minha mãe, n'uma aflição, porque a doença veiu de repente:

— E' uma sesão. Quando lhe passar toma o sulfato.

O trabalho que eu tive, no dia seguinte, para não tomar o quinino, sabendo perfeitamente, mas não o podendo dizer, que elle me não era preciso para nada! Resolvi um dia, quando já punha a navalha na cara, não fumar, e assim augmentei as minhas virtudes pela eliminação d'um vicio, o que talvez não aproveite grandemente á salvação da minha alma.

Almoçamos em Licuene, á sombra de dois formidaveis Cumbanos, a guardarem uma ponte de alvenaria, insignificante como o rio que atravessa. A começar por mim, que sou fraco manducador, todos fazem honra ao almoço, e todos bebem agua do rio, muita fresca, muito limpida, a correr num leito de pedras. Um pouco adiante do acampamento do major Filips um ciclista, melhor dizendo, um moto-ciclista entra a zig-zaguear na frente do automovel, que por um triz o não apanha, atirando-o para a valeta. — Era o ministro da fazenda da Nyassaland que talvez distraido a pensar no orçamento do protectorado, guiava a sua *moto* á moda de mil diabos.

Demoramo-nos em Zomba apenas o tempo bastante para a expedição de telegramas, e esses poucos minutos aproveito-os eu para estender as pernas. O sitio, na verdade, é aprazivel; a vegetação é vigorosa, como nos tropicos; a frescura, no tempo quente, é a dos grandes parques umbrosos, com alamedas que parecem naves de catedral.

Vamos devagar porque não temos pressa. Blanteyre vê-se em poucos minutos, e o Limbe fica a meia duzia de kilometros de Blanteyre. Passa imensa gente em direcção a Zomba, vindo duma feira, lá diante, á beira da estrada. Muitas lojas de monhé a curta distancia umas das outras, e em cada loja uma Singer, ou equivalente maquina de costura.

Zomba é a séde do governo; mas Blanteyre é a mais importante povoação do Protectorado. O seu comercio é todo de asiaticos, havendo um ou outro europeu amonhesado que com ele concorre, sem vantagem. As casas, com rarissimas excepções, teem as paredes de tijolo e a cobertura de zinco vermelho, o que dá ao conjunto o tom duma povoação algeriana, se o pintor Fromentin não enganou a gente a mostrar-nos aspectos da Algeria. Nenhum edificio que prenda a atenção; a mais charra banalidade em materia de construções urbanas num logarejo de terceira ordem.

O superior da Missão recebe-nos em sua casa, e obsequeia-nos com chá e bolos. E' um homem simpatico, de grande cultura, muito devotado ao seu mister. Está a Missão instalada num grande parque, que é ao mesmo tempo jardim e horta. A Igreja é um arremedo de catedral, feita de tijolo vermelho, com as suas torres esguias, os seus arcos butantes, as suas ogivas envidraçadas, as suas naves muito compridas, estreitas como cor-

redores, pobre de ornamentações como todas as Igrejas protestantes.

— Parece gótico...

Creio que sim, que é gótico cafreal.

Visito as instalações hospitalares, e porque sabem que sou medico, tudo me fazem ver em detalhe. As enfermeiras são pretas; vestem blusa branca e usam cinto encarnado. O arsenal cirurgico é regularmente provido, e todas as operações de urgencia aqui se fazem — escapa quem não tem os seus dias contados.

As oficinas da Missão ficam todas em seguimento umas das outras, no mesmo pavilhão, e todas ellas rendem não só para cobrirem as respectivas despezas, mas ainda para alimentarem um fundo de proteção aos rapazes e raparigas que acabam o seu internato. Mostram-me trabalhos de marcenaria, artisticamente executados; o calçado é bem feito, e os artigos que saem da typografia seriam bons em qualquer parte.

— Os beneficios da Missão, pelo que respeito á moralidade indigena, são apreciaveis?

Por ora a Missão, falha de recursos, não tem podido acompanhar o indigena desde que elle a deixa, até que alcance uma situação, e o resultado é um lamentavel regresso ás praticas cafreaes. O assumpto é melindroso, e eu não quero satisfazer a minha legitima curiosidade, obrigando o superior da Missão a relatar-me factos que muito bem conheço, tirando d'elles, pela força de

logica, conclusões que lhe não podem ser agradaveis.

A verdade é que as raparigas da Missão, a despeito do ensino e educação que lhes ministraram, recheando-as de bons conselhos e dando-lhes os mais salutares exemplos, saem d'ali, quasi todas, para a prostituição, entregando se a quem lhes paga.

Anoitece. Retiramos para Limbe, onde passaremos a noite em casa do sr. Roy.

Não se pode dizer que esteja frio; mas gostamos de encontrar aceso o fogão, embora a casa do sr. Roy seja o mais confortavel possivel.

A pouco e pouco chegam os convidados, entre elles··· a mais linda rapariga de Limbe, conforme Mrs. Roy tinha prometido — mais linda que as suas lindas rosas.

Na verdade é linda o demonio da rapariga; alta, esbelta, os cabelos negros fazendo redemoinho no pescoço, os olhos castanhos, a pele muita fina, muita branca, dando á vista a impressão de macieza que dão as folhas da magnolia. Não ha desenho mais correcto do que o da sua boca, a não ser o do seu tronco, de linhas aristocraticas. Fragil como é a sua blusa, em seda clara, a gente rasga-a com a vista, sem querer, e surpreende-se a estende. os labios, tambem sem querer, instintivamente, para os nevados lirios que tem no peito··· Mulheres assim deveriam apresentar-se nuas, completamente nuas, e por seguro tenho

que a emoção estetica dominaria os impulsos sexuais, por forma que o triunfo da Arte seria ao mesmo tempo o triunfo da Moral.

A sala é pequena, mas chega para dansarem tres ou quatro pares, excepto quando na composição d'um par entra a senhora americana, que Mrs. Roy me apresentou ha instantes, fazendo das suas qualidades o elogio mais rasgado. E' uma pessoa montanhosa; veio casada para a Africa, e aqui se conserva a espairecer a sua viuvez, sem pressa de regressar á America.

Mrs. Roy não dansa, mas canta, e fica muito satisfeita por eu lhe dizer que tem uma linda voz. Esmera-se em bem servir os seus convidados, e para todos, indistintamente, tem palavras do mais enternecedor carinho, solicitudes de velha amiga, rodeada das suas mais experimentadas amizades.

A pobre senhora!

Qualquer coisa lhe disse, sem intensão, que a fez acreditar nos meus sentimentos religiosos, talvez catholico, talvez protestante, religioso em todo o caso. E assim ganhei a sua estima, a sua afeição de mulher devota, tão ferozmente devota que já foi preciso, n'uma crise de religiosidade, sequestra-la por algum tempo. Pede-me que seja carinhosa para com os míssionarios protestantes, recomendando me com especial empenho os que estão no Alto Molocué *between anthropophagi*. Desapareceu, ha muito, da Provincia, o anthropophagismo; mas alguem, por ignorancia ou por

maldade, disse a Mrs. Roy que os pretos do Alto Molocué ainda se alimentam de carne humana, e ella na candura da sua alma, limpida como um cristal, treme pela sorte dos seus missionarios. A verdade é que na Provincia ainda as pessoas se comem umas ás outras; mas passa-se isso como entre brancos, e os comidos são invariavlmente os mais honestos ou os mais parvos.

Acabada a festa, d'uma rara distinção, cada qual recolhe aos seus aposentos, e eu encontro sobre a mesita de cabeceira, uma fitinha verde marcando a pagina... uma Biblia protestante!

O Nyassaland! O Chire! O Ultimatum!

Tive a felicidade de pertencer á geração academica que suscítou o protesto nacional contra a Inglaterra, nossa aliada de seculos, nossa amiga pela afirmação repetida dos Tratados, nossa visinha em todas as partes do mundo onde temos colonias, quando se dispoz, em 1890, a espoliar-nos pela força, se á bôa paz não quizessemos deixar-nos espoliar.

Sem a mocidade das Escolas, que soube compreender a gravidade do ultraje que nos era feito, e o alcance da espoliação que contra nós se projectava, o Paiz não teria reagido, narcotisado pelo Regimen que lhe fizera perder, que lhe embotara, até quasí lh'a extinguir, a sensibilidade moral. Foram os rapazes, os estudantes, as academias que soltaram o primeiro e clamoroso grito

de protesto, que era um grito de alarme, e foi como se uma corrente electrica vitalisasse um cadaver.

Foi ha trinta anos; mas sem esforço eu rememoro as phases d'essa gloriosa campanha, iniciada e dirigida por academicos, campanha só inspirada no sacrosanto amor da Patria.

Recordo um dos seus episodios pitorescos, que os ha sempre no desenrolar de acontecimentos solemnes ou tragicos.

Estavamos no Martinho, eu, o Hyginio, o Figueiras, o Penteado, o Fialho e outros dos muitos que costumavam ali arranchar, quando alguem vindo da rua, informa que um grande cortejo, á frente do qual ia o Eduardo d'Abreu, se dirigia para a Praça de Camões, com o proposito de pôr crepes no Epico.

Abalamos tomando pelo caminho mais curto, e exigindo das pernas o maximo que elas podiam dar. Uma enorme multidão, milhares de pessoas, enchia a Praça, sublinhando com freneticos aplausos as mais vivas passagens do discurso de Eduardo de Abreu.

Senão quando, perto de nós, um preto, estudante do Instituto Industrial, grita a romper os pulmões: — *Ai que me roubaram a bolsa! Ai que me roubaram a bolsa!*

Berra o Fialho, com a mais comica das furias: — *Abaixo os inglezes!... Até aqui nos roubam as colonias!...*

A corta-matos

A's 8 e meia o comboio dá o signal de partida e Mrs. Roy entrega-me um grande ramo de flores, com perfume de violetas, e recomenda-me outra vez os seus missionarios. Renovo-lhe os meus enternecidos agradecimentos por todas as gentilezas que para comigo teve, e afirmo-lhe que os seus missionarios encontrarão sempre no Alto Comissario, emquanto eu o fôr, o melhor acolhimento.

Good bye! Good bye!

A manhã está fria, e como vamos por caminho já percorrido, enrolo-me no capote, a um canto do salão, e esforço-me por dormir, fechando os olhos.

Qual dormir nem qual carapuça!

Choveu muito, por aqui, na vespera, de modo que o Ruo leva um bom fio d'agua, que ainda assim não lhe cobre o leito de pedra, em grandes monolitos. Quando enche a valer, é uma cor-

rente temerosa, mas despeja depressa. São assim, em geral, os rios d'Africa, sem exclusão dos mais façanhudos — o Zambeze, o Incomati, o Limpopo, rios moçambicanos, entende-se.

Um vasto campo de sisal, á esquerda, alvejando as fibras, em madeixas, junto á Fabrica, que é o centro d'uma pequena povoação indigena, a cada palhota correspondendo um pequeno hortejo, que fornece o milho, o feijão, a mandioca, generos de que ordinariamente o preto se alimenta.

Por um triz não descarrila o comboio, sem aviso para retardar o andamento n'uma curva em que ha trabalhos. O sr. Roy enfurece-se, o capataz desculpa-se e eu debruço-me na janela, a calcular o trambulhão que dariamos se tem havido descarrilamento.

A seis kilometros de Chilomo, a curta distancia do ponto em que o Ruo entra na Chire, espera-nos o governador de Quelimane, á frente d'um batalhão de carregadores e machileiros. Está com elle o capitão-tenente Brito, conhecido na Provincia pelo *sobriquet* de rei da Angonia. Segue no comboio o sr. Paiva Raposo, que nos receberá em Mopéa. Os meus agradecimentos ao sr. Roy, que para comigo teve atenções e deferencias que jámais esquecerei, e o pedido de comunicar a Mrs. Roy que não esquecerei os seus missionarios, que ella me recomendou com repetidas e carinhosas instancias.

Não oculto a minha aversão pela machila, de

que me servirei ainda, e largamente, no districto de Quelimane, percorrendo esta vasta Zambezia, salpicada de grandes lameiros, que são modestos pantanos, de rios e barrancos, que tornam dificil e extremamente dispendioso um regular systema de viação. Acode o rei da Angonia, oferecendo-me o seu burro, um famoso burro de Zanzibar, branco como a neve e forte como um toiro.

— A machila não me incomoda.

Não aceito o oferecimento, e estendo-me na machila, ao comprido, disposto a levar a minha cruz ao Calvario, fazendo bôa cara ao mau tempo, como o proloquio recomenda.

Marchamos atravez da charneca, desviando-nos aqui d'uma pequena lagôa, não podendo evitar, mais além, um pantano fétido. Ainda não dei pelos mosquitos; mas elles abundam n'estas paragens, e receio muito que a minha cathegoria de Alto Comissario os não contenha em respeito.

Os machileiros cantam ; a gente que acorre á nossa passagem cumprimenta, dando palmas, e assim vai seguindo a caravana, á frente o rei da Angonia, montado no seu burro branco, que trota como um cavalo, quando lhe chegam de espora.

Fazemos um alto horario antes de chegarmos ao Chire, para vermos as vacadas dos senhores Lopes, já donos de muitas centenas de rezes. E' gado indigena, mas do melhor. A pouco e pouco irão apurando a raça, desajudados do Estado, que não tem reproductores que possam adquirir os

lavradores incipientes, a quem sobeja em bôa vontade o que falta em dinheiro.

Passamos o Chire, em batelão; os carregadores e machileiros passam-n'o a vau, com agua pela cintura. Na Margem de lá organisa se um batuque, e os regulos fazem os seus cumprimentos.

Olho á roda, para o largo; tenho a impressão de estar no centro d'uma vasta planicie fechada por montanhas.

Já mal se lobriga o sol quando chegamos a casa dos senhores Lopes, em M'Gaza.

*

Todos fazem honra ao jantar, sem resaibos de cosinha estrangeira, um jantar bem portuguez, desde a sôpa á sobremeza. Sinto-me aqui bem, como em casa do Abel Francisco, naturalmente porque ciço uma linguagem igual á que elle me falava, reconheço que me acolhem com a mesma franqueza com que elle me acolheu, gente rustica, esforçados trabalhadores que fizeram com a Terra este pacto — elles dão-lhe a sua mocidade sem desfalecimentos, ella garante-lhes uma velhice sem privações.

A familia Lopes, irmãos e sobrinhos, constituiu se em sociedade, de exploração agricola, trabalhando cada qual para a sociedade, como pode, e déla tirando tudo aquilo de que carece. O gerente da exploração é o rei da Angonia, dos mais

velhos colonos que moirejam na Provincia. Ser-lhe-hia dificil, já agora, viver fóra d'aqui, não porque se cafrealisasse, mas porque se afez aos habitos, aos usos e costumes da terra; gosta imenso dos pretos, e não se dispensa de contribuir, até ao fim da vida, para que Moçambique seja uma Provincia tão portugueza, como o Minho ou o Algarve, só com a diferença de ter pretos á mistura.

Os senhores Lopes propõem-se tirar das suas propriedades tudo quanto d'ellas puderem tirar — algodão, milho, trigo ou arroz, sem contar com as varias especies de legumes. Instalaram as suas oficinas, carpinteiro e serralheiro; adquiriram charruas de vario typo, e estão dispostos a comprar tractores logo que o desenvolvimento da sua exploração justifique esse consideravel dispendio. O algodão que já produzem é de bôa fibra; o feijão é de excelente qualidade e o arroz é de primeira. Observo ao sr. Lopes que não tem maquina para descascar o arroz.

— Bate-se com umas varas e elle cae como um triste.

Teria respondido assim, pouco mais ou menos, o Abel Francisco.

Com muito orgulho nos mostra o sr. Lopes uma linda massaroca de milho branco, afirmando que tem para cima de mil e quinhentos bagos, e não é a maior que tem colhido. Este ano foi bom;

meteu no celeiro umas oitenta toneladas de feijão e umas duzentas de milho.

— Se Deus me ajudar, os meus filhos hão de ter melhor vida que a minha.

Comprou novecentas rezes d'uma assentada, com dinheiro emprestado; mas essa divida não o assusta; espera pagal-a em tres ou quatro anos, se o tempo lhe servir.

— V. ex.ª não faz ideia... Aqui tudo se dá bem. Atira a gente o grão á terra, e se o tempo vem favoravel, a seara é uma bruteza.

Pela manhã, depois do mata-bicho, põe-se a caravana em marcha, e desta vez é que não resisto a trocar a machila pelo burro. Irei vendo tudo á minha vontade, a um lado e outro, andando mais depressa ou mais devagar, segundo me aprouver, e algumas vezes me apearei, sem incomodar os outros, para apanhar seja o que fôr. Grão de bico, ainda verde, por exemplo. Gosto de o comer assim; elle era uma das minhas gulodices de rapazote, como as favas, tambem verdes, como as xixaros, que eram, na classe dos legumes, o genero de menor cotação.

Os machileiros gostam de alombar com pessoas de importancia. Não é porque a carga lhes pese menos; tambem não é porque lhes paguem melhor. No fundo é uma vaidade de preto, muito semelhante á vaidade do branco, o que tudo contribue para afirmar a unidade do genero humano, seja qual fôr a origem do homem. Pois não

me parece que o burro dê mostras de grande satisfação ou desvanecimento quando lhe salto para o lombo, sem me servir do estribo, no unico proposito de verificar se ainda sou capaz d'um movimento agil.

Elle importa-se lá, o burro, que lhe escarranchem em cima o Alto Comissario!

O sr. Lopes tem aqui uma bela seara de grão; uma bela seara de linho, com a sua pequenina flôr de myosotes; uma bella seara de algodão, que parece um campo de papoulas, brancas e vermelhas, á mistura; uma bella seara de hervilhas, muito frescas e perfumadas. A hortelã, a salsa, o alho, a cebola, a couve o rabano, tudo aqui nasce e cresce como na Europa. O melão e a melancia é que degeneram se não fôr renovada a semente em cada ano, e estes fructos selvagens só porcos os podem tragar. A figueira, diz-me o sr. Lopes, prosa muito bem, duas camadas por ano; o que é preciso é não as pôr muito juntas.

— As arvores devem ser espaçadas conforme a sua sustancia.

O burro anda que se desunha; os pretos só podem acompanhal-o, trotando quando elle vai a passo, e precisam galopar quando elle trota. Estou em dizer que ao burro, mais resistente ás doenças tropicaes que o cavalo e a mula, compete um grande papel na obra da civilisação africana, na Provincia, emquanto por outra forma se não re-

solver o problema da viação. E' verdade que o lamentavel atrazo em que se encontra Moçambique contraria esta minha hypothese, devendo ter-se em consideração que muitos burros temos importado da Metropole e muitos poucos de Zanzibar.

Almoçamos ao ar livre, junto d'umas tulhas onde os senhores Lopes recolhem uma bôa parte da sua variada seara. O passeio a todos abriu o apetite, até a mim, que ordinariamente como pouco, e que a jornadear como pouco mais de nada. A esposa do sr. Lopes não aquece o logar á meza, multiplicando-se para dar ordens — leva isto, leva aquilo, tira os pratos — dona de casa á antiga portugueza, na familia dos lavradores, sendo a mais diligente das criadas, havendo hospedes.

Passa um diabalma, desempenado e forte como um atleta, levando na mão uma descomunal folha de piteira. O sr. Lopes, vendo que eu reparo no moço, informa:

— Aquele é o maior malandro do rebanho. Quando o descomponho, fica-se na sua paz de espirito, a falar sempre na mesma toada.

A propriedade do sr. Lopes é enorme, e de toda ella só uma pequena parte está cultivada.

— O que d'aqui tiro, aqui o emprego. Quando tiver a terra limpa, então começarei a fazer al-

gumas economias; mas primeiro pagarei o que devo, já se vê.

Para strictamente observarmos o programa adoptado, precisamos erguer vôo d'aqui, sem demora, indo pousar alguns kilometros mais para além, ainda nos dominios do sr. Lopes. Volto á machila, e marchamos atravez da charneca brava, sem grandes arvores. Deito-me de lado, como para dormir, e fecho os olhos para os não magoar nas asperezas selvaticas da paisagem.

Ainda cêdo, bastante cêdo, chegamos ao logar onde passaremos a noite, devendo partir na manhã seguinte, largamente repousados, com destino a Aguas Quentes.

E' proposito do sr. Lopes construir aqui uma bôa casa de habitação. Por ora governa-se com as acomodações que tem, uns casinhotos insignificantes, que aproveita para arrumações.

Subimos a um outeiro proximo, onde o sr. Lopes tenciona construir uma *casa de chá*, por indicações do rei da Angonia, e d'ahi gozamos um admiravel pôr de sol, demorando-nos até que baixe a noite, enchendo de sombra a vasta, infinita planicie, metida n'uma cercadura de pequenos montes.

— Ha feras por aqui?

Ora se ha! Talvez esta noite se oiça cantar o leão.

— D'uma vez ia eu montado no meu burro, a caminho de casa, já noite velha, quando de repen-

te, n'um clarosinho, me aparece, um leão, grande como uma torre, a olhar direito a mim, sem bulir, sentado nos quartos trazeiros. Não levava espingarda nem revolver, que são coísas que nunca uso. O burro deu faro do bicho e poz se a tremer como varas verdes. Trazia duas enchadas, para amanhar, e lembrei-me de bater com uma na outra, ferindo lume. O caso foi que o leão meteu-se no mato, como quem levava pressa, e eu meti esporas ao burro, que desatou a correr como se fosse um cavalo de cem moedas. Ainda estou para saber qual de nós os tres, eu, o burro e o leão, apanhou maior cagasso...

Jantamos n'um pavilhão *ad hoc*, sobranceiro ao rio, n'este ponto sem agua, e vamos, seguidamente ao jantar, ver o batuque, na rua do Monte, como se dizia do Alentejo.

Estes pretos são como todos os pretos que já vi; este batuque é, pouco mais ou menos, como todos os que tenho visto. Noto que as raparigas combinam, em voz baixa, os seus cantares e as suas danças, exactamente como faziam, no meu tempo de escolar primario, as moças de Jungeiros e de Rio de Moinhos, as mãos nas mãos, algumas vezes o braço pelo hombro ou pela cintura Muitos d'estes homens tosquiam-se ás carreirinhas, como os carneiros; alguns deixam pôpa no alto da cabeça, e outros quadriculam a carapinha, com rigores de geometria.

Ha que resolver um milando, uma terrivel

questão entre dois pretos, por causa d'uma panela. Um dos contendores é o dono da panela, e não quer cedel-a ao outro, que d'ella precisa, ocasionalmente, para cosinhar a ceia.

— Você agora não precisa da panela, e aquele precisa. Quando elle se tiver servido d'ella, vem-lh'a trazer.

— Mas é que elle não torna a dar-m'a...

— Por essa fico eu. E se não lh'a desse, eu dava-lhe outra igual ou melhor, e o melro depois saberia o que lhe custava a brincadeira.

Noite de grande ventania, que eu me delicio a ouvir soprar na telha vã. Sempre á espera de ouvir cantar o leão, dou voltas e reviravoltas na cama, até que pego no somno, dormindo como um santo até ouvir rumor de gente erguida, inundado o quarto da luz macia, quasi dôce, muito clara, do sol nascente.

Despeço-me da familia Lopes muito reconhecido pela maneira como me acolheram e trataram, fazendo sinceros votos para que a Fortuna corresponda aos seus esforços, coroando do mais completo exito as suas legitimas ambições.

— Os senhores hão-de desculpar terem sido tão mal recebidos; mas aqui não temos arranjo para hospedes, e mesmo a gente, quando vem aqui passar dois ou trez dias, vê-se e deseja-se com falta de tudo.

A verdade é que não demos pela falta de coisa

alguma, nem sequer pela falta de quartos — armadas as barracas de campanha, optimas barracas americanas.

Mal consigo beijar a pequenina Arminda, agarrada ao seu moleque, receosa de que eu a leve comigo na machila. As creanças gostam muito dos pretos, talvez porque elles as entreteem e acarinham, os que fazem de ama seca, como nem sempre fazem as mulheres brancas.

— Queres ir com este senhor, minha filha ?

Não quer, e faz ella muito bem.

*

Rompe a marcha o rei da Angonia, no seu burro branco, de Zanzibar, e logo começa a algazarra dos machileiros, atroando os ares com os seus urros, os seus guinchos, a sua monotona cantoria. A charneca é pouco densa, e as arvores são maiores, muito maiores que nas outras charnecas que já vimos, atravessando-as. Agua por toda a parte, excepto nos mucurros e nos rios, mizeraveis correntes. Não ha pasto seco, não ha arvores secas, a não ser as que morreram, e ainda algumas d'estas, retendo um pouco de seiva, fazem rebentar gomos na axila das pernadas ou ramos grossos — uma especie de flora cadaverica!

Almoçamos debaixo d'uma *Arvore da febre*, e isso me adverte da necessidade de tomar quinino. Chama-se assim, arvore da febre, a uma acacia de grande porte, o tronco geralmente em forma

de triangulo, algumas vezes quadrangular, e nunca em forma cylindrica ou conica, como é, geralmente, o das outras arvores. Porque ha sempre mosquitos onde estas arvores se criam, chama-se-lhes arvores da febre, *tree fever*, á ingleza. O tronco é esverdeado. Depois do Imbundeiro é a arvore menos simpatica que ainda topei na Provincia.

A' beira do caminho por onde vamos, caminho deserto, ha bilhas com agua, para os machileiros se dessedentarem, bilhas de barro que elles levam á boca, empanzinando-se, ou então uma especie de potes, muito bojudos, de boca larga, de que tiram a agua com uma colher de pau, de cabo comprido, talvez antes uma especie de cachimbo com a boquilha massissa. Mulheres que acorrem á nossa passagem, habitando á beira da estrada ou a pequena distancia, acompanham a caravana até por ahi álem, saltando como gazelas, e raras se esquecem de aconchegar os panos de modo a não ser visto aquilo de quem vergonha é natural reparo, e que a Venus encobria com um delgado sendal, para acender desejos na marinhagem do Gama.

E' pudor?

Certamente que é, por muito que aos pretos neguem este predicado os brancos impudicos. Tambem pode ser *coquetterie*, e a palavra não é mal empregada, tratando-se de mulheres que exibem a sua nudez, pouco menos de completa, á

clara luz do dia. Ha que tempos venho eu a reparar n'uma cachopa que de quando em quando se aproxima da machila, desviando-se de coisa nenhuma que encontra na sua frente, porque já percebeu que eu pousei os olhos, repetidamente, com demora, nos seus peitos á solta, rijos como limões verdes. Fica-lhe bem uma fita branca, de trapo, á roda da cabeça, como usam as Senhoras, e dá-lhe muita graça um colar de bagas vermelhas, que traz enrolado ao pescoço, caindo uma ansa até aflorar-lhe os seios. Toda ella é bem feita, esta Selika do mato, e em toda ela ha a vibração estranha, alucinante, das carnes tenras e virgens.

Aqui vamos agora atravessando uma derruba em que trabalham pretos sob a fiscalisação d'um branco, mas não vejo, perto ou distante, uma casa, que mais não seja uma grande palhota maticada em que o branco habite. O colono portuguez, por ignorancia e por habito, instala-se no serfão africano, para viver á moda da terra. Não tem noções de hygiene, e não tem, na maior parte dos casos, habitos d'aceio. Tirante a alimentação, que não pode reduzir ao milho, ao feijão, á mapira, vive exactamente como os pretos, e porque é menos forte do que elles perante as brutalidades do clima, vae-se abaixo em menos de nada — perde muito depressa a saude, e se teima em ficar, perde a vida. Refiro-me ao colono que se mete

a lavrador, vivendo e trabalhando no campo, desfructando com pouco dinheiro uma concessão de terras que obteve *gratis pro deo.*

*

Como fixaramos, de vespera, a hora a que chegaremos a Aguas Quentes, onde nos espera o dr. Guerra Lage, administrador da Companhia do Zambezia, não podemos aceder aos desejos d'um asiatico, o sr. Jandad Kan aqui estabelecido como agricultor, e que tem a recomendal-o, para nós, o facto de explorar a terra, emquanto os seus irmãos de raça exploram tão sómente o homem. Desejaria elle que vissemos toda a sua propriedade e lhe dessemos a honra e o prazer de entrarmos em sua casa — *uma casa d'homem pobre, o patrão bem sabe.* O patrão é o governador Silva Leal, e d'ahi a pouco tambem sou eu. Visito a sua pequena fabrica de moagem, que trabalha a gaz pobre; passo revista ao seu gado, e sem favor nem lisonja digo-lhe que as suas novilhas são do melhor que no genero tenho visto — na Provincia e fóra da Provincia. Algumas parece que acabaram de sair d'um banho d'oiro, outras parece que andam cobertas de setim preto, muito bem ajustado á pelle.

O sol aquece a valer. Os pobres machileiros suam em bica, e ofegam como animaes de tiro puxando uma carga que não é para as suas for-

ças. Já não cantam, os desgraçados, mas assobiam, que outra coisa não é o seu respirar em sacadas, vindo-lhe o bafo do mais intimo das entranhas. Para cumulo de infelicidade a estrada agora não tem a bordadura de grandes arvores que deem sombra; é uma faixa d'areia branca exposta a um sol que derrete pedras.

Apetece ficar por alguns momentos á sombra, na alpendurada da casa d'um fazendeiro branco, portuguez da Metropole, que para aqui veio tentar fortuna, liberto do serviço militar. O governador Silva Leal, que muito bem o conhece, entende que elle é merecedor, pelo seu trabalho e honestidade, de ser visitado pelo Alto Comissario. Não me escuso a esta visita, antes a faço com muito gosto, e estou a ver na cara dos machileiros que elles estimariam que a prolongasse, pelo menos até passar mais a baforada de calor. Em que pese á aristocracia ethnica dos brancos, aristocracia de raça, os pretos são feitos de carne e osso; sentem os rigores do seu clima como nós sentimos os rigores do nosso. Viu-os tiritar de frio, á volta d'um lumareu, nas margens do Inhacangara, onde passei uma noite, em barraca de campanha, e tenho-os visto hoje encalmados, mordida a pele por um sol de fogo que resolve em suor muita da sua energia muscular. Melhor adaptados ao meio africano do que nós, meio cosmico, bem entendido, resistem onde nós sucumbiriamos; mas as temperaturas extremas incomodam-os, e eu

dolorosamente o tenho constatado no meu jornadear pelo mato, estendido na machila, que elles transportam cantando.

Continua a charneca; o mulherio das povoações indigenas por onde passamos marcha atraz de nós, traduzindo em gritos e cantoria o seu contentamento, que não é meramente protocolar, embora não seja, quer-me parecer, absolutamente espontaneo. Uma preta, já com polvilhos de neve salpicando-lhe a carapinha, quando passamos por ella, estacada á beira do caminho, baixa-se n'uma reverencia, e apanhando um pouco de terra, atira-a por cima da cabeça, em signal de vassalagem.

Um preto, magro e esguio, de chapeu alto e descalço, casaco de pano, colete branco, calção á Chantilly, perfila-se á passagem da machila em que vou, e grita com força — ás armas! — como se estivesse de sentinela, e visse aproximar-se o oficial de ronda.

Atravessamos um rio d'areia, o Ziu-Ziu, imensamente largo, e temos o prazer de encontrar na outra margem, com o pessoal branco da Fabrica, o dr. Guerra Lage, que nos dá as boas vindas.

Largamos a machila e tomamos o Decauville, movido a gaz... preto.

Estamos em Aguas Quentes.

*

Duas coisas, na Zambezia, teem grande fama — os seus jantares e as suas dansas. Os jantares

da Zambezia são interminaveis; entre a sopa e a sobremeza raramente deixará de haver meia duzia de pratos, nos jantares de pouca cerimonia, quasi em familia, porque nos banquetes não ha numero digito que chegue para contar as variadas e substanciaes iguarias servidas. Foi um habito que se creou; é hoje uma tradição que se perpetua. A verdade é que na Zambezia se come muito e se come bem; o cozinheiro zambeziano poderia cosinhar em qualquer das grandes cidades da Europa, n'um hotel caro ou n'um restaurant chique, na certeza de satisfazer os mais exigentes *gourmets*. São pretos, os cozinheiros da Zambezia; mas na arte de Vatel nada tem que aprender com os brancos, antes pelo contrario.

Tanto como os jantares, são afamadas as dansas da Zambezia, dansas em que predomina o acrobatismo. Já o sabia, e nem por isso, chegando a Aguas Quentes, deixei de ficar surprezo ante a agilidade de verdadeiros palhaços, *clowns* que volteiam no ar. sem ponto de apoio, e resaltam como as bolas de borracha quando tocam no chão.

Sinto-me um pouco estonteado com a inferneira das marimbas, que são os pianos cafreaes, o rufar dos tambores e caixas de rufo, o vozear de toda a pretalhada que se aglomerou, á minha espera, junto da residencia, e grita a romper as guelas, dansando n'uma furia de gente possessa, como se tivesse o diabo no corpo. De proposito

ou por acaso — não inquiri — formou-se um grupo numeroso de mocinhas casadoiras, completamente nuas da cintura para cima. Saracoteiam-se como hespanholas, e não deixa de ter graça ver como tremem aquellas piramidesinhas de chocolate que ellas trazem coladas ao peito, ligeiramente inclinadas, como a torre de Pisa.

Fica a propriedade das Aguas Quentes ao abrigo da Serra Marrumbala, d'onde escorrem aguas sulfurosas, d'uma thermalidade bastante elevada. São estas aguas que dão o nome ao logarejo, que já hoje deveria ser uma importante aldeia. Pretos e brancos usam-n'as contra o rheumatismo, com optimos resultados, nas formas polyarticulares, antes de se tornar cronico. Valia a pena fazer aqui um pequeno estabelecimento thermal, coisa modesta e por isso mesmo pouco dispendiosa, para uso das gentes que acorreriam da visinhança mais proxima. Pois nem sequer ha um medico em Aguas Quentes, medico da Companhia ou do Governo, uma enfermaria que receba os indigenas que aqui trabalham, no campo ou na Fabrica, quando a sua falta de saude exija cuidados da medicina e serviços de enfermagem.

A residencia do Administrador da Companhia fica a pequena distancia da Fabrica, em pleno vale, e nada lhe falta em comodidades, todas as comodidades que o branco não pode dispensar em Africa. N'um alto, lá adiante, muito para diante da Fabrica, ha uma especie de casa de hos-

pedes, onde me alojam para ali passar a noite. Da varanda d'esta casa avista-se o *mare magnum da charneca*, a que faz bordadura de alguns kilometros, limitado pelo Chire, um vasto campo de sisal, que se percorre em vagoneta, empurrada por indigenas. E' um alemão o director tecnico da Fabrica, homem que conhece bem o seu oficio, porque o exerceu, por largos anos, no East German, hoje Territorio do Tanganica, sob o protectorado inglez. Devem estar a chegar, porque já vem a caminho, novos mecanismos para esta Fabrica, muito superior á de Matema, a de maior capacidade de produção em toda a Provincia, excedendo mesmo a do Lugela, que tambem visitarei.

Sinto vontade de trepar ao ponto mais alto da Marrumbala, a pé ou de machila, ascensão dificil mas não perigosa, que me obrigaria a ter aqui uma demora que não foi prevista no meu itinerario de viajor a dias de contado. Já se pensou em estabelecer ali um sanatorio, tendo o medico, dr. Sarmento, realisado os indispensaveis estudos preliminares. Com um modesto estabelecimento balnear cá em baixo, e com um bom sanatorio lá em cima, Aguas Quentes seria, poderia vir a ser um importante centro de população, ao mesmo tempo agricola e industrial. Dizem-me que os inglezes deixaram perder, por abandono, as plantações de sisal que os alemães tinham feito n'aquela sua colonia, o que representa para nós, como pro-

ductores d'esta fibra, uma enorme vantagem. Nem sequer pode tolher-nos a iniciativa na sua progressiva cultura o receio de uma crise de abundancia nos mercados europeus, porque ella se encontra ainda muito longe de bastar para o consumo, e de novas utilisações industriaes ella é susceptivel, ao que me dizem os entendidos na materia. A bem dizer a Provincia, ha mais de quatrocentos anos colonia nossa, ainda não saiu inteiramente da phase pastoril, só aqui e além, em regiões descontinuas, tendo entrado já na phase agricola propriamente dita. Chegará um dia, na sua evolução lenta mas progressiva, á phase industrial, e não lhe faltam para isso materias primas — o algodão, a copra, o sisal, as melhores e mais belas madeiras que possam servir para construções e mobiliario.

Entro n'um curral, perto da Fabrica, e quêdo-me a observar os amores d'um bezerro, destinado a toiro, e d'uma novilha, já a tornar-se vaca. O bezerro é um lindo animal, bem lançado, negro como azeviche, a corna larga, absolutamente nada ventrudo, nedio a lavar-se com uma bochecha d'agua. A novilha é amarela, calçada das quatro mãos, olhos azues, d'um azul leitoso, como o das opalas, uma estrela na testa arripiada. O toireco beija-a demoradamente no cachaço, a roçar-se por ella, e recuando, sempre a beijal-a, pousa-lhe as mãos no lombo, firme nas patas detraz. N'um movimento brusco a novilha esquiva-se, e

fixando n'elle os seus grandes olhos azues, parece dizer-lhe, com firmeza e com meiguice — não, meu filho, isso não. Repete-se o episodio, que alvez acabe pelo triumpho d'aquele Fausto cornudo, dominada a esquivança d'aquella Margarida bovina.

O toiro é um animal de impetuosa sensualidade; quando o atanasa o cio, entra n'uma furia genesica, foge á procura d'uma femea, e arremete contra as pessoas, se as topar no seu caminho antes de satisfeito o seu apetite amoroso.

Noite de ventania desabrida, manhã quente, sem vento.

Os seis kilometros, que medeiam entre Aguas Quentes e Villa Bocage vou porcorrel-os em vagoneta empurrada por indigenas, que se revesam. Não seria muito que para este serviço a Companhia adquirisse mulas no Transvaal ou burros em Zanzibar, aproveitando melhor os seus homens de côr, aptos para todos os trabalhos da terra e da fabrica. E' um vasto campo de sisal, esta facha de terreno entre Aguas Quentes e Villa Bocage. Nota-se um pouco de abandono em toda esta imensa propriedade, talvez por motivos da guerra, que fundamente perturbou toda a vida zambeziana. Um modesto arco de triumpho, variamente ornamentado, indica que estamos perto da Villa Bocage. D'aqui até lá, em postes cobertos de verdura, a bandeira nacional fluctua, e é

como se vozes conhecidas nos gritassem as bôas vindas, é como se mãos amigas se nos estendessem carinhosas.

Fica Villa Bocage na margem esquerda do Chire, a uma distancia de poucos metros. Instalações da Companhia, uma estação telegrafo-postal, a modestissima residencia do fiscal do governo, algumas palhotas indigenas—e é tudo quanto constitue esta Villa. Apetece estender as pernas ao longo d'uma Avenida formada de Kapocas, a arvore que dá a suma-á-uma, e não se arrepende a gente de fazer este passeio, porque ao fim encontra... a Mesquita de Cordova em palmeiras de coconote. E' um vasto palmar, em quadrado, muito bem alinhadas as palmeiras, todas do mesmo tamanho, formando naves de abobada ogival, atravez de cuja ramaria, muito espessa, se côa a luz, muito dôce, pura como se fosse tyndalisada.

Aparecem os regulos, vestidos de encarnado, sem camisa, a fazerem os seus cumprimentos e a darem os seus presentes. Convem dizer que em Africa os presentes que as auctoridades cafreaes dão ás auctoridades brancas, são um artificio, consagrado pelo tempo, para forçar a generosidades. Sempre a troca de presentes constituiu um signal de amizade; os nossos descobridores levavam da Metropole abundancia de presentes, que ofereciam aos reis gentios da Africa e da Asia, em nome do Monarca portuguez, e d'elles recebiam tambem presentes, que umas vezes traduziam

só afectuoso acolhimento, outras vezes significavam vassalagem. Recebe-se um prato de farinha e tem de se dar por elle o valor d'um saco. Na Angonia um birbante quiz presentear-me com uma vaca doente, quasi em artigos de morte, esperançado em que eu lhe daria por ella tres ou quatro libras. Não consumou o *vigario*, porque acudiu a tempo o sr. Clavel do Carmo, distincto funcionario da Provincia, agora ao serviço do sr. Hornung, como administrador da Angonia, e que desmascarou o intrujão.

Deixamos em Aguas Quentes o rei da Angonia, que a estas horas deve ir a caminho da M'gaza montado no seu burro de Zanzibar, levando o encargo de renovar á familia Lopes os meus agradecimentos.

Sempre que os angones, n'estes ultimos anos, tiveram de se bater por nós, n'um dia contra os revoltosos do Zumbo, n'outro dia contra os insurrectos do Barué, o tenente Brito poz-se á sua frente, a comandal-os, acatado como um chefe prestigioso, que leva as suas tropas para onde deve, mas que poderia leval-as para onde quizesse, se o cumprimento do dever não fosse a determinante de todos os seus actos.

Bem merece o titulo honorifico de *rei da Angonia*, que não lhe foi conferido por decreto publicado no Diario do Governo, pagando direitos de mercê, mas dado por consenso unanime das gentes brancas que em taes combates tomaram parte.

Vamos deixar Villa Bocage.

O sol aquece a valer; do caniçado verde que enfeita as margens do rio, entumecido, muito cheio, vem uma impressão de frescura que atenua a sua ardencia canicular.

A caminho do Chinde

Já atravessei o Chire umas poucas de vezes, em pontos diversos; mas só agora navego nas suas aguas.

Por mais que procure distrair-me — olha um massarico! ahi vem um pato — não consigo afastar recordações amargas, as amarissimas recordações do nosso conflicto com a Inglaterra, ha trinta anos, violando o nosso direito a coberto da sua força, como se não fossemos aliados de seculos! Os que viveram, como eu, as horas incertas do Ultimatum, podem dizer que já sentiram vibrar a alma nacional em paroxismos de odio e magua, sob a ameaça d'uma brutalidade que, a consumar-se, teria sido dos maiores crimes da Historia.

Este rio já foi nosso, os territorios que hoje constituem o protecticado do Nyassaland tambem já nos pertenceram. De tudo isto nos desapossou a nossa fiel aliada, e para o conseguir não pre-

cisou empregar a força, porque cedemos á ameaça, inutil como seria o nosso sacrificio, entrando n'uma luta desigual, como entre o lobo e o cordeiro. Paiva d'Andrade, Serpa Pinto e João Coutinho são nomes que ocorrem, necessariamente, a quem por aqui passe e conheça os sucessos que deram origem ao tratado luso-britanico de 1891, dictado em algumas das suas clausulas por Cecil Rhodes, o explorador feliz das minas de Kimberley, mais tarde primeiro ministro no Cabo, inteligencia vasta e culta posta ao serviço d'uma ambição sem limites. Vencedor do Lobengula, que foi um dos grandes chefes da Africa, para baixo do equador, Cecil Rhodes procurou apanhar-nos Lourenço Marques, procurou roubar-nos a Beira, e influiu poderosamente junto do governo inglez, em nome da Chartered, para que fossemos desapossados de tudo quanto tinhamos do Zambezi para cima. A Kruger aconselhou elle que se assenhoreasse, como presidente da republica transvaliana — *Memorias de Kruger* — do porto de Lourenço Marques, tendo como resposta que a Biblia não permite que alguem chame seu ao que é d'outrem. Kruger era profundamente religioso, mas não é de presumir que fossem apenas escrupulos da consciencia que o levaram a fazer ouvidos de mercador ao perfido conselho de Cecil Rhodes. Elle bem sabia quaes eram as ambições politicas d'aquele explorador de riquezas guardadas na terra, diamantes e ouro, dizendo-lhe o seu patriotismo

e fé republicana que um dia, máis cêdo ou mais tarde, elle havia de lançar a Inglaterra contra o seu Paiz, absorvendo-o, se o vencesse.

Ha muito que o Lago Nyassa deixou de ser tributario do Chire, separando-os um banco d'areia, que subsiste fóra da estação seca. De resto o nivel do Lago, como já tive ocasião de referir, desce progressivamente, o que equivale a tornar mais alto aquella barreira natural. Por mal informados, e tendo em menos conta os phenomenos naturaes, os inglezes pensaram que por intermedio do Chire ligariam o Lago Nyassa ao Zambezi, o que tanto faz dizer ao Indico, onde o Zambezi, se lança por multiplas e escancaradas bocas.

A proximamente quatrocentos kilometros do Lago Nyassa fica o Lago Tanganika, tão comprido como de Villa Real de Santo Antonio ao Porto, uns oitocentos kilometros, mais metro menos metro. Internacionalisado o Zambezi; vertido para inglez o Chire, alimentado, em parte, pelo Nyassa; os dois grandes Lagos postos em comunicação por um caminho de ferro, que não precisaria ter uma extensão superior a trezentos e tal kilometros, a Africa Central ficaria em facil comunicação com o Indico, além de ficar ligada, mais cedo ou mais tarde, ao Cabo pelo caminho de ferro que Cecil Rhodes já tinha na cabeça e que seria apenas um troço, um enorme troço da via ferrea Cabo-Cairo.

Mas o Chinde era nosso, tão nosso como Que-

limane, como a Beira, como Lourenço Marques.

Assim era, na verdade; mas porque assim era, os inglezes pediram e obtiveram — tratado de 1891 — que lhes fizessemos ali uma concessão de terrenos em termos que o comercio maritimo do Nyassaland se fizesse como se fosse inglez todo o extenso caminho a percorrer do Mar ao Lago.

Procuro distrair-me notando como a Marrumbala, esbatendo-se para o sul, é de cada vez mais uma insignificante cadeia de montinhos nus, quebrando por instantes breves a monotonia d'estas interminaveis charnecas africanas.

Buzina a *Tete*, aproximando-se da margem direita, e ao mesmo tempo que buzina, retarda o seu andamento.

Estamos em Bompona.

Aqui tem a Companhia da Zambezia optimas instalações, dispostas por maneira a formarem um pateo, um vasto pateo com uma só porta de entrada e saida. Toiros da melhor raça, estabulados, o maior dos quaes, ainda muito novo, pesa seiscentos kilos. Dizem-me que é optimo o tabaco que aqui se fabrica, e o dr. Guerra Lage encarece-me a presteza com que os pretos fazem cigarros — mais desembaraçados que em Sevilha! Foi o demonio gabal-os antes de tempo, porque os moços cigarreiros atrapalharam-se, resultando d'essa atrapalhação nada fazerem de geito.

Passo revista ao gado, debaixo d'um sol que escalda, e constato que nos rebanhos que aqui tem, na ilha de Inhagoma, predomina o elemento cafreal, a rez zebú. Os reproductores são caros, e para o serviço dos seus numerosos rebanhos, oito ou nove mil rezes, a Companhia carece de adquirir muitos, tanto mais que a sua resistencia á pathologia da região diminue consideravelmente vindo da União para aqui.

E' manifesto que a Companhia só quer bois para os vender, e elles rendem na proporção do seu peso. Quer isto dizer que lhe convem ter muitas arrobas e poucas cabeças, criterio este seguido na União, onde raramente se abate, nos matadouros, uma rez que não pese entre trezentos a quatrocentos kilos, o dobro, pouco mais ou menos do que pesam os nossos zebús. Lembro ao dr. Guerra Lage que a Zambezia é pequeno mercado para a massa pecuaria que já tem a Companhia, mesmo admitindo que não tem concorrentes, o que não é verdade.

— Pensamos em montar frigorificos...

Está muito bem; mas Angola fica muito mais perto da Europa que Moçambique, e a Argentina coloca nos mercados europeus as melhores carnes frigorificadas a preços com que a nossa Africa, costa oriental e costa ocidental, não podem competir. Formou-se no Transvaal uma sociedade para a exploração das carnes congeladas de Moçambique, e essa sociedade já dispendeu no Matola,

a uns cinco kilometros de Lourenço Marques, em instalações, para cima de duzentas mil libras, e deus sabe quando ali se matará o primeiro boi. Não tenho esperanças de comer um bife de boi que ali se abata, e quer-me parecer que esta Sociedade, mesmo que viesse a explorar a sua industria, em pouco beneficiaria a pecuaria do sul da Provincia. Não se produz senão para satisfazer as necessidades e exigencias do consumo, e a nossa Africa, pelos menos a nossa Provincia de Moçambique é, no que respeita a carnes, um insignificante consumidor. Ha o comercio de exportação, bem sei: mas o valor da mercadoria no ponto em que tem de ser utilisada ou consumida, é função da distancia a percorrer, e essa distancia, contada entre Lourenço Marques e Londres por exemplo, é de 7292 milhas.

Não é bem fome o que eu sinto; mas a verdade é que me sento á meza nas melhores disposições para fazer honra ao cosinheiro de Bompona, naturalmente o mesmo de Aguas Quentes, que eu tive ocasião de elogiar, saboreando regaadamente os seus cosinhados e acepipes. Muita ramagem pelas paredes, festões pendentes do tecto, grandes flores vermelhas rindo na alvura da toalha, branca como a neve mais pura, e uma andorinha a voejar por cima das nossas cabeças, tão rasteira que por um triz a não apanho.

Que bôas novas me trará ella ?

Partimos. A *Salvador* segue na esteira da *Tete*, mas dá menos voltas, porque exige menos fundo.

Rio cheio, margens baixas; terras incultas. Nem gente nas margens do rio, nem almadias ou pirogas cortando o rio em qualquer direção.

Atracamos em Chinga-Chinga, propriedade de sr. Nicolas Vladesco, cidadão roumaico. Vive aqui, na Provincia, ha uns vinte e cinco anos; considera-se portuguez de nascença. Bateu-se contra os allemães, na recente guerra, e detesta os inglezes. Faz vida de lavrador e de marinheiro, capitão d'um lancha a vapor, um pouco mais pequena que a *Tete*, talvez da lotação da *Salvador*.

Por ora a Chinga-Chinga é uma horta, á beira do rio, onde o sr. Nicolas cultiva optimas couves, formidaveis nabos, feijão do tamanho de azeitonas e cebolas grandes como as melancias pequenas. Tem um quimico por sua conta, o Barreiros, natural do Cartaxo, e que para a Africa veio na expedição de 1914. O Barreiros, sempre em posição de sentido, gaba a propriedade, e afirma as suas melhores esperanças n'uma plantação que vai fazer — uma plantação... de cal!

Nem mais nem menos — uma plantação de cal!

O sr. Nicolas tem a maior confiança no seu quimico, que é ao mesmo tempo o seu regente agricola, mesmo quando elle planta cal, absolutamente seguro de que esse empreendimento terá *buono risulto*. Por ora os seus rendimentos são

pequenos; mas elle bem sabe que precisa semear para recolher, e semear na Chinga-Chinga quer dizer gastar dinheiro — *molto dinaro.*

Entardece; o rio, sempre cheio, bastante largo, parece que acaba lá diante, fechado por duas pontas de terra que avançaram uma para outra. Vamos entrar novamente no Zambezi, com uma ilha na prôa.

Sol posto; fogueiras ao largo, d'onde nos chegam, trazidas pelo vento, abundantes e incomodas faulhas. Mais uma vez a *Tete* encalha, e a *Salvador*, por disciplina, visto ter encalhado o navio almirante, encalha tambem. Mal se divisando no escuro da noite, chega outra lancha a vapor, comandada pelo Nicolas, feito capitão por artes magicas. Dormimos encostados á terra, e soubemos pela manhã que o Nicolas zurzira o unico passageiro que trazia a bordo, um inglez, pregando-lhe com um leitão assado na cara, e erguera ferro, de madrugada, para nos ir esperar em Cahoche, outra propriedade sua, na margem do Zambezi.

Não contava desembarcar na Chupanga; mas vejo muito gente á beira do rio, no logar em que as lanchas atracam, e calculo que seja ali esperada a minha visita.

O sr. Carlos Silva, chefe da circunscripção, recebera aviso, expedido da Beira, do que eu pas-

saria ali, e resolveu logo esperar-me, convidando-me a ir a terra. Visita rapida, de medico, o tempo bastante para receber os cumprimentos do sr. Silva, em nome da Companhia de Moçambique e admirar alguns objectos d'Arte que elle dispuzera como para uma exposição, trabalhos indigenas em madeira, ouro e marfim, alguns admiravelmente bem feitos. Aqui ficam repetidos ao sr. Carlos Silva os meus agradecimentos pelo delicado presente que me fez, captivante gentileza para que certamente contribuiu aquella adoravel Lili dos Amores de Latino Coelho, estabelecendo relações entre nós, dedicada ás suas amizades.

Quando chegamos a bordo está a meza posta, e quando chegamos á Missão, meia hora, tres quartos d'hora depois, está a levantar-se a meza. Um grande macisso de bambus junto do ancoradoiro; uma alameda de coqueiros e palmeiras; um pomar que já não produz fructos; um jardim que já não dá flores. Desmantelada a casa de habitação, de grandes salas, muito frescas; em ruinas a Igreja; o cahos nas oficinas, e uma especie de feira da ladra, n'um vasto hangar, composta de objetos sagrados á mistura com bahus, arcas, caixotes e bicicletas; um presepio escangalhado; uma ceia de Vinci, já na escassez de subsistencias; paramentos de valor, sofrivelmente conservados; muito sapatos, muitas botas, muitas fôrmas em madeira. Tudo isto aqui se conserva, sob

a guarda d'uma comissão que, em Lourenço Marques, administra os bens dos inimigos. Já propuz ao Terreiro de Paço liquidar os bens dos inimigos, na Provincia, não inteiramente pela forma generosa por que o fez a União Sul Africana, mas por maneira a termos alguma compensação do grande mal que a guerra, provocada pelos allemães, tinha causado á Provincia. Queria para mim, e só para mim, a responsabilidade da liquidação que fizesse, não podendo o meu procedimento ser invocado pela Allemanha para obrigar o governo da Metropole a proceder de forma igual ou semelhante. Restituiria integralmente os bens que não valessem mais de um certo numero de libras, e sobre os outros, segundo o seu valor, cobraria uma percentagem que não faria pensar em confiscação. Os nossos visinhos boers restituiram tudo, e foram até pagar juros pelas quantias, em moeda ou papel, de que se haviam apossado, depositando-as em Bancos.

O Terreiro do Paço nada fez e nada me auctorisou a fazer, continuando tudo como estava. Os jesuitas tinham construido aqui, na Chupanga, grandes tanques, que enchiam com agua tirada do Zambezi por maquinas elevatorias, garantindo assim a conveniente rega do jardim e pomar. Tudo está perdido, estupidamente perdido — a moradia, a Igreja, o pomar, o jardim, as oficinas. Apenas, não sei por que milagre, não está vandalisado o pequeno cemiterio onde está enterrado a mulher

de Levingstone, romagem obrigada dos inglezes que por aqui passam, subindo ou descendo o rio. Como fica perto, uns trezentos metros, não me dispenso de visitar a Fabrica da Moçambique Industrial, sub-concessionaria da Companhia de Moçambique, á maneira ingleza. O sisal que aqui se cultiva é de bôa fibra; mas esta Fabrica, ainda de pequena laboração, representa a infancia da Industria em relação á das Aguas Quentes, muito longe ainda de ser perfeita.

Assento, de mim para mim, em estabelecer, na Chupanga, uma especie de *quinta regional*, reconstruidas todas as suas edificações, apetrechadas as suas oficinas, erguendo sobre as ruinas do seu templo o bonito, embora modesto, edificio d'uma Escola. D'ali mesmo convido para dirigir a projectada quinta o alferes Perestrelo, que conhecera em Tete, rapaz inteligente e trabalhador apaixonado pelas coisas d'Africa, amigo sincero dos pretos e com excepcionaes aptidões para falar os multiplos e variados dialectos d'Africa.

Chegam muito bem para ensaios de trabalho agricola os duzentos hectares de que dispõe Missão, terra optima para a cultura do sisal e do algodão, além de ser optima, como toda a vasta região da Chupanga, para a borracha. Estou a ver o jardim rico de flores, o pomar rico de fructos, os lagos a trasbordar, e uma pequenina aldeia, ao fim da alameda de coqueiros e palmeiras, sorrindo na brancura das suas casas, apregoando a

quem passa, rio acima, rio abaixo, a nossa obra civilisadora.

Ao longo d'este formidavel rio, a dentro de Moçambique, encontra-se uma unica povoação importante — Tete. Boroma é o abandono, como a Chupanga, e em Massangano, residencia do Bonga, a quem, por bastos anos, pagamos tributos, reconhecendo, em relação a elle, a nossa vassalagem, em Massangano não ha uma pequena aldeia, como já disse, fixando na solidez da pedra e cal uma grande pagina, escripta com sangue, ilustrada com feitos heroicos! Em cada districto ha uma povoação de relativa importancia, o esboço d'uma grande cidade, como Lourenço Marques, o conjunto das edificações, particulares e do Estado, formando uma vila, como em Tete. Mas não ha mais nada, como centros populacionaes. O sonhado aldeamente de Antonio Ennes ainda é um sonho, e eu considerar-me-hia o mais feliz dos mortaes se pudesse dar-lhe, que mais não fosse, um começo de realidade.

Partimos da Chupanga, levando nos olhos o espectaculo da sua ruina e abandono; levando n'alma a esperança do seu resurgimento, escola de educação pelo trabalho.

O sol, prestes a esconder-se, põe no rio um grandes listrão vermelho, e o Lourenço, encandeado como os gatos, deixa encalhar, mais uma vez, a *Tete*. O comandante Roma, furioso, mete o Lourenço no porão e pede reboque á *Salvador*.

Esta demora faz com que cheguemos a Mopéa com perto de duas horas de atrazo, já noite fechada.

Caminhamos em Decauville, atravez da plantação, e nenhuma pressa temos de chegar. Mopéa dá-nos a impressão, á distancia a que a vemos, d'uma pequenina cidade profusamente iluminada. Nenhuma pressa tenho de chegar, porque o espectaculo que vou desfructando é interessante — a paisagem afogada em sombra, aqui e além, de espaço a espaço, iluminada por clarões de incendio, as multiplas fogueiras a que se aquece a malta negra, mal enroupada, se pode chamar-se roupa á trapagem que lhe encobre as vergonhas naturaes.

Residencia senhorial, em que abunda o conforto, a que não falta o luxo, tudo marcado com uma raro cunho de distinção. As honras da casa fal-as o sr. Ignacio de Paiva Raposo, que deve ter resgatado, á minha custa, alguns dos seus pecados, tantos e tamanhos incomodos lhe teem advindo da minha visita ao norte da Provincia, amavel companheiro e devotado cicerone desde o Chindio até á Angonia, sempre risonho, sempre bem disposto, aristocrata que nunca inflecte a sua linha e admiravelmente conjuga as suas prosapias com as mais encantadoras familiaridades.

Mutatis mutandis, as fabricas d'assucar são odas a mesma coisa, e então as que teem a

mesma capacidade de laboração em pouco ou nada diferem, sobretudo vistas por olhos leigos, como os meus. As multiplas operações que sofre a cana para se transformar em assucar são as mesmas em todas ellas. Simplesmente umas trabalham mais, outras trabalham menos, na mesma unidade de tempo; as mais perfeitas extraem uma percentagem de assucar, da mesma unidade de peso, consideravelmente maior que as menos aperfeiçoadas. As correspondentes diferenças nos mecanismos só os técnicos podem dar por ellas; os leigos só as veem quando lh'as apontam, e depois de lh'as apontarem... juram á fé dos Evangelhos.

Moe esta Fabrica mil e duzentas toneladas de cana por dia, e queima quatrocentas toneladas de bagaço na mesma unidade de tempo. Os vagons, carregados de cana, são despejados automaticamente nas guelas da Fabrica, tres ao mesmo tempo, o que representa a economia d'uns poucos de trabalhadores, além de representar apreciavel economia de tempo, o que tudo somado representa dinheiro. Os sacos, cheios de assucar, são cosidos á maquina, o que tambem representa economia de tempo e trabalho. Andam pretos, descalços, por cima do assucar, muito branco, arrumando-o com pás, exactamente como se fazia em minha casa, ao trigo, quando se enchia a tulha.

Os que consideram o preto incapaz da inicia-

tiva, fazendo só aquilo que o ensinaram a fazer, e fazendo-o sempre da mesma forma, mudariam de opinião se o vissem dentro d'uma fabrica como esta, pousando em mecanico que muito bem conhece o seu oficio, e intervindo com pleno conhecimento de causa sempre que se manifesta qualquer transtono no mecanismo a seu cargo.

Peço ao mestre da Fabrica, ao *manager*, a sua opinião sobre o pretendido automatismo dos pretos.

— Educam-se com muita facilidade, e nos serviços que dirigem, tomam iniciativas inteligentes, indo muitas vezes além do que seria licito esperar da sua falta de instrução.

Toda a plantação de Mopéa é irrigada; as respectivas bombas elevam trezentos e sessenta toneladas cubicas por minuto. O Decauville mede uma extensão de sessenta kilometros, e vae ser muito augmentado, para servir a nova plantação.

O mesmo engenheiro superintende sobre todas as fabricas do sr. Hornung, as de Mopéa, Villa Fontes e Marromeu. Ganha quatro mil libras, esterlino inglez, fóra as percentagens, O primeiro quimico de Mopéa ganha mil e duzentas libras, o segundo seiscentas; são ambos mauricianos. Os carpinteiros, serralheiros e marceneiros ganham dezeseis shillnis por dia; são asiaticos todos elles.

Pergunto aqui, como perguntei no Buzi, porque não empregam as assucareiras engenheiros

portuguezes... A resposta foi a mesma — os portuguezes rompem facilmente os seus contractos, são pouco amigos de trabalhar, sobretudo quando o trabalho obriga a enfiar uma blusa e sujar as mãos. Em Aguas Quentes, a uma pergunta igual, o dr. Guerra Lage deu resposta equivalente.

Ha que enveredar por outro caminho, isto é, ha que adquirir outros habitos, educando os nossos tecnicos para todo o desconforto, todas as durezas inevitaveis na profissão a que se destinam. Os nossos Institutos de ensino tecnico devem preparar os seus alunnos para substituirem o estrangeiro em todas as fabricas portuguezas, tanto as da Metropole como as das colonias, e os nossos industriais devem impôr-se a obrigação de contractar nacionaes de preferencia a estrangeiros. Não ha que legislar a este respeito; ha apenas que formar as competencias, e dizer aos que d'ellas precisam onde poderão encontral-as.

Todas as instalações de Mopéa são optimas, e as casas de moradia, sem excepção, nada deixam a desejar. Ha um *club*, á moda ingleza; os empregados europeus fazem *mess*, e assim conseguem viver bem gastando pouco. O hospital, em pavilhões, é modelar. Estou em dizer que na Provincia não ha melhor, não ha sequer tão bom, porque vale menos, guardadas as proporções, o Hospital Miguel Bombarda, em Lourenço Marques, valendo muitissimo menos o da Beira, e não valendo coisa nenhuma, porque é um cha-

vascal, o de Tete. Movimento da consulta externa — dois mil doentes por mez.

Ainda hoje se diz que o preto é refractario a tratar-se com medicos brancos, e foge dos hospitaes ou enfermarias como o diabo foge da cruz. Não é verdade. O indigena ainda não poz de banda os seus doutores, isto é, os seus feiticeiros; mas onde quer que lhe proporcionam assistencia medica a valer, simples consulta ou hospitalisação, elle aproveita-a.

Acaso na Metropole já acabaram as bruxas e os curandeiros?

Convem dizer que o sr. Hornung, inglez de nascença, filho e neto de inglezes, cazou com uma senhora portugueza, da familia Paiva Roposo; fala correntemento o portuguez e acolhe sempre de bom grado a pretensão da gente portugueza que deseja empregar-se nos seus Prazos.

Varada na margem esquerda do Cuacua, um modesto rio tributario do Zambezi, a dois passos da Fabrica, vejo uma almadia de proporções tão agigantadas, que fico, por instantes, a pensar se não seria ella a barca d'um Noé preto que ali meteu um casal de cada especie africana, por conselho do seu Deus, preservando a bichesa do continente, grandes e pequenas formas, de morrer afogada nas aguas d'um diluvio, de que não ha memoria.

São optimas estas terras, muito grossas, carre-

gadas de humus, tão ferteis que não precisam de adubação para obrigarem a cana a desentranhar-se em assucar. As assucareiras da Senna Sugar produzem, actualmente, para cima de trinta mil toneladas, á roda de trinta e cinco mil, e todas as outras, somadas, mal concorrem como um terço d'esta produção na Provincia.

Levanto-me cêdo, mais cêdo que de costume, e emquanto se prepara o mata-bicho vou novamente visitar a fabrica, sem me fazer acompanhar, porque sósinho é que eu vejo bem as coisas, fabricas ou museus, ordinariamente fazendo estas visitas mais para me emocionar que para me instruir.

Muito á minha vontade, sem que ninguem me destraia, vou examinando tudo, desde as queixadas de ferro que mastigam a cana, até á maquina que cose os sacos, maravilhando-me a harmonia que ha n'este inferno, a ordem que ha n'este labirinto. Rodas enormes, que giram n'uma vertigem; rodas mais pequenas, que se movem lentamente, umas n'um sentido, outras no sentido oposto; embolos d'aço que parecem tomados de furia; correias froixas, correias tensas, de tal modo froixas umas que parece não realisarem um trabalho util, a tal ponto esticadas outras que a gente recua, instinctivamente, a ver que ellas se rompem d'um momento para outro, e um bocado, como um zagalote, nos manda d'esta para me-

lhor. O jogo d'estas peças tem um ar de brincadeira,como se fossem marionetes, e só por vergonha é que não pergunto ao engenheiro-chefe, vestido como um operario, quasi tão negro como se fosse indigena, e quasi tão sujo e oleozo como se fosse um lagareiro, se na contextura d'este organismo só ha o que não poderia faltar sem prejuizo do seu funcionamento.

Nunca visito um estabelecimento como este, a trabalhar com toda a força, d'uma complicação que estonteia e ao mesmo tempo d'uma harmonia que enleva, rithmico nos movimentos que executa, ensurdecedor nos sons diversos que produz, como um jazz-band infernal, que não pergunte a mim mesmo se é uma só, no Universo, a força que tudo anima, principio incoercivel que nas pessoas se chama alma, e nas fabricas se chama energia.

Quem visitar Mopéa, d'aqui por uns dois ou tres anos, já encontrará maior extensão de terra agricultada e uma nova fabrica, realisando os ultimos aperfeiçoamentos na industria assucareira, a moer cana em tal quantidade, que produzirá um minimo de quinze mil toneladas de assucar. Dest' arte as assucareiras da Zambezia, isto é, as assucareiras da Senna Sugar produzirão todo o assucar que a Provincia consome, que consome a Metropole, sobejando ainda umas doze mil toneladas para vender onde melhor lh'o pagarem.

Propõe-se o sr, Hornung elevar a sua produ-

ção a oitenta, cem mil toneladas, realisando assim lucros sem proporção rigorosamente directa com o desenvolvimento que terá de dar á sua exploração — quer na parte agricola, quer na parte industrial. Os gastos geraes ficarão sendo quasi os mesmos, e a venda do assucar, sendo muito maior, duas ou tres vezes a actual, permitirá lucros desproporcionadamente avantajados.

A tempestade que desencadeou o contracto Hornung, nos soalheiros de Lourenço Marques e nos prostibulos de Lisboa!

Uma certa malta, colonial e metropolitana, achou optimo o ensejo para atacar o Alto Comissario, obrigando-o a demitir-se, e vá de lhe atirar chufas e doestos, acusando-o de arruinar a Provincia em beneficio d'um inglez!

Pelo contracto Hornung, a Provincia compromete-se a dar á Senna Sugar facilidades — apenas facilidades — para recrutar na Maganja da Costa, Alto e Baixo Molocué, até tres mil trabalhadores por ano, durante vinte anos, e a Senna Sugar compromete-se a instalar uma nova Fabrica na margem esquerda do Zambezi, e augumentar de quinze mil toneladas de assucar a sua produção actual.

Por força do contracto, a Senna Sugar terá de empregar uns dezeseis, dezoito mil trabalhadores indigenas; terá de pagar na Alfandega do Chinde, por um maior volume de exportação, mais alguns milhares de libras do que actualmente paga.

Saberá a frandulagem que se atira ao Alto Comissario, com a furia com que Sansão se atirou aos philisteus, servindo-se do mesmo instrumento —uma queixada de burro, saberá essa frandulagem que a Alfandega do Chinde rende, em media anual, umas oitenta e cinco mil libras, e que dois terços d'este rendimento são pagos pela Senna Sugar?

Mas é que o Hornung é inglez, e leva para Inglaterra o que ganha na Provincia...

E' certo; mas aqui ficam os salarios dos indigenas a quem elle dá trabalho, uns poucos de milhares d'homens; a alimentação d'esta gente, alguns milhares de toneladas de milho, feijão e mapira, é producto da terra moçambicana, da terra zambeziana, que só pelo trabalho se valorisa. Da Angonía, que é um Prazo arrendado á Senna Sugar, traz ella trabalhadores, tres ou quatro mil por ano, para as suas assucareiras, pobre gente que faz, a pé, uma caminhada de 260 kilometros até ao Limbe, onde toma o comboio para o Chindio, embarcando aqui, para Mopéa, nos barcos da Companhia.

Faço da minha honestidade, da minha inteligencia e do meu patriotismo um arnez contra os golpes que me vibram, e sinto-me bastante forte para não inflectir a linha de conducta que me impuz ao aceitar o encargo de governar esta Provincia

Se elles soubessem que eu ofereci ao sr. Hornung as maiores facilidades, todas as facilidades

que fosse honesto dar-lhe, no referente a mão d'obra, se elle quizesse fazer no vale do Limpopo, do Incomati ou Umbelezi uma instalação agricola e industrial como a de Mopéa! Dez ou doze mil trabalhadores que elle prendesse, no Sul, pela unica forma porque é legitimo prender trabalhadores — dando-lhes trabalho devidamente remunerado; seriam, outros tantos indigenas que deixariam de emigrar para o Rand, começando a Provincia, para baixo do Save, a ter uma vida economica que por ora não tem, o que a degrada á condição de parasita.

Cá vamos, rio abaixo, com destino ao Chinde, onde chegaremos amanhã, depois do almoço, se Deus fôr servido. Margens baixas, em erosão constante, e pelos campos fóra, n'uma extensão ilimitadas, nada em que agradavelmente pouse a vista.

Atracamos em Cahoche, já muito ao cair da tarde, resolvidos a passar aqui a noite, que o rio, embora um pouco mais cheio d'aqui para baixo que d'aqui para cima, ainda não é seguro. Pois aqui temos outra vez o sr. Nicolas, proprietario do Cahoche... emquanto nos tribunaes se não resolve, contra elle, uma questão de posse, em que é autora a Senna Sugar. Ha que fazer um bocado de caminho em machila, devagar, em passo de procissão, e o sr. Nicolas, sempre muito pictoresco na sua linguagem, vae-me esplicando

tudo. — Aqui plantei o ano passado algodão que foi todo *perduto*. Senhor agrimensor me deu *consilio* plantar mais cedo este ano. Mandei vir seis variedades de algodão, a ver qual d'eles *risulta melior* aqui. Este terreno é *recomendatto* para algodão; nesce aqui *molto grande*.

O sr. Nicolas faz-nos ver o seu gado, puramente cafreal, umas duzentas rezes, e manda formar, á nossa passagem, os seus trabalhadores, *tutta gente*, para as saudações do estilo. São homens vindos, pela maior parte, do Lomué, gente fraca, sem vigor, á uma porque é constitucionalmente fraca, e depois porque se alimenta de toda a especie de bichos — ratos, cobras e sapos, muitas vezes nem sequer se dando ao trabalho de lhes dar uma fervura. Aponto, entre os trezentos homens que o sr. Nicolas aqui tem, fornecidos de conformidade com o Regulamento do trabalho indigena, uns tantos que não podem fazer seja o que fôr, por extremamente fracos, e para cima de trinta que só podem empregar-se em trabalhos moderados.

Diz me o sr. Silva Leal que a gente do Lomué é a mais fraca do districto, e além de ser a mais fraca, é a mais asselvajada. Homens e mulheres andam nús, a maior parte nem sequer usando um retalho de pano ou casca d'arvore para encobrir os orgãos sexuaes. São rebeldes ao trabalho, e como nem para si trabalham, alimentam-se do que podem haver sem canceiras — fructos tão selva-

gens como elles, e animaes repugnantes, que facilmente caçam.

Manhã de nevoeiro denso; uma cacimba que parece chuva; não se vê um palmo... adiante da prôa. Marchamos devagar, muito devagar, aguardando que o sol rompa, isto é, que nos alumie o caminho, para então a Lancha deítar pimponamente... quatro ou cinco milhas. Dois hypopotamos deitam a cabeça de fóra, a ver quem passa; cumprimento-os com um tiro.

Vamos entrar no Chinde.

O que vem a ser, no fim de contas, este rio Chinde?

Vem a ser... o rio Zambezi, que a paginas tantas se acomoda n'um leito de menor largura para tornar maior o seu volume d'agua, isto é, para dar mais volocidade á sua corrente, por maneira a não ter de parar no caminho, a uma grande distancia do Oceano.

Rio largo, como o Tejo em Villa Franca; cheio, dando a impressão de plenitude, como o Chire, de Villa Bocage para baixo. Abundante caniço em ambas as margens. Nenhuma ilha. Aqui e além, sobretudo do lado esquerdo, um pequeno trécho de coqueiros, muitos juntos, em macisso, tortos e esguios, inclinados todos para o mesmo lado, desgraciosas arvores que parece lamentarem-se da sua esterilidade, sem prestimo para coisa alguma.

Aparece nos agora o rio Maria, pela esquerda, saindo do Chinde, como se um tão modesto curso d'agua carecesse d'esta sangria para não morrer de congestão.

Quatro lanchas a vapor se ajuntam em Chacuma, a tomar lenha, e d'aqui para baixo já coisa alguma nos interessa, a não ser o Chinde, a Villa do Chinde, quasi á vista.

— Lá está! Lá está!

O demonio é que a minha enxaquece é de cada vez mais forte; principiou logo a seguir ao almoço, e estou a ver que não me passará emquanto não dormir.

Seja como fôr, estamos no Chinde.

Por terras zambezianas

Atraca-se a uma ponte que se apoia em fluctuadores, subindo ou descendo, conforme as marés. Está todo o mundo oficial á espera do Alto Comissario, e dos particulares não falta pessoa alguma das que contam, por qualquer titulo, na sociedade do Chinde. Apresentações, cumprimentos, uma saudação da Camara e as bôas-vindas, em canto, pelos rapazes da Escola, misturadas as côres. Serei hospede do Intendente, sr. Pedroso de Lima, oficial da Armada, que tem a gentilesa de nos receber.

Meto-me na cama, aflito com a enxaquece, que só me larga pela noite adiante.

O Chinde dá a impressão d'uma feira; todas as suas construções, as mais pobres e as mais ricas, são em madeira e zinco. Assenta em areia, como a Beira, como Monte Gordo, no Algarve. Pintados de fresco, os edificios impressionam

agradavelmente; mas o bafo do mar estraga depressa as tintas, e então é desagradavel olhar para elles. Bôa casa de Escola, anexa á pequenina Igreja, que parece feitas em cartão.

Alguns edificios publicos deixam pouco a desejar. A residencia do Intendente é o melhor edificio que o Estado possue no Chinde, quer-me parecer que melhor, tambem, que os melhores edificios particulares. Bem instalados os Correios; bem instalada a Repartição de Fazenda. A Alfandega é um mizeravel pardieiro. A verificação das bagagens faz-se ao ar livre, ao sol que torra, á chuva que encharca. Uma vergonha, peor que em Tete, o hospital. Não vale a pena gastar dinheiro em concertal-o, porque não tem concerto. Chega a ser desumano meter ali doentes, quer sejam brancos, quer sejam pretos. Sei muito bem que a Fazenda provincial é pobre; mas confrage-me esta mizeria criminosa, e prometo dinheiro para um hospital novo, mas em tijolo, não podendo ser de pedra e cal. No Chinde ha muitos estrangeiros, na maioria inglezes, e seria excelente que lhes não dessemos o espectaculo d'uma pobresa que tem ares de pelintrice, agravada pelo desmazelo mais condemnavel.

Levanto-me com o sol, e o filho do sr. Pedroso de Lima, um simpatico garoto, alvitra um passeio á praia. Vamos de machila, para não perder o habito! Uma Avenida de Casuarinas, extensa como a legua da Povoa, liga a Vila á Praia, que na

verdade é linda, práia d'areia branca, que parece não ter fim. Toma-se aqui banho com todo o mar, sem necessidade de banheiro, porque as grandes ondas rebentam muito ao largo. Tambem aqui não é necessaria a rêde de proteção contra os tubarões, como sucede na Polana, minuscula praia que é todo o orgulho de Lourenço Marques.

Recepção oficial na Camara, onde me é lida uma mensagem bem redigida, contendo as reclamações que o Chinde considera de mais urgente satisfação. Champanhe, bolos, canções pelos meninos da Escola, e ao cabo a inevitavel *pose*, na varanda, para o retrato.

Penso de mim para mim, a querer informar-me de tudo nas poucas horas que aqui me demoro: — O Chinde será uma povoação condemnada?

O rio, como se o incomodasse a estreiteza do seu leito, vai esbarrondando as margens, aqui mais, além menos, n'alguns pontos, como em Barromeu, de forma assustadora. A fabrica que ali tem a Senna Sugar está seriamente ameaçada, não valendo, por isso, a pena gastar dinheiro com ella, á mercê da primeira grande cheia que tenha o Zambezi. Aqui, junto á Vila, a erosão das margens é constante, e por sua vez o Indico, como se embirrasse com o rio, vai-lhe tapando a barra, varia e contingente como todas as barras de marés.

Hoje o Chinde é a unica boca do Zambezi que

não está atafulhada de areia, o que torna ainda mais indesculpavel o abandono a que tem sido votado este porto, estando por fazer uma bôa tabela de marés, sendo insuficiente a sua balisagem e farolagem, nem sequer se tendo determinado, no rigor dos numeros, o grau de corrosão n'um periodo largo feito pelo rio e pelo mar em termos de se fazerem rasoaveis conjecturas sobre o futuro d'esta Vila. Sucede ainda que o Chinde está inteiramente dentro da zona dos tufões, e contra estes malvados não ha prevenção eficaz.

A construção do transzebeziano não será a morte do Chinde; mas diminuirá muito a sua importancia. O assucar de Mopéa, compreendendo o da fabrica nova, continuará a sair por aqui, mas não sucederá o mesmo com o de Barromeu e Villa Fontes, que tomará o caminho da Beira. O Nyassaland deixará de ter necessidade do Zambezi para o seu comercio maritimo, que por ora é insignificante, como provam os numeros, mas que deve augmentar no futuro. Os inglezes, desde que o transzebiano, mesmo sem a ponte de Mutarara, funcione regularmente, deixarão de ter necessidade da concessão que lhe fizemos, na Villa, cerca de dez hectares de terreno, com uma frente sobre o rio de 400 metros e 250 metros de fundo.

No contracto de concessão, datado de 19 de Setembro de 1891, estatue-se que ella é feita por 99 anos; o concessionario, seus herdeiros ou

sucessores, pagarão ao Governo Portuguez dez réis por cada metro quadrado concedido; não se farão, dentro da concessão vendas a retalho, sendo considerados a retalho as vendas de quantidades inferiores a mil kilos, litros ou metros. Findo o prazo de aforamento, 99 anos, as construções e mais bemfeitorias que tiverem sido feitas no terreno, revertem para o Estado, sem compensação alguma.

A mais interessante estipulação d'este contracto é a que tem o n.º 7, assim redigida: — *O presente contracto só principiará a vigorar quando vigorar tambem o de um aforamento de terrenos na margem nordeste do lago Nyassa.... Entretanto será licito ao sr. Henrique Hamilton Johnston utilisar-se, a titulo provisorio, do terreno que pretende ocupar assim que esteja demarcado, uma vez que se obrigue a não pedir compensação de qualquer despeza que tenha feito se o presente contracto ficar sem efeito por qualquer motivo que não seja da responsabilidade do Governo Portuguez.*

Quer dizer, nós pedimos, a titulo de compensação, uma coisa que não aproveitariamos, e o Inglez, sabendo isso, foi completando a clausuta setima do contracto por maneira a não ficar preso ao nosso desmazelo e incuria.

Bem pode ser que o rio, na sua ancia de comer terra, nos faça sentir duramente a necessidade de havermos os terrenos da Concessão, e

seria de todo o ponto lamentavel que para bem servirmos o estrangeiro nos vissemos privados da posse, durante larguissimos anos, de terrenos absolutamente necessarios para as nossas instalações.

Em troca d'esta concessão, no Chinde, os inglezes deram-nos uma equivalente facha de terreno na Bahia dos Leopardos, concessão que nunca aproveitamos, servindo apenas, sem a menor sombra de duvida, para disfarçar n'uma graciosa reciprocidade, o que sem isso teria os ares d'uma expoliação consentida.

Vamos deixar o Chinde, levando d'aqui a bôa recordação d'uma hospedagem fidalga que nos fez o sr. Pedroso de Lima, a quem, bem como a sua esposa, protestamos o nosso profundo reconhecimento pela carinhosa solicitude com que acolheram os seus hospedes d'um dia.

Partimos logo a seguir ao almoço, em gasolina, e mal desamarramos da ponte, tenho a impressão de que volto a navegar no Zambezi, rio de canaes e canaliculos. O barquito procura as curvas, que são uma garantia, pelo menos um bom indicio de fundo, e evita as pontas, onde é mais do que provavel o encalho. Assim vamos demandando a terra, onde nos esperam os machileiros. Já mal se vê o Chinde, e a rebentação das ondas, na barra, cobre o mar de espuma branca, muito branca, dando aos olhos a impressão de maciesa.

Terras alagadas, que não admitem cultura, e minusculos palmares indigenas formados ao Deus dará, as arvores amontoadas aqui, muito ralas além, dando um minimo de produção.

Chegamos ao local do emboque. Organisa-se um pequeno batuque em que tomam parte os machileiros. Ha que atravessar um braço de mar, e para isso está ali uma almadia, quasi do tamanho da que vimos varada na margem direita do Cuacua, em Mopéa, tendo isto de particular—as extremidades, ou seja a prôa e a pôpa, em forma de boné de jockey. Uma facha de areia, larga de cem metros, separa este braço do mar, pouco largo e muito fundo, d'um outro braço de mar, pouco fundo e muito largo, tão pouco fundo que não comporta a navegação em barco. Os machileiros desembaraçam-se dos seus panos, e nós estendemo-nos ao comprido na machila, vagamente receiosos dum banho forçado. De quando em quando os machileiros erguem a traquitana acima da cabeça, porque se a conservassem á altura ordinaria, a cana sobre os hombros, o semicupio era inevitavel. Dura este chapinhar um quarto d'hora, mas desta breve travessia guardarei bôa lembrança, porque sem me sujeitar ao minimo perigo, me deu uma sensação nova, absolutamente original.

Temos que percorrer dois kilometros de praia até nos metermos á estrada que nos conduzirá a Micaune, no praso Mahindo. Vá de machila quem

não confiar nas pernas, que eu não me dispenso de fazer a pé esta adoravel caminhada, só lamentando não dispôr de tempo para a fazer á vontade, sentando-me aqui, deitando-me além, enlevado nos impetos do mar, semelhante a uma fera enjaulada que rugisse por mil bocas ao mesmo tempo. Vagas montanhosas, n'uma galopada de elephantes espantados, avançam em direção á praia, e rebentam muito ao largo, desfazendo-se em espuma. Nunca tinha reparado na côr de melaço que corôa as ondas em eminencia de rebentação. Os caranguejos, como brinquedos de sala — *made in german* — correm d'um lado para outro, ora entrando, ora saindo d'agua, e os massaricos, sem medo de nós, saltitam e voejam com infinita graça, como se dansassem minuetes.

Que bem ficaria, do lado de terra, a completar este *décor* maravilhoso do mar, uma floresta como a das Amatongas, cheia de sombras, de pavores, de mysterios!

Deixamos a praia, que não tornarei a ver, para nos internarmos no mato. Já se não vê o sol, ainda acima da linha do horisonte. Os machileiros, patinhando lama, fazem inauditos esforços para evitar um escorregão que os estatele... Mangal a um lado e outro; um bocado de estrada, feita de matope ou lôdo endurecido, metida n'uma estacaria que, mais hoje mais amanhã, rebentará. Chegamos a um pavilhão, na margem esquerda do rio Bazar, onde tomamos o chá... das sete.

Este rio nada mais é que um braço de mar, como sucede a tantos outros da Zambezia. Aparece, no Bazar, um cavalo marinho. Grande reboliço no acampamento, cada qual lançando mão da sua escopeta, e todos querendo meter uma bala no arcaboiço do animal. Pois nenhuma está carregada, e ninguem sabe dos cartuchos. É que hoje, em Africa, viaja-se na maior despreocupação deste mundo, sem receio dos bichos nem dos homens. Para mim, durante anos, foi muito mais perigoso atravessar o Rocio que atravessar agora as charnecas d'Africa... O bicho demorou-se um bocado á tona d'agua, e como visse que nada queriam d'ele, foi-se embora.

O luar, muito escasso, mal dá para não marcharmos ás escuras, por entre modestos palmares, propriedade indigena, sem nenhuns arranjos culturaes. Palhotas á borda do caminho; os indigenas acocorados á roda de fogueiras, preparando a ceia.

Chegamos a um logar denominado *Loja do Grandela*, no prazo Mahindo, e aqui deixamos a machila para tomarmos o muletrico. É um perfeito animal, grande e bem lançado, gordo a lavar se com uma bochecha d'agua, a mula que reboca tres vagonetas, montadas sobre calhas, em cada uma das quaes tomam logar quatro pessoas. Trota que se desunha, o demonio da mula, tão desembaraçadamente que dir-se hia não lhe pesar a carga.

Estamos em Micaune, no Praso Mahindo, de que é arrendataria a Sociedade do Madal. Dá-nos as bôas vindas, em nome d'esta Sociedade, o sr. Teixeira de Sousa, que vive na Zambezia ha vinte e quatro anos, e nenhum desejo tem de voltar para a Europa. E' o gerente, em Africa, da Sociedade. Fere-me a extraordinaria semelhança d'este homem com o José Queiroz, tão parecidos que facilmente passariam por irmãos gemeos. Não é só a parecença do rosto ; é a semelhança das atitudes ; a maneira de se exprimir ; as mesmas falas vagarosas.

Pobre José Queiroz!

Escapou de morrer quando se quiz matar, e veio a pneumonica, quando já se resignara a viver, e pregou com elle na cova, em menos de nada...

Visita aos armazens, cheios de copra ; visita á serralheria, sob a direcção d'um mestre dinamarquez ; visita ao estaleiro, na margem do Linde, onde está em construção um gazolina de tamanho avantajado. Este Linde, um rio como o Bazar, sem a contribuição do Matulene, lá adiante, havia de ver-se em papos d'aranha para chegar ao mar. A cheia de 1917, uma das maiores, na memoria dos zambezianos, levou uma ponte que havia aqui, ponte de atracação, e que era já velha de mais de cincoenta anos.

Vamos agora de visita á Escola, construida de

fresco, muito á pressa, para eu a ver, coberta de zinco com paredes de cana. O mestre é preto; os rapazinhos aprendem a ler d'uma forma automatica, pronunciando palavras de que ignoram, por completo, a significação. A Enfermaria, como a Escola, feita dos mesmos materiaes, tem dois compartimentos — um para homens, outro para mulheres. O medico e o enfermeiro são duas pessoas distinctas, e um só escarumba verdadeiro habilitado na escola de enfermagem do Hospital Miguel Bombarda, em Lourenço Marques. Uma pequena fabrica de moagem; uma oficina de serração, as estufas de secagem da copra, e eis tudo quanto se pode ver n'este *luane* do Mahindo, em Micaune, que ainda ha poucos anos foi atacado pelos indigenas, servindo-se de velhas espingardas de pederneira.

Optimas as laranjas de Micaune, encarnadas como as da Metropole, maiores do que ellas, mais carnosas, de casca fina, mais sumarentas, muito dôces. Nunca vi laranjeiras d'este tamanho, grandes como as oliveiras de bom porte. Na minha frente, quando estou á meza, convertida em casa de jantar, durante a minha permanencia aqui, uma larga varanda que corre a fachada ocidental da casa, fica a maior laranjeira do luane, carregada de laranjas, que eu vou contando, dividindo a arvore em secções. Contei, melhor dizendo, calculei serem umas quatro mil. Observa-me o sr. Teixeira de Sousa:

— Quem me dera ter em contos de réis as que passam...

Aparecem os Muenes, os regulos, a cumprimentar, todos de fraque, jaquetão, sobrecasaca ou paletó. Fazem-se acompanhar dos seus secretarios, enfarpelados com mais singeleza. Tudo descalço, que os pés, como todas as plantas, excepto as de estufa, gostam do ar livre. Raros dos Muenes trazem camisa, e apenas uns tres ou quatro dos secretarios vestem calças.

Em nome de todos, fala um dos Muenes, que pelo nome não perca.

O que pretendem de mim estas pictorescas auctoridades cafreaes?

Simplesmente isto — licença para continuarem, como até ha pouco, a embebedar-se com sura.

Mas já sabem qual será a resposta, e por isso não mostram surpreza quando lhes digo redondamente que não, servindo-me do interprete, está bem de ver. A sura, como bebida, acabou; algumas palmeiras serão ainda destinadas á sura, utilisada apenas como vinagre e como fermento.

Havia no Praso Mahindo para cima de tres mil cajueiros, que foram arrancados; mantendo-se a prohibição da sura e fiscalisando rigorosamente o consumo das mixordias que da Metropole mandam, como instrumento de civilisação, para embebedar o preto, a Zambezia será um Paiz em regimen seco, como dizem os abstemios da Ame-

rica. E' certo que o preto distila tudo que contem alcool, desde o milho ao ananaz; mas a sura, ao norte, e o sope, no sul, são as principaes beberagens com que o preto se embebeda, isto é, se intoxica, estragando a saude. O peor de tudo é que este enraizado vicio, que Antonio Enes tomou como sendo uma das substanciaes caracteristicas da raça, não limita os seus estragos aos paes, reflecte-se, de variadas formas, nos filhos, no decorrer das gerações.

A sura, antes da fermentação, é uma limonada que cheira mal e sabe a coisa pôdre, enjoativa até á nausea; depois de fermentada melhora um pouco, quanto ao cheiro e quanto ao gosto, mas os proprios indigenas, se a não bebem nas primeiras horas, não a tragam. Obtem-se por incisões no *palmito* ou *botão*. A palmeira destinada a sura é perdida para a copra.

Vamos de machila, ver as novas plantações da Madal, já feitas com todos os rigores da sciencia agronomica, isto é, devidamente selecionados os côcos para semente, e metidos na terra a intervalos regulares, dez metros afastados uns dos outros.

Ouve-se rugir o mar, aqui perto, e eu não resisto a ir espraiar a vista, já um bocadinho cançada dos horisontes curtos, pela sua imensidade sem fim.

Entardece; tudo é silencio no vasto palmar, que as sombras da noite proxima já vão enchendo

discrétamente, tornando hieraticas, espectraes, estas arvores simpaticas.

Ocorrem-me estes lindos versos de Gomes Leal:

> Descae o sol nos olivaes do monte,
> Recolhe o pastor seu gado ás eiras.
> Vão as filhas de Jacob á fonte
> Com seu rythmo andar entre as palmeiras.

Pois que ando em visita de instrução, e me encontro na região dos palmares, preciso saber alguma coisa a respeito da vida do coqueiro, e muito obsequiosamente o sr. Teixeira de Sousa, passeando no *luane*, á maneira peripatetica, me preleciona na materia.

Os coqueiros dão-se bem na terra humida, comtanto que não seja alagada, e carecem de receber o bafo do mar, que se faz sentir a uns quarenta kilometros da costa. Em regra estas arvores não devem tocar-se pela rama, e d'aqui se tira uma indicação precisa, nem sempre observada na Zambezia, para fazer a sua plantação. Os pretos que cortam os côcos ganham mais que os outros, o que é justo, porque fazem um trabalho que demanda particular agilidade, e não é destituido de perigos. Marinham lestamente pelos coqueiros, umas vezes servindo-se de pequenos degraus que lhes abrem no tronco, outras vezes servindo-se d'uma corda que é, por assim dizer, um degrau movel que teem agarrado aos pés, e que

vae subindo com elles. A faca levam-na umas vezes na cinta, outras vezes na bôca. Em segundos, um minuto, quando muito, sobretudo servindo-se da corda, marinham os vinte ou trinta metros d'um coqueiro alto, e desatam a cortar cocos com um desembaraço surpreendente.

Apetece-me beber do côco — honni soit — e logo o sr. Teixeira de Sousa manda abrir um dos muitos que vão caindo, cortados agora mesmo, para eu ver. Agua muito fresca e muito agradavel, ligeiramente xaroposa. Em principio de condensação, esta agua forma como que um bolo de neve, chegando a adquirir apreciavel dureza, e perdendo então o gosto que tinha primitivamente. Um coqueiro leva uns oito anos a fazer-se; dá o maximo da produção aos dez anos e mantem-se, a produzir assim, indefinidamente.

Tudo se aproveita, tudo se pode aproveitar do côco — a sua agua, para beber; a sua casca, para queimar, o seu miolo para fazer dôce e estrair oleos, a sua cabeleira para fazer tapetes.

Abre-se o côco por meio d'uma especie de lança, enterrada no chão, e este serviço, em regra, é feito por tarefa. Formam-se *ponjas*, isto é, grupos de cinco côcos, presos uns aos outros, para a contagem, e cada preto recebe pela manhã, quando chega ao *luane*, os côcos que tenciona partir durante o dia; em partindo o ultimo, vae-se embora. Gostam muito de trabalhar assim, á tarefa, estes selvagens. O branco, homem civi-

lisado, prefere trabalhar á jorna, para que lhe paguem a preguiça como se fosse trabalho.

Nada tem de interessante a operação da secagem. N'uma estufa vulgar de Linneu, com gradeamentos sobrepostos, metem-se os côcos, já ligeiramente secos pela exposição ao sol, e ali se conservam por vinte e quatro horas, sujeitos a uma temperatura de mais de cem graus. Esta estufa da Madal, a primeira que vejo, seca trinta mil côcos por dia.

As mulheres é que esmiólam os côcos partidos, e ganham á jórna.

Em media seis kilos de côco dão um kilo de copra; um preto desembaraçado abre á roda de dois mil e quinhentos côcos, trabalhando dez horas.

Diz-me o sr. Teixeira de Sousa que os pretos roubam muitos côcos, uns para seu uso próprio, outros para venderem. Geralmente seis côcos rendem *uma quinhentas*, isto é, cinco tostões do tempo em que havia prata. O *monhé* compra ao preto e vende ao branco, dono das palmeiras, que muito bem sabe que compra uma coisa que lhe roubaram!

Ocorre-me perguntar quanto ganha por aqui, na Zambezia, um trabalhador indigena...

— Varia o seu salario entre cinco e sete tostões por semana,

— A sêco?

— Com a ração.

— E quanto pode valer a ração?

— Agora é caro. Não se faz com menos de tres tostões por dia.

Atrazadamente, ha menos d'uma duzia d'anos, a ração d'um trabalhador, quando custava um vintem, já escaldava.

Pois na Zambezia, n'este ano da graça de 1921, um indigena trabalha de sol a sol pelo modico salario de sete vintens e meio por dia compreendida a ração.

Quer-me parecer que não será por causa dos salarios que pagam que os proprietarios zambezianos deixarão de fazer rapida e avultada fortuna.

*

Estou a pé ás cinco horas, o que não é uma extraordinaria madrugada, em Africa.

A's seis horas embarcamos n'um gazolina, e aqui vamos, rio abaixo, demandando terras de Inhassonge. Este Linde, muito cheio, n'este momento, é tão largo como o Chire, mas não tem, como elle, as margens nuas, com trechos de caniço a longos intervalos. Lembra antes o Buzi, na porção que naveguei, já quasi ao anoitecer, regressando de Villa Arriaga á Beira, e far-me-hia a mesma agradavel impressão que o Buzi me fez, se o percorresse á mesma hora, nas indecisões d'uma tarde melancolica, com flores em cacho, de variadas côres, salpicando o mangal verde, muito verde . . .

Está fresco; o céo nublado ameaça dar chuva.

Aqui entra o Matulene no Linde, formando uma bahia amplissima, e d'ela saindo juntos, confundidos n'uma só corrente que vae lançar-se no Indico.

Atracamos, do barco saltando para a machila — a eterna, inevitavel machila!

Vamos atravessando o Prazo Inhassunge, tambem da Companhia da Madal, guiados pelo sr. José Lourenço Freire, que ha perto de trinta anos se gasta por aqui.

Este sr. José Lourenço, que parece ter sido fadado para viver n'um clima inhospito, devia andar pela Metropole, pago á farta pelo Governo ou pelos arrendatarios dos Prazos, a mostrar se ás gentes timidas, que só de ouvirem falar na Zambezia batem o queixo como no frio d'uma sesão. Parece ter menos uns dez ou doze anos do que realmente tem, lesto, desembaraçado, o ar de quem vende saude. Já matou setenta e tres liões e cento e vinte e oito tigres. Não matou esta bicharia toda, mais de duzentas feras, a tiro. Não; muitas apanhou as em armadilhas, ratoeiras de varia ordem onde o animal que lá cae, lá fica, impossibilitado de qualquer especie de defeza.

Almoçamos em Inhassunge, n'um pavilhão improvisado, e os *muenes*, os regulos que nos veem cumprimentar, como em Micaune, pedem-nos... sura! Respondo como já respondera aos outros, acrescentando que desejava que elles me pedissem qualquer coisa que lhes fosse util, e eu pudesse

fazer, para lhes mostrar como se interessa por elles o Governo da Provincia.

Embarcamos no gazolina da Capitania de Quelimane, seguindo as bagagens n'um rebocador, tambem da Capitania. Já não chove; desanuviou o céo; aparece-nos, muito alto e muito luminoso, o sol, que ainda hoje não tinha visto.

— E' sol de pouca dura...

Pois aqui vamos descendo o Rio dos Bons Signaes, que em alguns pontos tem mais de um kilometro de largura. Dá uma impressão de plenitude, como o Chinde, emoldurado em verde, como o Buzi. Do Praso do sr. Gavicho, o Praso Karungo, cumprimentam-nos festivamente, aglomerados ali, na margem alta, os seus trabalhadores, na vaga esperança d'uma atracação, por minutos. A verdade é que já chove novamente, e dos lados da barra vem uma aragem forte, que pode vir a ser, antes de chegarmos a Quelimane, uma incomoda ventania.

Vamos costeando uma grande ilha que fica no meio do rio, equidistante das margens, e tem uma vegetação arborea, feita de mangal, que lhe dá os ares d'um bosque emaranhado, sempre verde e sempre inutil.

Avistam se as primeiras casas de Quelimane.

O barco aguenta-se muito bem com o rio picado, debaixo d'um céo plumbeo; mas a sua marcha é consideravelmente retardada pelo vento,

que sopra rijo, e pelas ondas, que lhe batem de frente, e são d'um tamanho consideravel.

Atracamos á mizeravel ponte, e vamos receber os cumprimentos da Camara n'um pavilhão em frente. Muito povo; toda a gente branca da Vila; imensa gente de côr, pretos e mulatos; os meninos da Escola cantam a Portugueza. Ruas embandeiradas; gente curiosa nas janelas; gente ociosa nas esquinas. Todos cumprimentam o Governador da Provincia, afirmando o seu respeito pela Auctoridade.

Instalamo-nos na residencia do Governador, tenente-coronel Silva Leal, que ha um mez não pára em ramo verde, hoje aqui, amanhã além, preparando tudo no seu districto para que a minha visita, sendo o menos possivel incomoda, resulte o mais possivel instructiva.

Afinal sou hospede de gente conhecida, porque a esposa do Governador, natural de Angra, conhecera-a eu quando ali estive, cirurgião ajudante do exercito ha perto de trinta anos, e acho infinita graça ouvir *falar açoriano* na *capital* da Zambezia.

Como o madeirense, raramente o açoriano perde ou sequer ao menos atenua o seu particularissimo modo de falar, embora viva por largos anos fóra do arquipelago. Todos os açorianos cantam; mas não é a mesma a cantoria em todas as ilhas, sendo notavel a diferença, sob este ponto de vista, entre S. Miguel e Terceira, que ficam a poucas milhas uma da outra. São mais claros os

sons e menos prolongadas as silabas na Terceira, o que dá ao seu *falar cantado* mais leveza e maior graça.

Noite de tempestade; ventania desabrida; chove a cantaros. Ouve-se rugir o mar, ao longe, dominando o marulhar do rio, que talvez o Gama não tivesse denominado dos Bons Signaes, mas dos Maus Bocados, se o tivesse apanhado assim, enfurecido, espumando raivas de fera enjaulada.

O *Luabo*, que já aqui devia estar, ainda aguarda, fora da barra, á cautela, uma sota para entrar.

Diz-me o Governador que teremos bom tempo no dia seguinte, e isso me tranquilisa, porque desejo realisar o programa da minha visita ao Norte da Provincia sem alterações de maior.

Tudo me tem corrido bem até agora, mas o futuro a Deus pertence.

A Vila impressiona bem. Edificios regulares, em alvenaria a maior parte, nenhum que se imponha pela grandesa ou pela elegancia; Avenidas largas, imensamente largas, sem calcetamento, ornamentadas com arvores de grande porte — palmeiras, mangas, acacias vermelhas. Os serviços publicos estão regularmente instalados, excepto os Correios; a Camara é um bom edificio e o Hospital, com a Pharmacia dentro, pouco deixa a desejar.

A Alfandega só tem de bom .. o seu director, sr. Silva Pereira, que é dos funcionarios mais dis-

tintos da Provincia, distinto como aduaneiro, e distinto como chefe ou capitão do porto, competente e zeloso como o mais zeloso e competente oficial de Marinha. Uma vergonha a Estação dos caminhos de ferro, e um cahos as respectivas oficinas. Quando estiver feita a Avenida marginal, projectada ha muitos anos, o aspecto da Vila mudará por completo, e Quelimane será a digna capital da Zambezia, o mais rico, o mais bem cultivado districto de Moçambique. Faz-se dentro da Vila muita cultura horticola, e não faltam as palhotas, maticadas umas, de pau a pique a maior parte, dando certo cunho africano a este povoado europeu. Não ha uma rêde de esgotos e agua que abastece a Vila é de poços, ligeiramente salôbra. Em Africa ha necessidade de gastar muita agua, porque ha necessidade, mais do que na Europa, de ser muito limpo, e tanto ou mais do que a hygiene do individuo, a hygiene da colectividade deve merecer solicitos e inteligentes cuidados. N'este particular, coisa alguma se tem feito em Quelimane, e não colhe a objeção da falta de dinheiro, porque o Districto é rico, a sua contribuição para as despezas geraes da Provincia é grande, e a maior parte d'esta contribuição é de justiça que se gaste em melhoramentos locaes. Assim o entendo, e assim o farei, se conseguir levar a cabo o meu mandato.

Dizem-me que ha falta de casas em Quelimane, como ha em Tete, como ha em Lourenço Mar-

ques, como ha, parece, no mundo inteiro, a guerra tendo produzido uma *crise da habitação*, a despeito dos milhões de vidas que sacrificou, vindo logo a seguir a pneumonica, tão homicida como ella. Se as Companhias que exploram a Zambezia, arrendatarias de Prazos, construissem na Villa as indispensaveis moradas para os seus empregados que não precisam habitar na fazenda, Quelimane já seria grande como uma cidade pequena, e outra seria a sua importancia como centro urbano, banhado por um rio de muita agua e muito fundo, distante uns vinte kilometros do mar. Não é justo que as Companhias, drenem para fóra da Provincia a maior parte, a quasi totalidade dos seus rendimentos, deixando aqui o menos que podem deixar, *quantum satis* para o cultivo das terras, pagamento de salarios e impostos. Ha que reter na Provincia uma bôa parte do rendimento das Companhias, e isso pode e deve fazer-se sem espoliações vexatorias, sem tolher iniciativas fecundas, deixando largamente aberta a porta a quem pretenda vir aqui enriquecer pelo trabalho.

Que demonio!

Se nós pretendemos civilisar a Africa, não podemos exploral-a, ou consentir que a explorem, como se fosse uma mina, até se esgotar. E, comtudo, é pouco mais ou menos isto que temos feito, que temos deixado fazer, sem considerarmos devidamente que ha na Provincia tres milhões de pessoas que são os filhos d'esta Terra, que são os

aborigenes d'esta Colonia, devendo ser amanhã os cidadãos d'este Paiz, se effectivamente cumprirmos a nossa missão civilisadora.

Quer o leitor saber qual é a população de Quelimane?

Se não mentem as estatisticas, é de 3400 habitantes.

Pois bem; d'estes são brancos... um pouco mais de trezentos, e são pretos um pouco menos de tres mil. No districto os pretos são mais de quinhentos mil, e os brancos, amarelos e de varia côr não excedem tres milhares. Tendo em consideração que o branco, na Africa intertropical, não pode ser um trabalhador do campo, e só em condições muito especiaes pode ser um trabalhador industrial, facilmente concluimos pela necessidade de ao mesmo tempo cultivarmos a *terra* e civilisarmos o *homem*, sendo certo que não pode viver o homem civilisado n'uma terra que se mantem selvatica.

As corporações apresentam os seus cumprimentos e formulam as suas reclamações, queixando-se amargamente do Sul, que nada produz e tudo consome. Esforço-me por lhes demonstrar que a Provincia é uma unidade geografica e politica, não sendo uma unidade administrativa porque ainda existem Companhias magestaticas. Tambem é uma unidade economica, formada pelos interesses varios, peculiares a cada uma das suas

regiões, considerada a Provincia no ponto de vista das suas aptidões para uma exploração remuneradora, industrial ou agricola. Norte e Sul, em Moçambique, são meramente expressões geograficas, e mal irá ao Paiz, mal irá á Provincia no dia em que ellas corresponderem a realidades politicas.

Todos me prometem auxiliar a minha ação governativa, e porque sabem que em Lourenço Marques gente sem cathegoria se empenha em me crear dificuldades, abertamente se colocam do meu lado, incitando me a ir até onde seja necessario que vá para que o Governador da Provincia governe, no amplo e nobre significado da palavra.

Manhã cêdo, logo depois do mata-bicho, partimos para Maquívale. E' um passeio de vinte e oito quilometros em caminho de ferro, via reduzida. Tomâmos o comboio lá adiante, no fim da Avenida Machado dos Santos, uma longa e quasi deserta Avenida onde fica o cemiterio. Antes, porém, visitamos as oficinas da Companhia da Zambezia, serralheria e marcenaria, bem como a Escola de Coclane, frequentada por 98 rapazes e 47 raparigas. O director desta escola, um missionario, está empregado na Companhia da Zambezia, e não é ele, em toda a Provincia, o unico missionario que evangelicamente entra ao serviço de quem lhe paga, baralhando os negocios com

os dogmas. O mais vil dos escribas que em Lourenço Marques, na séde do episcopado, me tem dirigido vaias e insultos, é um missionario, socio gerente de uma sapataria, tendo sido publicada no Boletim Oficial a escritura da respectiva sociedade! O negocio mais rendoso que hoje ha na Provincia é a loteria, explorada por um padre que a um judeu de Durban comprou o respectivo monopolio. Escusado será dizer que o judeu, talvês descendente, em linha recta, dos que venderam o Cristo, recebeu do missionário catolico mais dinheiro, muito mais dinheiro do que rendeu o proprio Cristo, se na verdade ele foi vendido por trinta dinheiros, como rezam as sagradas escrituras.

Quasi todos mulatos, os estudantes de Coclane, muito bem compostos nos seus vestidinhos pobres, e o ar satisfeito de quem traz a barriguinha cheia.

Todo o pessoal do comboio é gente de côr, pretos ou mulatos; de côr é a maioria, a quasi totalidade dos passageiros que ele transporta diariamente.

Corre a linha por entre palmares; os que não pertencem á Companhia são propriedade de indigenas, que os não tratam, isto é, que os não lavram, o que constitue um perígo, por causa dos incendios. Tão pouco os indigenas tratam as suas palmeiras doentes, sacrificando as que não podem ter cura, para evitar que contagiem os pal-

mares sãs. O direito de propriedade não pode ir tão longe, e eu prometo ao dr. Guerra Lage, que sobre ser uma pessoa inteligente e culta, é uma pessoa muito amavel, adoptar as providencias necessarias para que um tal estado de coisas não continue.

Muito vagaroso, mas comodo, este comboiosinho de Maquivale. A sua marcha vagarosa permite ir vendo tudo á vontade, e os passageiros não reclamam quando ele pára aqui e ali, sem respeito pelo horario, que só regula a partida das estações extremas, Quelimane e Maquivale. Cai agua que Deus a manda, e porque o dr. Guerra Lage nos quiz mostrar mais um estabelecimento da Companhia, onde faz creação de porcos, tivemos de acolher-nos ás pocilgas, muito espantados os suinos por verem tanta gente branca. Um mariola de um varrasco, perfeito animal, com madeiramento para botar vinte arrobas, engordando até não caber na pele, entretem-se a lamber uma porca, primeiro o lombo, depois o ventre, indo até chupar-lhe as têtas murchas, com movimentos de sucção amorosa. A porca dá mostras de gostar; mas quando o varrasco se ergue nas patas trazeiras, assumindo uma atitude que á porca, já matrona, nenhumas duvidas pode oferecer, ela desvia-se bruscamente, e olhando-o um pouco de soslaio, pareceu grunhir com afeto: — Esteja quieto que está gente a vêr.

Pára o comboio uma vez mais, agora em pleno

descampado, num sitio onde não ha Estação ou Apeadeiro.

Avaria na maquina ?

Simplesmente uma inesperada revista de gado, bois e vacas, pequeno rebanho que maiorais pretos, sob a direcção de um branco, o sr. Alfredo, que por signal é Pires, fazem passar rente á linha.

E' uma coisa muito interessante, a arquitectura dos cornos na Provincia — *honni soit qui mal y pense*. Ha os que formam lira, nem muito grossos nem muito compridos, mas rigorosamente simetricos, desenhando com rigor este classico instrumento musical. Ha os que convergem para a testa do animal, negros e retorcidos, lembrando pequeninos troncos rastejantes, sem nenhuma especie de utilidade. Os bois *angos*, de que em Bompona vi muitos exemplares, não teem cornos, o que torna o animal desgracioso, sem que este defeito estético, que eu saiba, tenha compensação de qualquer ordem.

Chegamos a Maquivale a muito boas horas de almoço, e o sr. padre Marques, empregado da Companhia, vai dar-nos um almoço de arromba, tudo o que ha de mais zambeziano. Emquanto se põe a mesa visitamos as instalações que aqui tem a Companhia. Pequenas oficinas, pequenos armazens, uma Escola, tambem pequena, suficiente para a população escolar do logarejo. Na vespera foi apanhado um hypopotamo, que o sr. padre Marques mandou guardar numa cova, á

espera que nós chegassemos. O dr. Guerra Lage tem a amabilidade de m'o oferecer. Aceito o oferecimento, destinando o bicho ao jardim de Lourenço Marques, de uma pobresa que faz vergonha.

Antes de irmos para a mesa não ha remedio senão conceder uma entrevista á sr.ª D. Aninhas Pimenta, que de Quelimane aqui veio, expressamente, para me relatar o seu caso, entregue aos tribunais.

O caso foi que D. Aninhas, já prohibida a sura, mandou fabricar esta bebida, e assim incorreu na penalidade dumas poucas de libras, que não quer pagar. Imagina a senhora que eu posso fazer trancar o processo, visto ela me jurar sobre os Evangelhos que não praticou a falta de que a acusam.

— Foram os meus serviçaes, senhor Alto Comissario, de proposito para me comprometerem.

Pertence D. Aninhas a uma cathegoria, quasi extinta, de pessoas de Quelimane, chamadas as Donas, para com quem se houve generosamente a Corôa, dando-lhes terras e privilegios, de modo que elas fossem o nucleo de familias que se fixassem aqui para todo o sempre. A verdade é que as Donas teem vindo a desaparecer, não tardando que delas só reste a tradição de casas hospitaleiras, que recebiam fidalgamente, casas em que se comia do bom e do melhor, sendo notaveis os dôces com que empanturravam os seus hospedes, afamados ainda além da Traprobana!

O sr. padre Marques excedeu-se a si proprio. Não acabaria jámais o almoço, obrigado a caril, se todos quizessem e pudessem comer de tudo. Fui contando os pratos — um, dois, tres... seis... nove... doze, até que resolvi erguer-me da meza, declarando que ou o almoço acabava, ou eu fazia prender o Padre, acusando-o de tentativa de homicidio voluntario e colectivo, por empanturração! Fui obedecido, porque falei como autoridade superior da Provincia; mas não evitei que o sr. padre Marques, quasi a chorar, me arrancasse a concessão de deixar servir apenas mais seis pratos — só seis! — que eram uma novidade para os mais velhos zambezianos, e para confecionar os quaes ele se dera a mais trabalhos e arrelias que para entender as doutrinas da teologia dogmatica.

Vamos á Ilha Jorge, do outro lado do rio, em frente de Maquivale, e ali vejo a palmeira de Zanzibar, de que já me tinham falado, mas que ainda não tinha visto. São pequenas, estas palmeiras, mas fructificam mais cedo do que as nossas, e teem a mesma produção. Talvez morram mais cedo; mas aos cinco anos estão a fructificar, ao passo que as nossas estão oito anos sem dar fructo. Afazem-se bem ao nosso clima, e não exigem especiaes cuidados de tratamento. Era natural que já se tivessem feito, na Companhia, ensaios de aclimação, em ponto grande, d'esta palmeira, mas ainda nem sequer se pensou n'isso. Experimento

aqui, em Jorge, partir côcos, e verifico que não é tão facil como á primeira vista parece. Os indigenas, trabalhando com desembaraço, chegam a partir tres mil n'um dia; eu suponho que não partiria mil n'uma semana.

Havia aqui uma casa do Governo, que está em ruinas. Como não vale a pena reparal a, acho melhor demoli-la, para não atestar a quem por aqui passe o nosso imperdoavel desmazelo.

Vamos seguindo, rio abaixo, no gazolina, sem enfado, mas tambem sem interesse, porque o Maquivale é, como todos os outros rios da Zambezia, que já conheço, muito largo, muito cheio, metido numa cercadura de mangal verde, que não deixa ver as suas margens, terras alagadas em todas as marés vivas.

Como se não coubesse á vontade no leito, o Maquivale deita os braços de fóra, o esquerdo primeiro, o direito mais adiante, e assim vai até Porto Belo, onde se mete no Oceano, formando uma barra alta e variavel, que muito receiam os marinheiros.

Vamos a terra em Idungo, onde a Companhia da Zambezia tem uma importante salina, insuficiente para abastecer de sal a Provincia inteira, como seria para desejar. O preto do interior vê-se e deseja-se para arranjar, por compra ou por troca, mesmo a titulo de salário, uma mancheia de sal, devendo fazer se uma obrigação de lh'o fornecerem os proprietarios que o empregam,

isto é, que utilisam, á jorna ou por temporada, a seu trabalho, Se, como se diz, civilisar é crear necessidades, o primeiro cuidado dos brancos deveria consistir em crear necessidades ao preto — a necessidade de se alimentar, a necessidade de se vestir, e progressivamente aquelas necessidades que poderemos chamar de civilisação, porque sem as satisfazer vive maravilhosamente, no mato, o homem selvagem. O preto gosta de comer do bom e beber do melhor; gosta de se enfeitar como os nossos *adelaidinhas*, ou como as nossas cocotes. A coisa facil que teria sido, de ha muito, leva-lo a trocar os seus panos, ás vezes reduzidos á sua expressão mais simples, um pequenino avental encobrindo os orgãos sexuaes, pelas nossas andainas, mais baratas umas, mais caras outras, mas todas elas completas, desde o chapeu aos sapatos.

Pois desembarcamos no Idungo, por breves minutos, talvez meia hora, o bastante para vermos um *luane* como todos os outros, *mutatis mutandis*; gado como o que já vimos, gado vacum, quasi todo cafreal, e no meio da salina um engenho para baldear a agua, muito original, possivelmente inventado já na idade da inchó e do serrote, maquineta que já talvez servisse nas regras do Paraizo, onde a agua era em tal abundancia, que chegava para regar todas as arvores, de fructo e ornamentais, que Deus ali fizera nascer para regalo de Adão e Eva.

Um barquito lá adiante, de véla cheia, navegando em direcção oposta á que levamos; uma barca de carga, movida a remos, quasi na embocadura do Nameduro que separa os territorios da Companhia da Zambezia dos territorios adjacentes da Companhia do Boror; uma aragem excessivamente fresca, vinda das bandas do mar; o céo, de um azul muito vivo, por cima das nossas cabeças, e de um azul claro para os lados do poente; o sol, como uma perola da mais pura agua, palido, quasi branco, lembrando uma folha de magnolia, a descer lentamente, vagarosamente, como que a dar tempo que suba a lua, já a despontar.

Chegamos a Porto Belo, no Prazo Macuse, onde o sr. José Cardoso e sua esposa nos recebem, em nome da Companhia do Boror. com requintes de gentileza.

Noite de somno reparador, que dura... até acabar.

As instalações de Porto Bello são, *mutatis mutandis*, as instalações da Micaduni; vistas umas, estão vistas as outras. Nem admira que assim seja, porque todas teem a mesma função, todas foram construidas para serem utilisadas da mesma forma. Aqui, em Porto Bello, não ha enfermaria nem ha escola. Armazens; oficinas; estufas de secagem; moradia para empregados brancos. O Prazo é enorme; terei de o percorrer em machila, porque a Companhia ainda não assentou

mais do que uns metros de via ferrea, por onde escorregam pequeninas zorras, que os indigenas empurram. Imagine-se o tempo que se perde e o pessoal que se empata a carregar côcos á cabeça, ajuntando-os primeiro, monte aqui, monte além, o que representa perda de tempo e de trabalho. Não vejo signaes de lavoura ou sacha, como se os palmares não gostassem de andar limpos. Algumas culturas indigenas, milho e feijão, coisa de nada, n'uma ou noutra vendo-se drenos, isto é, pequenas valetas de drenagem. Tres lojas formando uma povoação comercial, segundo a lei; em construção, lá adiante, uma casa de alvenaria, tambem para comercio. Os caixeiros, em todas estas lojas, são monhés, asiaticos; é a Companhia quem lhes paga. Um pano que ainda ha dois anos custava oito tostões, custa agora dez escudos, não sendo embainhado. Os salarios não cresceram na mesma proporção, está bem de ver, o que dá ao preto bôas rasões para se queixar.

Junto á foz do rio ha um posto alfandegario, pessimamente instalado. Nem sequer o facto de ser este posto bastante rendoso serviu, até agora, para comodamente instalar o respectivo empregado.

O sr. José Cardoso, muito amavel, faz-me uma lição de coqueirismo, completando os ensinamentos que em Micaduni recebera do sr. Teixeira de Sousa. Fiquei a saber, agora, que a *sura* se faz do *tombe* e não do *palmito*, mostrando-me o sr.

Cardoso uma e outra d'estas coisas, que eu só de nome conhecia. A bainha que encobre o *tombe* abre-se naturalmente, e o penacho que tem dentro contendo os elementos da floração, branco como se fosse de marfim ou celuloide, desenvolve-se — se o não incisam para a *sura*.

A palmeira, o coqueiro, é uma das arvores mais uteis d'Africa. Basta dizer que ella fornece ao preto alguns artigos de vestuario e fazenda para taleigos ou sacos, que lhe seriam de grande utilidade... se tivesse alguma coisa que lhes meter dentro. A base das folhas é envolvida por uma bainha, que as segura, e esta bainha é a serapilheira, de fios cruzados, que o indigena muitas vezes aproveita para dispensar os panos, que nem sempre pode comprar. Diz-me o alfandegario que emprega esta *fazenda* para coar o seu café, o que lhe permite, sem dispendio, renovar, a *manga* com frequencia.

Uns minutos mais de machila e chegamos á praia, juncada de cadaveres — abandonados cadaveres de casuarinas e palmeiras, que as ondas não puderam arrastar. Maré baixa; o mar parece que encolheu desmesuradamente, deixando em seco uma extensão enorme da praia. Anda gente a pescar, de arrasto, mulheres e creanças metidos n'agua até por cima do joelho.

Passeio a vista pelo infinito lençol d'agua, e nem uma insignificante almadia aqui, um barquito de vela mais além, o fumo d'um vapor que passe

ao largo, a sumir-se na distancia, qualquer coisa que ponha uma nota de vida humana n'este deserto Indico. Fecho os olhos, isolando-me dos companheiros, e não me chega aos ouvidos o mais apagado som, o mais leve ruido, um infimo ramalhar de folhas, o arrastado murmurio de pequeninas ondas que venham morrer na praia, em bocejos de espuma.

*

Partimos, de machila, com destino a Villa Valdez, acompanhando-nos o sr. José Cardoso, empenhado em mostrar-nos tudo o que é propriedade da Companhia do Boror. Sua esposa, uma alemã que fala correntemente o portuguez, foi tão solicita, tão delicadamente carinhosa para com os seus hospedes d'algumas horas, dois dias incompletos, que todos nós levamos de Porto Bello a mais grata recordação.

O caminho, dentro dos palmares, é uma sucessão de largas Avenidas, aqui e além cortadas por valas e mocurros, na maior parte dos quaes ha pontecas de madeira incapazes de suportar o peso d'uma traineira carregada. Demora de alguns minutos no *luane* mais proximo, onde ha tufos de bambús. A' entrada do *luane*, baixa, aberta em leque, uma *palmeira dos viajantes*, rica d'agua, como que nos refresca a boca só de olharmos para ella... Terrenos salgados; o mangal branco, inu-

til como um conego, na frase justa do Herculano.

Aproxima-se a noite; recomeçam os palmares. Ouve-se um rumor vago, ligeiro, confuso, que pode ser das aguas, porque o mar fica muito proximo... Ha o quer que seja de magestoso na imensa Avenida que vamos agora percorrendo, as palmeiras muito bem alinhadas, equidistantes, todas do mesmo tamanho, a tocarem-se pela rama; os troncos verticaes, tão grossos uns como os outros; o pavimento da Avenida, em terra dura, tratado como se ella fosse a rua d'um jardim ou d'um parque. E' uma Avenida de arejamento, diz o sr. José Cardoso, baptisada assim pelo sr. conde de Stuck, director Tecnico da Companhia, ha trinta anos a viver em Africa.

Deixo a machila, mandando seguir a caravana, e encostado ao tronco d'uma palmeira, na orla da Avenida, fico-me, por breves instantes, os olhos fechados, a pensar que o trabalho do homem é a força creadora da Natureza, vagamente enlevado na opulencia e na beleza d'esta terrivel Africa dos leões, dos elephantes, das hienas, quando a Europa mandar para aqui os braços que não puder utilizar e os capitaes para que não encontre, no velho mundo, emprego remunerador.

Lá adiante, quasi no fim da Avenida, acocorados á volta d'uma pequena fogueira, um grupo de trabalhadores indigenas prepara a ceia.

Chegamos ao Lycungo; é noite. A pouca distancia fica a barra, e isso explica que o rio tenha uma ondulação forte, que nos faz ter medo d'um banho fóra d'horas. Com a maré baixa seria dificil o emboque: com a maré cheia, ás escuras, não ha o receio de que falte a agua, mas pode o barco esbarrar n'um tronco submerso, e virar-se. O rio, aqui, é bastante largo, e como não ha luar, faz-se a travessia ás apalpadelas, exagerando os possiveis mas remotos perigos d'um naufragio na boca da barra. Nas condições em que temos de fazer esta navegação, as pás valem mais que os remos, porque não ha o perigo de se partirem, batendo em troncos quasi á flor d'agua.

Outra vez a machila. A neblina é de tal modo densa, que eu já tive a impressão de sentir na cara borrifos d'agua salgada, e não vejo o mar. Os machileiros correm pela areia macia, que lhes não fére os pés.

Aparece a lua, a dar-nos um ar da sua graça. O nevoeiro desfez-se quasi por completo, d'ele restando apenas grandes farrapos do lado do mar. Passei ligeiramente pelo somno, uns breves minutos, e acordo dentro d'um infindavel tunel de sombra, formado por arvores alinhadas a um lado e outro, muito altas, a tocarem-se pela copa. E' uma avenida de casuarinas, do comprimento de quatro a cinco kilometros.

Chegamos a Vila Valdez, no Prazo Lycungo.

Forma o *luane* d'este Prazo um grande pateo, com basofias de baluarte — seteiras a valer e torres de flanqueamento a fingir. Coisas já vistas. Apenas noto que ainda aqui se faz a secagem da copra á moda cafreal, isto é, em estufas que serão apenas uma especie de grandes torradeiras, com lume por baixo.

Não fica bem á Boror, que já hoje tem o maior palmar do mundo, usar de taes processos industriaes em qualquer dos seus estabelecimentos. Aqui, neste Prazo, os palmares são menos bem tratados, isto é, menos limpos que no Macuse. Não colhe a desculpa de que o gado morre. Em toda a Provincia elle morre, e nem por isso deixa de haver rebanhos, nem por isso deixa de se lavrar com bois, aqui e além, onde ha lavradores de verdade, como nos territorios da Companhia de Moçambique.

Perto do mar, á beira d'um mucurro, que toma proporções de rio, quando enche, montou a Companhia um estaleiro, onde se estão a construir, n'este momento, quatro grandes barcos, o maior de sessenta toneladas. O mestre é branco, antigo operario do Arsenal; os carpinteiros são pretos, e trabalham na perfeição. Ganham dezoito tostões por semana, mais a ração. Trez tostões por dia a um artifice, pagos em moeda desvalorisada, não se pode dizer que seja uma paga que dificulte a vida da Companhia, que vende a sua copra na Europa, sendo-lhe paga em ouro — libras

ou francos. N'este Prazo não ha um kilometro de via ferrea, para amostra; todas as cargas são feitas á cabeça dos pretos, como se não fosse possivel utilisar melhor o seu esforço, na medida em que elle é capaz de o dar.

Tenho o prazer de encontrar aqui, em Villa Valdez, uma filha do Agostinho de Souza, republicano da velha guarda, dos mais assiduos na *entourage* do Elias Garcia. Estava a notar o seu retrato, como de pessoa conhecida, mas não ligava o nome á pessoa, como usa dizer-se.

— E' o retrato de meu pai, o Agostinho de Sousa.

Tenho uma particular estima pelos republicanos da propaganda, sobretudo pelos que morreram antes de feita a Republica, pelo menos antes d'ela começar a não ser bella, como na vigencia da Monarquia. Foram apostolos desinteressados, sonhadores sem calculo, legionarios que se batiam por uma causa que porventura só vingaria tarde, já elles não seriam d'este mundo, mas que certamente vingaria, redimindo-se a Patria sob o influxo de instituições tendo por base a moral e a justiça. Morreram; mas que felicidade não é morrer quando se leva para o tumulo, sobre o coração gelado, como um ramo de flores viçosas, as esperanças mais bellas, as mais bellas ilusões da vida!

Partimos para Mabala.

O thermometro marca, á sombra, trinta e oito graus — estamos em meados de Setembro. Machilando por ahi fóra, só encontramos de notavel, ainda perto da Villa, um vasto acampamento... de formiga branca, para cima, se não erro os calculos, de seiscentos môrros ou guaritas, de tamanho vario, algumas altas de dois metros. Bem podia a Companhia, aproveitando esta especie de cimento, duro como as pedras, ter construido uma estrada que tornasse facil o transito de carros e de peões por estes campos lamacentos, em que as aguas apodrecem. Só na Angonia, um Prazo, encontrei bôas estradas, feitas pelo arrendatario. e comtudo aquelle Prazo nada mais é, nada mais tem sido, até agora, do que um viveiro de trabalhadores que a Senna Sugar aproveita na sua assucareira de Mopéa.

A Companhia da Zambezia, concessionaria de mais de 150 mil kilometros quadrados, não tem estradas ordinarias, proprias para o transito de carros, traineiras ou automoveis, nos seus Prazos, sendo milagre que mandasse construir um Decauville. Tão pouco tem estradas a Madal, e a Borôr, pelo que já vi e estou vendo, lê pela mesma cartilha, isto é, em vez de aproveitar o indigena como trabalhador, aproveita-o como besta de carga.

Bem sei que os arrendatarios dos Prazos não teem obrigação, expressa na lei, de abrir e conservar estradas; mas deviam ter, e uma exploração inteligentemente economica das suas conces-

sões devia tel-os induzido, ha muito, a só aproveitarem o *homem* para melhor explorarem a *terra*.

Andando sempre, a patinhar lama, chegamos ao rio Maria Hombe, que atravessamos em escaler, a cada instante roçando em troncos submersos. Maré baixa; vê-se a rebentação, lá adiante, na barra, imensamente larga.

Seguimos de machila por um areal matagoso; não se vê o mar, que ruge a pequena distancia. Atravessamos um campo de milho, já sem as massarocas, e não resisto á curiosidade de ver qual a altura media das respectivas canas — mais de dois metros. Se frutifica na proporção em que cresce, uma seara é uma fortuna... Terras alagadas a um lado e outro da estrada; o inevitavel, o aborrecido mangal branco.

Os machileiros desatam a correr, como se lhes picasse a mosca; dobra-se um cotovelo da estrada e chegamos á beira do rio Mabala, que encontro pela primeira vez.

Tenho a impressão de me debruçar a uma janela, aberta sobre um lago enorme, no meio do qual ha uma placa de jardim metido em cercadura de buxo... Vamos andando, metidos n'um escaler movido a remos, e dentro em pouco vejo-me na confluencia de quatro rios, que decidiram encontrar-se aqui, para não irem perder-se no mar. E' uma ilusão da minha vista, mas por momentos, um rapido instante, goso da ilusão

como se fosse uma realidade. Quasi se ouve o rumorejar das folhas; o sol, ainda bastante alto, dá tons de prata nova á superficie d'este rio, d'este lago encantador, em que eu desejaria vogar, n'uma gondola enfeitada, sob um luar discreto, a sonhar sem dormir, entre adormecido e acordado...

Atracamos; estão os machileiros na posição de sentido, á nossa espera. Homens altos, fortes, desempenados, de physionomia aberta, olhar inteligente. Uns tres ou quatro de bigode, e todos elles tosquiados a capricho.

Chega o resto da caravana, e pômo-nos em marcha.

Onde não ha palmares, nos dominios da Boror, ou a terra é nua, ou a cobre o mato. Nem sequer o exemplo de S. Thomé, victima da monocultura, põe a Boror de sobreaviso, determinando-a a fazer mais alguma coisa do que plantar coqueiros e vender copra. Como todos os seres vivos, a palmeira é sujeita a doenças, e ahi temos S. Thomé, invadido pelo rubrocintha, a gritar aos fazendeiros da Zambezia os perigos da monocultura.

Chegamos a Mabala ao pôr do sol. O rio fica a dois palmos do *luane*; por cima d'elle, rugindo as suas furias de leão captivo, ouve-se o mar. Armam-se as barracas de campanha, e logo

a seguir ao jantar mete se a gente na cama, na bôa disposição de fazer uma somneca larga. Toda a noite berra um cabrito, aqui perto da minha barraca, como se lhe tivessem dito que no dia seguinte almoçaria comnosco — guisado com batatas.

Manhã cêdo fazemos um passeio, de machila, pelo vasto palmar de Mabala, menos cuidado que o de Macuse, tão pouco cuidado como o de Lycungo, a gritar que o limpem, pelo amor de Deus.

Bem se diz que pouco aperta quem muito abarca, e a Boror já abarcou demais. Sonhou com os tres milhões de palmeiras, e para lá caminha a toda a força de vela, não querendo saber de mais nada Na vastidão infinita dos seus Prazos não ha nada que tenha fixidez, a não serem os coqueiros, enraiados no chão. Os seus administradores vivem na Europa; os seus empregados brancos, ligados á Companhia só pelos ordenados que ganham, jámais sendo colonos, foreiros de uma porção maior ou menor de terras que agricultem, contribuindo para a valorisação economica da Provincia com uma quota parte do que n'ella ganham. O que digo, só constatando os factos, da Boror, posso dizel-o das outras grandes Companhias que exploram a Zambezia, parecendo que todas leem pela mesma cartilha, a qual resa que Moçambique é uma especie de chafariz, onde o europeu enche a sua bilha, maior ou mais pequena, safando-se em boa ordem.

Tem o sr. José Cardoso a amabilidade de nos

acompanhar até á estrema de Mabala, contrariando a nossa insistencia para que não se incomode mais, desde Porto Bello a aturar-nos, sempre solicito em nos dar todas as informações que possam interessar o Governador da Provincia. Renovamos-lhes os nossos agradecimentos, e proseguimos, de machila, a nossa interminavel jornada, com um pouco de fadiga, é certo, mas sem um vislumbre de aborrecimento.

Acode gente á beira da estrada, para cumprimentar, e noto que ha alguma coisa de afectuoso nos cumprimentos d'esta pobre gente. A caravana passa sem assustar ninguem, antes me parece que estes homens, estas mulheres, estas crianças gostariam que muitas caravanas passassem, comtanto que todas ellas, como esta, os não incomodassem á sua passagem, nada lhes dando, mas tambem nada lhes tirando, a pouco e pouco, mas sucessivamente, pondo-os em contacto com uma civilização que elles repudiam quando os incomoda, e já é incomodal-os fazer-lhes sentir brutamente que na escala zoologica elles ocupam um logar intermedio entre o homem e a besta.

Trechos de floresta, melhor dizendo, trechos de selva, que este matagal fechado não constitue um macisso florestal que se preste á exploração. A copa de muitas d'estas arvores lembra cabeças de Medusa, mercê d'uma vegetação parasitaria que n'elas se emaranha, dando-lhes aspectos es-

tranhos... Entrámos agora n'uma vasta planicie, que parece o fundo d'uma lagôa seca, a perder de vista, infinita e arida...

Passamos em almadia o Irrive, que é um barranco estreito, decorado com o titulo de rio, e dentro em pouco saimos da planicie para entrarmos, novamente, em terras matagosas, engrossando o cortejo que nos acompanha.

Ha muita gente por aqui; sucedem-se as povoações, e de todas ellas as pessoas validas desabelham, engrossando a bola de neve... preta que a caravana vem formando do Irrive para cá. As mulheres saltam como cabritos; se alguma cae, as outras não se desviam para a não pisarem, se a topam na sua carreira.

Muitas seguram os seios, um em cada mão, para lhes não martelarem as arcas do peito. Noto agora, uma vez mais, que estas Venus pretas, mesmo correndo a não tomarem fôlego, não se esquecem de aconchegar os seus trapinhos, por forma que se não veja onde acabam as pernas e onde começa o tronco. Muito curioso um diabo que me apareceu agora, de bengala, chapeu de senhora com abundantes crepes de viuva, casaco de *Adelaidinha*, muito cintado, caindo sobre panos muito sumarios, que descem a meio dos côxas. Numerosas hortas indigenas; ananazes bordando a estrada; piteiras de folhas enormes, fazendo vedação. Atravessamos uma lagôa, que se não vê, porque a cobre, tocando a agua, a rama-

ria de arvores que se enredam umas nas outras, como um silvêdo.

Chega-nos de longe, mas de cada vez mais distincto, o barulho de vozes que cantam na mais completa desafinação que imaginar-se possa. Gritos roucos e agudos, á mistura com assobios estridentes, dominam a infernal cantoria, e o rufar de tambores, martelados como nas forjas de Vulcano, dão-nos a impressão de que vamos assistir a uma festa de gente doida, a um espectaculo dyonisiaco, desenrolando-se n'uma furia epileptica.

A multidão é enorme. A machila avança devagar, por entre filas, e todos cumprimentam, dobrando-se em reverencia delicada, milhares de vozes gritando o *bayete* dos momentos solemnes, palmas freneticas estralejando á nossa passagem, e o sol parado, como no milagre biblico, já sem calor e quasi sem luz, a ver este espectaculo admiravel.

— Quantas pessoas estarão ?

— Umas dez mil.

Estamos, finalmente, na Maganja da Costa, séde da circunscripção administrativa, e mais do que vontade de comer, sentimos a necessidade de dormir, a pé desde manhã cêdo, e manteados na machila durante umas poucas d'horas.

*

Não ha remedio, depois do jantar, senão ir ver o batuque, melhor dizendo, os batuques espalha-

dos por toda a aringa. Sem as fogueiras, muito numerosas, não saberia a gente onde pôr os pés, e andaria a esbarrar constantemente com os indigenas, a sirandarem d'um lado para outro, em pequeninos ranchos. Novos e velhos tudo dansa, ninguem se importando para nada com a musica, executada em marimbas e tambores. De resto, isto não sucede apenas com os pretos. Vi eu, com estes que a terra hade comer, dansar a Carta Constitucional n'um arraial de S. João, em Aljustrel, e ainda ha poucos dias, na Angonia, vi gente branca dansar a canção do toureador, na linda opera de Bizet.

Bailes de roda, com dansa ao meio. Lembra-me o ladrão, triste ladrão, que se dansava em Rio de Moinhos, andava eu a preparar a minha desgraça, soletrando a Cartilha do Mestre Ignacio, um precursor... No centro ha constantemente uma madama; da roda destaca-se um cavalheiro, que faz com ella uns passos de dansa, mal lhe pousando a mão no hombro.

Em geral para cada batuque ha uma orquestra, ás vezes reduzida á sua expressão mais simples — uma caixa de rufo. Alguns batuques, muito poucos, dansam a seco, isto é, sem musica. O tambor é um bocado de tronco d'arvore, escavado em almofariz, com uma pele retesada, tapando-lhe a boca. Os artistas que o martelam, quando se enthusiasmam, fazem com a cabeça, em movimentos que parecem uma tremura de coreico, o acompa-

nhamento das vaquetas, manejadas como se fossem cacetes.

Cessa o batuque quando nos vamos deitar, porque assim o ordena o Governador do districto, de contrario duraria toda a santissima noite. Não ha maneira de conciliar o somno na vizinhança d'um batuque, para mais um batuque monstro, como este, tão grande que na Provincia ainda não houve outro maior, a não ser em Lourenço Marques, ha muitos anos, por ocasião da visita do duque de Connaught ao governador Azevedo Coutinho.

A residencia do Administrador não é má, com uma larga varanda á roda, e a Aringa é imensamente espaçosa, ornamentada com arvores de grande porte, que lhe dão agradaveis sombras nos dias em que o sol queima — palmeiras e citros, mangas e capocas, cafezeiros bravos, e dominando tudo uma admiravel *Megonha*, de pernadas grossas e enastradas, que daria um lindo *carvão* a quem soubesse fazel-o.

Dois automoveis, guardados n'um barracão, fôra da Aringa, dão-me a falaciosa esperança de que não precisarei já, tão depressa, servir-me da machila.

Assisto aos curativos, na *consulta externa*, a cargo d'um enfermeiro preto. Muitos doentes, portadores de bôbas, sobretudo raparigas e creanças. Sabendo que a sua doença se cura com o re-

medio dos brancos, quem pode tratar-se não se escusa ao tratamento. Devia haver aqui um medico, não apenas um enfermeiro, e a ambulancia está de tal modo bem provida, que de tintura de iodo ha umas trezentas gramas, uma caixa, de tablettes de quinino e quasi meio kilo de algodão em rama, convencionalmente esterilisado.

Auctoriso imediatamente a verba necessaria para a casa do medico, e recomendo a maior brevidade na sua construção, que será feita sem darem por isso as Obras Publicas.

E' a Maganja da Costa uma das Circunscripções mais povoadas da Provincia, talvez a mais povoada depois de Zavala, no districto de Inhambane. Devia estar-lhe assegurado, desde ha muito, uma conveniente assistencia medica. Pois tem a mizeravel ambulancia que já disse, e todo o serviço clinico, medico e cirurgico, é feito por um enfermeiro de côr.

Não ha duvida que são uns selvagens... os pretos!

Visita ao arraial, acompanhado de todo o rapazio que não dansa — exatamente como sucederia na Metropole. Não se fórmam arbitrariamente, ao acaso, estes bailaricos ou batuques; a gente de cada *muene* ou chefe agrupa-se, e algumas vezes dois ou tres d'estes grupos juntam-se na mesma folia dansante... Estou a lembrar-me dos arraiaes do Alemtejo, dos seus batuques,

menos pictorescos que os d'Africa, formados tambem por seleção, só com a diferença de lá não haver *muenes*, mas tão sómente povoações. — Já foste ao balho de Montes Velhos, Rio de Moinhos, Jungeiros ?... Outra diferença, e muito grande : — Nos balhos ou batuques da Metropole cantava-se e dansava-se; muitas vezes cantava-se a musica para ser dansada, e muitas outras a dansa, reduzida á expressão mais simples, o baile de roda, era apenas o pretexto para uma cantoria mais ou menos desafinada, sendo predominantes as cantigas amorosas, repetidas ou improvisadas

Lindos olhos tem meu par,
Inda agora eu repairi,
Se repairasse mais cêdo
Não amava a quem ami.

Esta gente, os pretos, não tem veia poetica ; não conhece a rima ; é incapaz de versejar. Reduzidas a quasi nada as suas faculdades de abstração, os conceitos poeticos transcendem a sua mentalidade bronca, que não vae além do elementar descriptivo, traduzindo-se melhor em gestos do que em palavras. O que se chama os seus canticos de guerra, é apenas uma declamação grosseira, n'uma linguagem quasi monosylabica, das façanhas que vão realisar ou já realisaram, basofiando dos seus meritos e achincalhando o inimigo, que sofreu ou sofrerá uma estrondosa derrota. O vigor, o impeto, a furia exterminadora que

não sabem exprimir em palavras, exprimem-na em gestos, e algumas vezes o jogo da fisionomia é rigorosamente acomodado a essa gesticulação exuberante. Gente que não tem uma Patria, que não tem uma Historia, que não tem um Ideal, como pode ter canticos de guerra, que são trechos de epopeia!

Muito enfeitadas, estas madamas, com a sua argolinha atravessada no septo nasal; muitas argolas nas orelhas; cinzeiros ou *godets* de metal amarelo nos labios, distendidos em tromba; botões do mesmo metal encaixados nas azas do nariz; muitos cordões no pescoço; muitas pulseiras nos braços; muitas anilhas nas pernas, por cima dos tornozelos. As mais pobres metem bocados de madeira nas orelhas e nos labios, e as mais abonadas vão até ás moedas de prata, um tostão, dois tostões, servindo-se tambem d'elas para fazerem os seus *pendentifs*. Os homens tambem esburacam as orelhas, mas geralmente deixam esses buracos vasios. A cabeça é que enfeitam com muito cuidado, tosquiando-se a capricho. Aqui mesmo, ao pé de mim, preparando-se para dansar, está um pimpão que tem uma corôa de cabelo inscripta n'um losango curvilineo, tudo geometricamente perfeito. E' signal de certa distinção, em toda a Provincia, a corôa de cêra e barro, formando a carapinha uma argamassa á prova de picareta... Tatuagens em relêvo; manchas d'um azul desmaiado, feitas com o sumo de cajueiro,

miraculoso sumo que metido no estomago embebeda, e metido debaixo da pele enfeita. Quasi todas estas mulheres fumam; em muitos d'estes homens vejo o cigarro atraz da orelha, como ainda hoje fazem, na Metropole, os homens do campo. Exibem-se alguns palhaços, menos ageis, menos artistas que os de Aguas Quentes, mas dando passos em falso com superior mestria e cambalhotas de muito effeito. Uma velha, afastada dos bailaricos, dansa com uma pequena de quatro ou cinco anos, e não sei eu dizer qual das duas, a creança ou a velha, dansa com mais pueril satisfação. Um enfeite de que os pretos gostam muito, um dos seus mais apreciados chibantes, é um molhinho de chaves preso á cintura. Vejo bastantes aqui, e fico a pensar como é que elles arranjam este singular adorno, que geralmente se não vende sem o movel respectivo.

Vamos ao Raraga, distante uns nove kilometros. Rio sem agua e terras sem cultura. Algumas palhotas, muito poucas, a um lado e outro da estrada com as respectivas machambas, que mal sustentam os que n'ella trabalham, gente vigorosa e sadia. O homem da Maganja tem a reputação, como o angone, de ser dos melhores trabalhadores da Provincia.

Os mazambos, chefes dos *muenes*, fazem os cumprimentos, entregam os seus presentes, o inevitavel prato de farinha, ovos, galinhas, e pedem

licença para dizerem de sua justiça, isto é para formularem as suas reclamações e articularem as suas queixas.

Pois que falem os mazambos, mas falem do coração, dizendo a verdade, e só a verdade.

Falla, em nome de todos, o mazambo Fernando, homem de estatura meã, o cabelo preto, a barba branca, a pera em leque, os bigodes façanhudos, como usava Victor Manuel. Diz então o Fernando que está prompto, elle e todos os mazambos, a dar homens para irem trabalhar onde o Governo quizer, comtanto os não mandem para o sr. Bernardino Marques. Para ahi não vae nenhum. Antes querem levantar as suas povoações, indo para qualquer circunscripção visinha, que trabalhar para o sr. Bernardino.

Falou abundantemente o mazambo Fernando, e quiz-me parecer que tinha falado bem, com muita fluencia e correção... cafreal. Traduziu a sua fala o interprete Agostinho, rapaz inteligente, bem parecido, nariz quasi perfeitamente aquilino, feições regulares, olhar vivo, tambem desembaraçado em seus dizeres.

Faço saber aos *mazambos* que será atendida a sua queixa, acrescentando que não ficará sem castigo o proprietario, seja elle quem fôr, que não tratar bem os seus homens, começando por lhe serem recusados trabalhadores de que disponha o Governo, nos termos do respectivo Regulamento.

Todos os mazambos dão palmas, agradecendo.

Como brinde do Governador da Provincia, em nome do Governo da Metropole, cada mazambo recebe uma farpela simples, mas vistosa.

Ficam radiantes.

Não resisto a ver uma dansa, especialidade da região, executada só por meninas, raparigas solteiras ou casadas, mas todas ainda frescas de mocidade, nenhuma com filhos.

E' uma dansa lasciva, toda feita de meneios rithimicos, assim a modos uma tremura cadenciada nos espasmos d'um gôso que vae até ao deliquio.

Escolho dezeseis dansarinas dentre todas as que se prepararam para este numero extraordinario da festa, e escolho, naturalmente, as mais geitosinhas, as mais bem feitas de corpo, as que n'um concurso de formas obteriam as mais altas classificações. Só uma se mostra esquiva, querendo tomar parte na dansa, mas não o querendo fazer completamente nua. E' a mais alta do grupo. rosto comprido, o pescoço delgado, o tronco firme, as coxas bem modeladas, a perna fina como as eguas de raça. A *toilette* para esta dansa não tem grandes complicações — um pano que desce até bastante acima dos joelhos e cae aos primeiros saracoteios; um outro pano, mais curto, de que ellas se desembaraçam a breve trecho; um cinto de missanga, ligeiramente apertado, e um cordão, tambem de missanga, que prende atraz e adiante no cinto.

A dansa é pouco movimentada ; a bem dizer é uma tremura de todo o corpo, com fortes estremeções do ventre, e um peneirar da bacia que parece desarticular os ossos. E', na verdade, uma dansa lasciva; mas coisa alguma na fisionomia d'estas mulheres, um sorriso languido, um olhar concupiscente, um desfalecimento de luxuria, coisa alguma na fisionomia d'estas mulheres corresponde aos seus propositos coreograficos.

Chama particularmente a minha atenção uma das odaliscas dansantes, que me parece ser a mais nova de todas, e talvez, de todas ellas, a que dansa com mais sentimento, sem maneiras desbragadas, mas tambem sem a hipocrisia d'um recato que não é aqui chamado para nada. Baixinha, bem fornida de carnes, sem ser gorda, labios pouco grossos ; cabelo abundante e corredio ; os peitos duros, muito tesinhos

Vierge aux seins d'ebène

na frase de Victor Hugo, os olhos pretos, muito pretos e aveludados, d'uma doçura triste, em toda ella o ar d'um vago sofrimento, de enternecida, quasi dolorosa saudade, sempre viçosa, porque a regam lagrimas, d'uma ventura sonhada e para sempre perdida.

Chama-se Moedanlange, que significa — Sempre-triste.

Hei-de relatar, um dia — Contos selvagens —

a tragica historia d'esta Moedanlange, semelhante á *Dido infeliz, a um e outro mal unida—morre-lhe um, foge, foge lhe o outro, morre...* para as alegrias da vida.

Fotografa-se o corpo de baile, metendo-se por detraz das outras a que não queria dansar enfarpelada só com o delgado cordão de missanga, preso adiante e atraz no cinto. Tambem agora não quer fotografar se nua, sendo todavia mais forte que o seu pudor a sua vaidade, a sentir-se bela no retrato com que ornamentará a sua palhota, se não preferir dal-o ao eleito do seu coração.

— E' muito séria, aquela rapariguinha—digo eu para o Serra Cardoso, administrador da Maganja.

— ... como uma rata, sr. Alto Comissario.

Não ha que fiar em aparencias.

Os Mazambos, na manhã seguinte, devidamente enfarpelados, veem agradecer os presentes, e começa a dispersão. Os de longe — tal houve que veio d'uma distancia superior a cem kilometros — trouxeram, o seu mobiliario á cabeça e nas mãos — uma esteira, uma panela de barro, uma faca ou machadinha, a moca e a azagaia — uma casa mudada com tudo quanto tinha dentro.

Porque vi muitos homens com braçadeira azul, perguntei se era adorno, se era insignia de auctoridade ou signal de grau superior na hierarquia da sociedade indigena. Pois nem uma coisa nem outra — simples manifestação de luto.

Os mortos, na Maganja, vão para o outro mundo de caixão, que é apenas um tronco escavado, coberto de ramos e de folhas. Em cima da sepultura, sempre muito funda, arma-se uma pequena palhota, que talvez corresponda ao mesmo sentimento de vaidade que enche os nossos cemiterios de comodas com gavetas, umas sumptuosas, outras simples, onde se metem as pessoas de grande ou pequena fortuna.

Como o contracto Hornung permite o recrutamento na Maganja, pergunto ao Governador Silva Leal se isso afectará os proprietarios do Districto, que precisem de trabalhadores.

— Não, senhor. A Maganja tem gente para fornecer á Senna Sugar, que paga bem, e nem por isso os demais proprietarios terão falta de braços, desde que paguem como devem, e tratem os seus trabalhadores como lhes cumpre. Felizmente, no districto, a regra é serem os serviçaes bem tratados, e V. Ex.ª viu como os mazambos só contra um proprietario formularam queixas, exagerando talvez a justiça que lhes assiste.

Já o sabia, mas gostei de o ouvir dizer ao Governador do districto, apoiado pelo administrador da Circunscripção, que é um dos mais distinctos funcionarios do quadro administrativo, habilitado com o terceiro ano do curso do Direito.

Quem espera desespera, e já desesperançados de ver chegar o automovel que hade levar-nos ao Lycungo, distante d'aqui uns cincoenta kilome-

tros, resolvemos abalar, de machila, repêsos de termos perdido mais de tres horas, uma eternidade, o que fará com que só muito tarde, pela noite velha, cheguemos ao Lugela, se não tivermos de ficar no caminho.

Optima estrada, aberta n'uma selva densa. Abunda o Murruto — designação cafreal — de que os indigenas tiram fazenda, a casca, para os seus panos, menos *á jour* que na Europa. A Umbila, tambem designação cafreal, salpica abundantemente esta selva d'uma arvore muito semelhante ao pinheiro bravo, sendo a sua madeira, ao que me dizem, optima para construções. Nenhuns vestigios de cultura. Em quasi toda a Maganja ha a mosca tsé-tsé, mas poucos casos se registam de doença do somno, em pretos e brancos, a dentro da Circunscripção. Este terrivel animalejo recua á medida que a cultura das terras avança. A sua difusão, ao que parece, faz-se principalmente pela caça grossa, imunisada contra os seus perigos por favor da Natureza. Eis aqui um grave problema a resolver em Moçambique, problema que ainda não foi convenientemente posto, condição indispensavel para se lhe encontrar solução.

Aparece-nos, lá adiante, o automovel, e é como se nos dissessem que na loteria da Mizericordia tinhamos um bilhete premiado.

Encontramos ranchos, muita gente que regressa do batuque, e que pára, ao lado da estrada, para

cumprimentar. Geralmente os pretos marcham a um de fundo, em carreiros de formigas, quando vão ou quando regressam d'uma festa. Se ha estrada, dentro d'ella, ao meio ou em qualquer das bermas, fazem uma vereda, que lhes não magôa os pés, mas preferem não utilisar a estrada, embora marchem ao longo d'ella. Dizia um chefe, na Indo-China, a uma auctoridade européa, que pretendia convencel-o das vantagens, para o indigena, de haver bôas estradas:

— Mas para que nos servem as estradas, a nós? Não temos carros, e nem sequer poderemos andar por ellas, porque nos ferem os pés. Que as faça quem precisa d'ellas...

Como não ha maneira de vermos ou ouvirmos um leão, apeamo-nos do automovel para lhe vermos as patadas, frescas de poucas horas, e anciosamente alongamos a vista pelo hervaçum proximo, pelo matagal distante, na falaciosa esperança de lobrigarmos alguma coisa que com o leão se pareça. Fica muito perto da estrada um pego onde a caça vem beber, e o rei dos bosques, já entrado na velhice, incapaz de caçar á valentona, debeis as pernas, froixos os dentes, as garras moles, sem força, procurando na astucia uma compensação da sua fraqueza, escondendo-se perto dos bebedoiros, cae inopinadamente sobre os animaes que ali vão dessedentar-se, nunca retirando sem farnel. A não ser que os acicate a

fome, os leões não atacam as pessoas, deixando-as passar ao alcance das suas garras, sem lhes fazerem mal algum. Livrar dos leões decrepitos! Preto que se descuide, jornadeando pelo mato, sósinho, está-lhe no papo. Já tem sucedido alapardarem-se á passagem d'uma caravana, pelo escuro da noite, e chamarem á mochila um pobre diabo que se deixou ficar um pouco atraz ou se desviou um quasi nada do caminho, por brevissimos instantes.

Se eu levarei a cabo a minha longuissima excursão, dormindo no mato, cortando florestas onde a mão do homem, como dizia o outro, nunca poz o pé, sem ver um leão, grande ou pequeno, sem ao menos ouvir os seus rugidos de colera ou de cio, porque se diz que o leão, quando o atanasa a ancia de gôso, ruge a chamar as femeas, que acodem, pressurosas, na humildade de Odaliscas que só vivem para o regalo do seu Senhor. Sou um caçador aposentado, mas se as féras teimarem em esconder-se da minha vista, nem sequer denunciando a sua presença aos meus ouvidos, farei organisar uma caçada, e ai! das que me ficarem a tiro, porque não ganharão para o susto!

E' quasi sol posto quando chegamos ao Lycungo. Rio largo, com tres veios d'agua, que não dariam, somados, uma corrente navegavel. Fazemos a travessia em machila. Os pretos lavam-se e bebem, sendo manifesto que fazem uma e outra coisa com intima satisfação.

Areal extenso, e logo a seguir uma selva discreta, que permite ver tudo, os campos sem cultura a um lado e outro do caminho. O sol, muito vermelho, cortado ao meio pela linha do horisonte, franja d'oiro as nuvens mais proximas. Dá-me a impressão d'uma praia d'areia, muito branca e muito fina, uma extensa faixa do céo, que vejo por entre a ramaria das arvores, pouco abundantes de folha. As nuvens mais altas, já o sol desapareceu de todo, afetam uma côr alaranjada, e desmaiam quasi derepente, ficando brancas de neve.

Chegamos a Malei, onde nos espera o comboio. Fuzilam os relampagos, principia a chover. Dentro em pouco estamos a tomar chá — o chá das oito horas — em casa do engenheiro Ruah, subdirector do caminho de ferro de Quelimane. Mais sete kilometros de comboio, e chegamos ao ponto onde a linha, por emquanto, termina, devendo chegar a M'cuba d'aqui por alguns mezes. Novamente a machila. Pela noite escura, muito escura, atravez do mato, o clarão das lanternas escassamente alumiando o caminho, o cortejo tem o quer que seja de funebre e de burlesco, não aterra nem faz rir. Os machileiros cantam, chiam, berram, assobiam, os que vão metidos á vara, desunhando-se os que vão de folga em dar palmas repenicadas, muito achegados á machila. E' que por aqui ha leões, e Deus sabe se algum d'esses bichos não estará, muito perto da estrada, a aguçar o dente para uma ceia opipara.

Chegamos á beira do rio, novamente o Lycungo, atravessando por uma ponte de madeira no sitio em que recebe as aguas do Lugela, tudo mergulhado no escuro. Caminham os pretos, desembaraçadamente, por cima da ponte, que não tem grades, e eu resolvo não esperar que chegue a zorra, indo com elles, nem sequer pensando na minha miopia.

Arrependo-me já tarde, quando vejo que as travessas da ponte são muito espassadas, algumas estando partidas. Oiço o Governador Leal gritar-me que espere pela zorra, porque a ponte não é de fiar; mas fazel-o seria dar provas de fraco, tendo já dado provas de imprudente, sem justificação possivel.

Acabou-se; já agora irei até ao fim.

Ponte alta ? Rio fundo ?

Depois o saberei, quando me apanhar em terreno firme.

Não conto isto por ser grande façanha; mas porque durante este curto episodio senti emoções das mais fortes de toda a minha vida. No complexo d'estas emoções, mais forte do que todas as outras, entrava o medo — olha a fineza! — e ridiculo seria que o não confessasse, visto elle não ter sido tão grande que me obrigasse a pedir o auxilio d'um braço firme, que me preservasse d'uma vertigem.

Uns minutos de zorra, até Vila Durão, onde a Companhia tem as suas instalações, um estirão

de automovel, atravessando campos de sisal, e chegamos á residencia do gerente da Sociedade, um suisso, o sr. Whillmier.

Sentamo-nos á meza, para jantar, é meia noite.

A Empreza ou Sociedade do Lugela é portuguezа; trabalha com dinheiro portuguez; dos seus rendimentos, o que não gasta na Provincia, vae para a Metropole. Tem a Lugela, só por estes motivos, bons direitos á particular consideração dos Governos de Lisboa e Lourenço Marques.

Quero inteirar-me do que tem feito, reconhecer, por inspeção directa, aquilo de que mais precisa e eu possa fazer, como Alto Comissario. Isto explica suficientemente a visita, um pouco demorada, que faço ás suas propriedades e instalações fabris. Impuz-me a obrigação, desde que aceitei este cargo, de proteger e auxiliar todos os que na Provincia trabalham ou queiram trabalhar, só não lhes fazendo, d'aquilo que me pedirem, o que, por motivos de honestidade administrativa, fôr obrigado a recusar lhes.

Vasto e bem tratado campo de sisal — uma area de 3300 hectares. A Fabrica, junto ao rio, não vale a das Aguas Quentes, não vale mesmo a da Moçambique industrial. Só para despejar os carros, ageitando as folhas, é preciso um pessoal enorme, que as outras Fabricas já dispensam. Tenho a impressão de que os serviços agricolas da Lugela estão bem entregues, mas quer-

me parecer que os serviços industriaes devem passar a outras mãos. Nem todos teem geito para tudo, e o sr. Whillmier, que possue excelentes qualidades de agricultor, afigura-se-me ser um industrial de quarta ordem. Optima, a fibra d'este sisal, de grande calibre, muito resistente, muito comprida, indo até aos dois metros.

Os allemães, durante a guerra, vandalisaram este Prazo, destruindo tudo o que encontraram nos seus armazens e depositos. Escapou ao vandalismo a residencia do sr. Whillmier, lá em cima, dominando uma extensão infinita, mas escapou quasi por milagre, defendida com unhas e dentes. E' uma bella casa, de varanda corrida, que a cinge, guardada por um leopardo. Nem mais nem menos — um leopardo de guarda á casa. Veio este bicho para aqui, muito pequeno, habituou se a lidar com gente, brancos e pretos, nunca sentiu fome, porque sempre a comida lhe é servida a horas.

Assim foram amortecendo os seus impetos sanguinarios, assim foi adquirindo costumes, maneiras e habitos de creatura civilisada. A despeito de tudo, adormecidos os seus instinctos n'uma já longa domesticidade, tenho por certo que se o pusessem á solta elle iria, lepido e satisfeito, juntar-se aos seus amigos e parentes, a menos que dos leopardos se não possa dizer como dos homens, de certos homens — *chassez le naturel il revient au galop.*

O creado que serve este animalsinho lida com elle como se fosse um gato, e leva-o para onde quer. Se dentro de cada homem ha sempre uma fera que dorme, aguardando o bom momento para acordar, dentro de cada leopardo, por mais domesticado que esteja, não ha com certeza uma pomba, aniquilados para sempre os seus instintos ferozes.

Vamos a M'cuba, na outra margem do rio, visitar a Companhia indigena que ali está aquartelada... Instalações regulares; tudo na melhor ordem; aceio irrepreensivel; uma atmosfera de bôa camaradagem, em toda a parte muito apreciavel, mas sobretudo no sertão. Manobras de parada, com exercicios de baioneta, e uma taça de champanhe, na *mess*. Direi ao Chefe de Estado Maior, regressando a Lourenço Marques, que a Companhia de M'cuba, sob todos os pontos de vista, é uma unidade modelar.

Atravessamos o rio, em almadia, zig-zagueando por causa das rochas que eriçam o seu leito, interrompendo a corrente sem força, e vamos á propriedade do sr. Bernardino Marques, em visita rapida.

Foi o sr. Marques empregado nas Obras Publicas; obteve uma concessão de terras, arranjou algum capital e meteu-se a agricultor. Sofreu bastante com a guerra, e ainda não obteve um centavo de indemnisação. Bôas as suas instalações; a agricultura que faz, modesta em relação á pro-

priedade concedida, parece-me ser feita com inteligencia e gosto. Tudo aqui se dá bem — o algodão, o trigo, o milho, o linho, o feijão. A sua pequena seara de linho, ainda curto, mas já em flôr, se fosse redonda, faria lembrar uma seara de S. Antonio n'um grande prato de barro. Nega o sr. Marques que maltrate os seus trabalhadores, mas poucos homens tem, presentemente, ao seu serviço, suprindo a sua falta um bom rancho de mulheres — gente escanzelada, algumas sem panos, a maior parte com uns panos tão escassos, que lhes deixam o corpo, quasi todo, a descoberto. Sem dinheiro e sem trabalhadores, tendo dividas em aberto que lhe não permitem recorrer ao credito, no que pensa é em vender a sua propriedade, dando por finda a sua aventura de agricultor. Deseja ser reintegrado nas Obras Publicas, e porque me consta ser elle, ter elle sido dos melhores funcionarios do quadro, prometo-lhe a reintegração.

De machila até ao rio, pouco distante; atravessamos o rio em almadia e d'automovel vamos a caminho da residencia do sr. Whillmier, lá em cima, n'um ponto alto, dominando extensões infinitas. Curiosas ilusões da vista, emquanto não saimos do mato para a terra limpa. Tenho a impressão de que vamos subindo uma ladeira ingreme, e derepente afigura-se-me que o carro desce, rolando na treva, indo precipitar-se n'um abismo sem fundo.

Noite mal dormida. Por via de regra o cansaço não me concilia o somno, antes me causa espertina.

Logo a seguir ao mata-bicho metemo-nos nos carros, dois automoveis, e toca para Mundini, no Prazo Lomué, muito perto do Lycungo, onde este rio separa o Lomué do Ille.

Formigueiro de carrregadores, homens, mulheres e crianças. Veem de muito longe, com as suas metambaras á cabeça, fardos ou trouxas que pesam, em média, vinte e cinco kilos, pesando menos, naturalmente, a carga dos rapazes e raparigas. Os carregadores adultos ganham um tostão, seis vintens por dia, e alimentação. Poucos cumprimentam; nenhum pára, aliviando-se da carga, para os mais respeitosos cumprimentos. Diz-me o governador Leal, que isto sucede por causa do sr. Whillmier, que os pretos detestam, porque os trata com demasiada severidade, sem reparar que hoje não é hontem, que o indigena, trabalhado por *meneurs* de varia raça e proveniencia, já não teem perante o branco, mesmo quando ele incarna uma parcela, embora minima, de autoridade, atitudes de humildade e de respeito que tinha em tempos a que não seria rasoavel chamar velhos, porque ainda não vão longe. Depois o sr. Whillmier foi sindicado; está enrolado nas folhas d'um processo, movido por denuncia ou queixa d'um empregado da Lugela, e que tem de ser julgado na comarca de Quelimane.

— De que é, então, acusado o sr. Whillmier?

— De ter mandado envenenar um preto, ministrando lhe arsenico na comida!

Não preciso ver o processo para ter a convicção de que se trata de uma vingança mesquinha, tão estupida é a invencionice do envenenamento mandado praticar por um homem que não precisaria esbodegar-se a procurar um preto que fizesse desaparecer outro preto... dando-lhe alguns panos ou dinheiro.

O sr. Whillmier, por sua vez, explica a irreverencia dos pretos, dos seus pretos, os que vivem e trabalham na Lugela, por forma muito diversa. E' gente humilde respeitadora da autoridade, mas só da autoridade que eles consideram forte e prestigiosa. O processo que lhe moveram, e que ha muito devia estar arquivado, abalou profundamente a sua autoridade, e a propaganda feita de que o meterão na cadeia, não tornando mais a ser administrador ou gerente da Sociedade, deu animo aos seus trabalhadores para o tratarem sem preocupações de respeito. Pede-me que empregue os meus bons oficios para que o processo não sendo arquivado, tenha rapido julgamento, convencido de que uma vez patenteada nos tribunais a sua inocencia, tudo voltará á situação anterior, restabelecidas as velhas e boas relações entre amos e serviçaes.

A verdade é que raros pretos cumprimentam, e elles bem sabem quem passa, porque tudo lhes

é comunicado pela sua *telegrafia sem fios*. E' admiravel a rapidez com que eles dão conhecimento uns aos outros, levando a informação aos mais desertos cantos do mato, d'aquilo que os pode interessar d'alguma forma.

A estrada é bôa; a relva é pouco densa; as terras, grossas e vermelhuscas, estão a pedir que as cultivem. Muitas arvores descascadas servindo a casca para fazer roupa e cordas — servindo a corda para apertar as metambaras, reduzindo-as ao menor volume. Grandes plantações de borracha, abandonadas; perto de M'cubi uma Estação da Companhia. Pouco mais se faz aqui do que prensar o tabaco, e suponho eu que as prensas empregadas foram umas que Noé deitou fora da barca por ocasião do diluvio. São vinte homens a cada prensa, gemendo agarrados a um torniquete que não chega a dar uma volta por minuto. A produção de tabaco é grande, e dizem os fumadores que a sua qualidade é excelente.

Chegamos ao rio Luu, e o sr. Whillmier, homem resoluto e audacioso, resolve passal-o... d'automovel. A agua é pouca; mas a areia não tem positivamente a resistencia do cimento, e o automovel pesa uma boa porção de kilos. Dois pretos fazem cadeirinha, e aí vou eu, comprometendo um pouco a gravidade de Alto Comissario, observar as dificeis manobras do sr. Whillmier, comodamente sentado debaixo d'um formidavel Um-

bana, designação regional do ebano, a maior que ainda meus olhos viram, muito maior que as de Licuéne, de guarda a uma ponte. Com a ajuda de barrotes e cordas, pondo cem pretos a substituirem uns vinte e cinco cavalos, lá se consegue que o automovel atravesse o rio, que é a fronteira natural entre o Lugela e o Lomué.

Mais alguns kilometros andados, e chegamos á *machesa*, onde almoçamos.

Vem a ser a *machesa* um pavilhão *ad hoc*, construido de barrotes enfeitados, com teto de verdura. O local foi optimamente escolhido. Vêem-se, ao longe, os montes de Namorroé e do Ille, polvilhados de cinza. Uma larga chanfradura na cadeia do Nhumarrura dá a impressão duma boca escancarada, por onde o mar se precipita em tumulto. A temperatura é agradavel; a luz, muito dôce, ilumina as coisas sem ferir a retina. As terras, n'uma area grande, á roda da machesa, são de argila grossa, atapetadas de herva miuda.

Almoço sem as farturas da Zambezia — felizmente! — mas com todas as delicadezas da cosinha franceza, no que ela tem de mais *raffinée*. — As surprezas que a gente tem em Africa, quando para cá vem instruido pela narrativa dos exploradores de ha pouco mais de meio seculo, homens que a conheceram na brutalidade selvatica e perigosa da sua virgindade primitiva!

Uma *friture* do Luu faz-me pensar que estou no *Bulmich*, a comer uma *friture* da Marne,

prato que eu nunca dispensava, quando o havia — a *friture* e o *artichaud cuit*. Custava qualquer d'estas acepipes a exorbitante quantia de *trinta centimos*, prato suplementar, e toda a refeição, incluindo o pourboir, custava um franco e meio, ou seja treze vintens e meio, com o franco ao par.

Em pouco mais d'um quarto d'hora vamos a Mundini, onde a Companhia anda a fazer uma grande derruba, como no Ankuase, a braço indigena, para cultivar algodão.

Muito curiosa, esta gente do Lomué, a mais degradada, ao que me dizem, em toda a Provincia. Ainda aqui se usa a troca das mulheres, troca combinada entre os maridos, sem que as mulheres sejam consultadas a esse respeito. Nunca a troca é definitiva; as mulheres trocadas voltam, no praso, convencionado, á posse dos respectivos donos. As raparigas casadoiras são iniciadas nas praticas do matrimonio por velhas mestras, e d'esta aprendizagem, por assim dizer oficial, nem podem dispensar-se as que, no consenso unanime das gentes, nada tem já que aprender. Concluido o curso, e na presença das Mestras, um amigo do marido, á sua escolha, desfolha a corôa nupcial da menina, que só depois é, para todos efeitos, a propriedade do esposo feliz. As mulheres do Lomué, quando sentem as primeiras dôres do parto, isoam-se no mato, e só voltam á palhota trazendo ás costas o cachopinho.

Gente feroz, a do Lomué ?

Gente apegada a velhos usos e costumes, alheia, quasi por completo, ao influxo civilisador que n'outras regiões tem levado á renuncia de praticas selvagens, a pouco e pouco subordinando a sentimentos e paixões verdadeiramente humanas as inclinações mais barbaras, os mais ferozes instinctos. Os tuberculosos, os syphiliticos, os leprosos, d'uma forma geral os incuraveis, voluntariamente, espontaneamente, fogem para o mato, onde morrem ao abandono, não se tornando a sua inutilidade pesada aos seus parentes.

São bôas horas de regressar, porque já vem proxima a noite. Começam os vales a encher-se de sombra; os cimos turvos, encinzeirados dos montes, no plano mais recuado d'esta paisagem aspera, que se desenrola á minha vista, reflectem as ultimas radiações do sol poente, quasi a esconder-se de todo.

Um dos automoveis dá parte de fraco, á partida do Luu, tendo-se arrastado até ali por milagre de Deus verdadeiro.

Vamos n'uma correria doida, ouvindo estalar as pontes, como folhas secas, á passagem do automovel, tendo uma d'ellas a gentileza de só cair depois de termos passado.

Não ha duvidas que o sr. Whillmier é um admiravel chauffeur; mas quem lhe entregar o corpo para elle o transportar em automovel, deve enco-

mendar a alma a Deus, porque corre grande risco de só parar... no outro mundo.

A's onze horas estamos a jantar — o ultimo jantar do Lugella, com um leopardo á vista.

Madrugada a valer — ás cinco horas estamos a pé. Vamos tomar o comboio no ponto em que outro dia o deixamos, vendo agora, de dia, a região selvatica que mal lobrigamos atravessando-a de noite, uma aborrecida noite escura.

Toca a ler a correspondencia, mal o comboio arranca da Estação.

Fervilha a intriga em Lourenço Marques, convencida uma frandulagem da peor especie de que eu obedecerei á sua intimação, dando-me pressa em regressar á Metrópole. São marionettes movidas por cordelinhos, e os personagens que as fazem dançar, apertando-lhes a barriga para que vomitem grosserias e insolencias, raiando pela infamia, pouco mais valem do que ellas intelectualmente, e moralmente.... calçam pela mesma fôrma.

Almoçamos em Nhamacurra, Prazo Boror, onde o sr. José Cardoso nos espéra. Faz algum calor; o thermometro marca 33 graus á sombra. A Fabrica de assucar, que era o disfarce d'uma Fabrica d'alcool, parece uma coisa abandonada. Por sugestão do logar em que me encontro, recordo alguns episodios da nossa lucta com os Allemães, na Provincia de Moçambique, avultando entre

elles o combate de Nhamacurra, que se pode citar á vontade, com justo desvanecimento, porque n'elle se houveram os nossos com valor e com brio.

Vamos, de machila, tomar o comboio lá adiante, atravessando um campo de cana, e saindo de Mussange, uma Estação, noto uma linha ferrea, larga e pouco extensa.

— Aquilo vem a ser?

— Aquilo devia ser o caminho de ferro do Chire, de que estão construidos... sessenta metros!

Tivessemos nós, ou alguem por nós, construido este caminho de ferro, e todo o trafego do Nyassaland, prometido ao Transzebeziano, se faria por Quelimane, o que não se fizesse pelo Chinde, descendo o Zambezi. Não haveria, a estas horas, dois caminhos de ferro inglezes cortando o Territorio da Companhia de Moçambique; o desenvolvimento economico da Baixa Zambezia seria muito diferente do que é, e Quelimane, tomada a serio como porto de mar, seria já uma cidade grande, em vez de ser, como realmente é, uma villa pequena.

Planicíes sem fim, onde não ha um retalho de cultura, onde se não lobriga um rebanhito de gado, bovino ou ovelhum. E' a desolação na terra nua, maior talvez, mais confrangente que a desolação da charneca. Cultivadas d'arroz, estas

planicies, frequentemente alagadas, dariam de comer a todo o mundo; aproveitadas como pastagem, sem dispendio, tornariam possivel uma exploração da industria pecuaria, maior e mais remuneradora que em qualquer outro ponto de Moçambique. Pois são a improductividade na sua expressão maxima, um quadro de mizeria, por abandono, que entristece a alma, magoando a vista.

Anoitece perto de Quelimane; chegamos á Villa é noite fechada.

*

Visita demorada aos estabelecimentos oficiaes, em relação a alguns visita repetida, para mais cabal informação. Insignificante a instação da Intendencia, que tem um movimento consideravel. O edificio da Escola é modesto, mas chega para as necessidades da povoação. Alumnos brancos, muito poucos; pretos, uns tres ou quatro, para amostra. O grosso da estudantada é de mulatos, rapazes e raparigas. Por falta de vestimenta, livros e papel, muitos meninos e meninas faltam á aula. Em toda a Provincia abundam os mulatos, mas aqui, pelo que vejo e me dizem, abundam mais do que em qualquer outra parte, tanto no Norte como no Sul. O portuguez é animal de bôa boca; a preta não lhe serve para esposa, mas quadra-lhe admiravelmente para mãe dos seus filhos. E' verdade que, na maior parte dos casos,

os mulatinhos são votados ao abandono; muitos rapazes tornam-se vadios; das raparigas muitas fazem-se prostitutas. Raramente o amor entra na ligação d'um branco com uma preta, sendo menos raro apaixonar-se o branco pela preta do que apaixonar-se a preta pelo branco. O branco é para os gastos; o moleque é para o gôso. Só por excepção, muito rara, a preta amancebada com um branco deixa de ter um homem da sua raça, um moleque, que é o seu *amant de coeur*. Tal que á sua mulher legitima, branca como elle, regateia o indispensavel dinheiro para os seus gastos caseiros, para a sua preta é um mãos rôtas, dá-lhe capulanas de sêda e toda a especie de chibante, em ouro ou prata, que a sua vaidade apetece.

A verdade é que abundam os mulatos em Quelimane, e isso me faz considerar o problema da mestissagem, resolvido o qual o conflicto das raças deixará do ser hoje o que foi hontem, um *aspecto* da concorrencia, para ser um *phenomeno* da solidaridade.

A Camara tem a gentileza de nos receber em sessão solemne, o que muito me apraz, porque me fornece optimo ensejo para me justificar perante os agricultores da Zambezia de algumas censuras que teem sido feitas á minha administração, e expôr o que essencialmente constitue o meu programa de Governo. Quando deliberei visitar a Provincia, toda a Provincia, foi mais para ou-

vir que para falar, porque se a falar é que se ensina, a ouvir é que se aprende, e eu tenho muito que aprender como Governador da Provincia.

Lê uma mensagem o seu Presidente, sr. Antonio Mourão, rapaz inteligente, que facilmente encontrou a forma de ser amavel para com o *homem*, sem cair na subserviencia para com o *funcionario*.

Explico o contracto Hornung, que desencadeou uma tempestade... de coices em Lourenço Marques, e apenas suscitou ligeiros e atenciosos reparos na Zambezia, onde elle, se fosse escandalosamente favoravel para o agricultor inglez, havia de ser, necessariamente, nocivo para todos os outros. Esforcei-me por mostrar que já conhecia sofrivelmente a Zambezia, afirmando a minha disposição a prover de remedio prompto as suas mais instantes necessidades, não lhe regateando auxilios para se desenvolver. Habituado a falar perante multidões, sem nunca lhes mentir, não me dispensei de recomendar aos fazendeiros da Zambezia que não confiem demasiadamente na Providencia governativa, porque ella, como a outra Providencia, a que reside no Céo, só ajuda os que trabalham, e nem sempre, como seria para desejar, cumpre esta promessa dos Evangelhos. Falei dos Prazos, instituição á qual a Zambezia deve o seu relativo desenvolvimento, inculcando a necessidade de rever a respectiva legislação. Com respeito ás Missões, sem ter em conta as

minhas opiniões em materia religiosa, e sem a menor preocupação pelos sentimentos religiosos dos meus ouvintes, afirmei que só protegeria as que fizessem alguma coisa mais do que a catequese, as que preparassem o indigena para ser um trabalhador e não apenas um devoto, não tendo nada o Governo da Provincia com o destino de cada qual... depois de morto. Sobre o problema monetario limito-me a dizer que espero regressar a Lourenço Marques na posse de todos os elementos que me habilitem a estudal o, no firme proposito de o resolver, entregando-me ao seu estudo sem nenhum *parti pris*, alheio a todas as preocupações doutrinarias ou de Escola, apenas interessado em resolver tão magno problema da forma mais conveniente para os interessee geraes da Provincia. Rematando a minha despretenciosa fala, e como que respondendo a egoismos e rivalidades regionaes, declaro que a Provincia, sob o meu Governo, manterá a unidade politica com que se formou, e que sempre tem mantido, sem embargo d'uma descentralisação larga de serviços, de todos os serviços, certo de que é tão inconveniente meter a Metropole no Terreiro do Paço, como meter Moçambique na Praça Sete de Março.

Os cosinheiros de Quelimane, pretos e asiaticos, desejam apresentar os seus cumprimentos a S. Ex.ª o Governador, e chamar a sua atenção para as mizerias da sua vida, pagos em moeda desvalorisada d'uma forma que já não seria justa

se o escudo tivesse hoje o valor que tinha hontem. Formam os cosinheiros, de avental e boné, no atrio da Residencia, e um d'elles, improvisado chefe d'aquella tropa... fandanga, armado d'uma colher, symbolo da autoridade na classe, mal eu apareço, ordena com voz imperativa de sargento instructor — *Continencia ao nosso superior!*

Digo-lhes que o sr. Governador, Silva Leal, os ajudará na revisão da sua tabela de salarios, empenhando-se porque elles obtenham satisfação ao que de justo houver nas suas reclamações.

Lavra a maior desordem no pessoal do caminho de ferro, sobretudo no pessoal das oficinas, dizendo-me o seu director, engenheiro Machado, que por culpa de Lourenço Marques, isto é, por culpa da auctoridade superior da Provincia, mais solicita em atender os desordeiros que em manter a disciplina. Sanciono todos os castigos que elle propõe, ordeno as transferencias que elle me pede, e de viva voz faço saber aos interessados que não consentirei que se exerçam contra eles injustificadas violencias, como não deixarei sem o merecido castigo quaesquer faltas ou delitos que elles pratiquem.

Jantar de sessenta talheres oferecido por agricultores e comerciantes. Festa intima, sem rigores protocolares, todos á vontade, cada um no seu logar, momento de repouso nas minhas canceiras de governante, ha dois mezes saido de

Lourenço Marques — um estomago a digerir uma Provincia. Encontro aqui o sr. Linder, afamado caçador de leões, que ha muito arrumou a sua escopeta, aborrecido porque um leão, ferido sem gravidade, lhe matou o preto que o acompanhava em todas as caçadas, e que era, como ele, um eximio atirador. Se escrevesse as suas memorias, como Jules Gerard o sr. Linder faria um tivro interessante, porventura mais interessante que o do famoso caçador francez de leões, no Atlas.

Para os pretos da Baixa Zambezia é coisa certa que os leões conhecem o sr. Linder, que o conhecem e o temem, fugindo d'elle como o diabo da cruz.

D'uma vez um moleque do famoso caçador ia pela charneca, muito descuidado, quando n'uma pequena clareira, faiscando-lhe os olhos, vê um leão de grande corpulencia e feia catadura. Nem sequer pensou em fugir. Continuou o seu caminho, e quando se viu a par do bicho, andando sempre, disse-lhe com intimativa: — *Você não faz mal a mim, porque eu sou moleque do sr. Linder, e se você faz mal a mim, o sr. Linder mata você.*

O leão deixou-o ir na santa paz do Senhor... Linder, e o caso, espalhado por toda a Zambezia, definitivamente convenceu os pretos de que o leão é gente, como elles, medroso como elles perante alguem mais forte.

Os brindes do estilo, sem nenhuma emfase

rhetorica, declarando-se o Alto Comissario penhorado e enternecido pelo acolhimento que lhe fizera Quelimane, que nunca se lhe dirigirá debalde, quer seja para reclamar justiça, quer seja para solicitar serviços, que auxiliem o seu labor fecundo.

Toca para bordo do *Luabo*, que nos levará a Pebane.

Por breves dias, que me pareceram horas breves, fui hospede do governador Leal, hospede incomodo, naturalmente, menos talvez pelas qualidades do homem que pela cathegoria do funcionario. Fez-me bem este repouso, aliaz muito relativo, porque já sentia fatigado o corpo e inquieto o espirito, eu a querer prendel-o ás realidades presentes, e elle a enredar-se em conjecturas e sonhos, ora depremido, ora exaltado.

A santa paz d'um lar, constituido sobre a base d'um amor reciproco, que o tempo converte n'um sentimento que é menos intenso, sendo por isso mesmo mais duradoiro—a amisade que prende as almas depois de encadeados os corações. Um lar assim, se o enche d'alegria a desenvoltura d'uma creança, se o perfuma a mocidade forte e sadia, candida e virginal d'uma *mignone* que mal disfarça nos seus propositos de *madame* as suas infantilidades de *bebé*, um lar assim é um recanto do Paraizo, onde faz bem repousar por alguns dias, por algumas horas, os dias sendo breves

como as horas, as horas querendo a gente que fossem longas como os dias.

Que estas palavras sinceras, traduzindo um sentimento de respeitosa estima, a familia Leal as tome pelo que na realidade pretendem ser — um publico testemunho de gratidão que jubilosamente presta o Governador de Moçambique ao Governador de Quelimane.

O *Luabo* é um pequeno vapor, oitocentas toneladas; mas aguenta-se muito bem com o mar, e oferece as suficientes comodidades para uma viagem de pequeno curso, e bem pequeno é o curso d'aqui para Pébane. E' uma pessoa muito amavel o comandante, tão amavel que nos promete uma bôa viagem. Alarga o rio á maneira que nos aproximamos da barra; o mangal, bordando as margens, é menos espesso que lá para cima, muito verde e delgado. Ha uma pequena vaga, transposta a barra, coisa de nada, tão insignificante que passaria despercebida n'um barco de maior tonelagem.

Apetece ler. Abro o *Caroliano*, ao acaso, e caem-me os olhos n'esta passagem: — *Prefiro servil-os como entendo a dirigil-os como elles querem.* Precisamente assim responderia eu a quem agora me perguntasse que atitude estou disposto a assumir, quando regressar a Lourenço Marques, perante os desordeiros que de conta propria uns, por conta alheia outros, pretendem impôrme os seus principios e methodos de Governo.

Sou convidado a descer á *cabine* do engenheiro, que repentinamente adoeceu.

Verifico o obito e diágnostico syncope cardiaca, inscrevendo este diagnostico no livro de bordo.

Se fosse supersticioso, agouraria mal do resto da viagem.

Faz-se noite. A vaga é agora mais cheia, mas o balanço não incomoda. Avista-se uma luz viva, lá adiante, ainda bastante longe, do lado de terra. E' o farol da Ponta Matirre. Chegamos a Pébane á meia noite, isto é, á ampla bahia de Pébane, mas não podemos entrar, por causa da maré.

Vamos para terra ás oito horas da manhã. Os pretos abrem alas, saudando com respeito e curiosidade. Correm atraz do automovel, em grande alarido, tendo alguns o ar de quem corre ao desafio, muito confiados nas pernas, Quasi todas as mulheres teem o nariz furado; as de mais posses — tudo é relativo — ostentam chibantes por todo o corpo — nas orelhas, no pescoço, nos braços e nas pernas.

E' apenas um esboço de Povoação, este logarejo de Pébane; mas se não falhar a tentativa da Porto Colonial, deverá ser, e em breve tempo, uma povoação importante.

Fica n'um ponto alto, o que é magnifico sob o ponto de vista da hygiene, porque a lavam bons ares. Na bahia entram á vontade barcos de

quatro mil toneladas, na preamar de aguas vivas, e o ancoradouro é seguro, porque é abrigado.

O que ha em Pébane, por emquanto ?

A modesta residencia do gerente da Sociedade, sr. Ismael Costa; um mizeravel posto alfandegario; projectados armazens, e um arruamento de palhotas, que poderá vir a ser um bairro indigena, se vingar esta simpatica tentativa de exploração agricola, visando principalmente á cultura do algodão.

Vamos de visita, em automovel, atravez da charneca, a uma fazenda que a Sociedade tem, a uns vinte kilometros d'aqui, uma Estação á beira do rio Mazemba, modesto curso d'agua que se perde, como o Tijunga, tão modesto como elle, na ampla bahia de Pébane.

Logo ao sair da povoação topamos com uma fonte, abundante d'agua, e que o sr. Ismael Costa, na sua tineta de poeta, baptisou com este nome — Ana Lusitana. O preto, como o caçador no pino do verão, bebe de toda a agua que encontra, o ponto é ter sêde. Nunca lhe incutiram a noção de que a agua é vehiculo de mortiferas doenças, e nunca trataram de lhe oferecer agua de poços ou fontes, reconhecidamente bôas por meio de analyses, livrando-o d'um processo de intoxicação que entra por muito na morbilidade e mortalidade da Provincia. Bem sei que não é coisa que dê lustre ou renome a um Governador o facto de abrir poços ou fontes para uso dos in-

digenas; mas d'um imperador romano se diz na Historia, como sendo coisa de valia — *muros fecit et cloacas*.

Marcha o automovel com grande desembaraço, quando de repente estaca, metido na areia. E' o demonio, porque talvez não possamos tiral-o d'aqui, ou então chegaremos tarde a Pébane, não podendo assistir ao enterro do maquinista do *Luabo*, falecido a bordo. Providencialmente surgem uns pretos, que se prestam a empurrar o carro, alguns servindo-se das mãos como se fossem pás de ferro para abrir sulcos na areia. Gratificados com generosidade, mostram-se d'uma alegria infantil, a olharem para o dinheiro, que desejam repartir logo ali, cada qual guardando o que é seu — troca! troca! troca!

Uma derruba grande, em terra destinada a algodão; uma bôa casa de moradia, e lá em baixo uma azenha, contigua á qual ha, em formação, em pequeno horto.

Faz-se tarde; Pébane fica longe e o automovel já mostrou que se pega facilmente, como um sendeiro.

Quando chegamos, noite fechada, já se tinha realisado o enterro. Não me dispenso de visitar o improvisado cemiterio, metido n'um caniçado espesso, mas fragil, para o preservar das hyenas.

Vamos dormir a bordo.

Manhã cêdo, pouco depois de nascer o sol, embarcamos no gazolina que hade levar nos a Bajone,

visitando, de caminho, as propriedades ou fazendas d'uma Empreza em começo, a Sociedade Agricola de Mugeba, que tem aqui, em Africa, como administrador, o dr. Antonio Seisa, que nos acompanha, fazendo-nos as honras da casa em nome da Empreza

Sem o ruido do motor, ouvir-se-hia o baque d'uma folha que caiu, por natural caducidade, nas aguas quietas da bahia. Caminhamos com desembaraço, porque o rio, na preamar d'aguas vivas, dá as melhores garantias de fundo para barquitos da modesta arqueação d'este gazolina. Nada se vê, para além do mangal, em que possa demorar-se a vista. Por milagre desce o rio uma barca movida a remos, tripulada por quatro homens, quatro pretos, que se aprumam, em continencia. Até este momento, áparte o que observei na Lugela, constato que o indigena nos respeita, reconhece e acata, sem o menor constrangimento, a nossa auctoridade, executa as nossas ordens e mostra confiança nos sentimentos de justiça e humanidade que nos animam. Quer isto dizer que ainda são bôas horas de firmarmos solidamente, na Provincia, o nosso effectivo dominio, sem necessidade de recorrermos á força, usando de processos violentos.

Desembarcamos, e de machila — a inevitavel machila ! — começamos a nossa visita ás propriedades da Empreza. Aqui, a curta distancia do rio, tem ella uma instalação que pode ser o nucleo

d'uma povoação importante. E' já grande a sua produção de milho, de grandes bagos, milho amarelo, sendo o rendimento d'esta semente, por unidade de terreno, igual ao que se obtem nos territorios da Companhia de Moçambique, superior ao que se obtem na União Sul Africana. A eira, para a completa secagem do milho, forma a abobada d'uma cisterna, da capacidade de muitas centenas de metros cubicos.

Machilando sempre, cortando o mato bravio, chegamos a um barranco fundo, de aguas pôdres, atafulhado de velhos troncos, dando a impressão dolorosa e repugnante de cadaveres em putrefação. De noite, sem luar, deve-se ter, em cima d'esta ponte, a impressão de quem marcha por sobre uma prancha fragil atravessando um abysmo insondavel.

Ouve-se rugir o mar. Chegamos á praia.

Areia lisa, molhada e consistente. Os machileiros andam mais depressa do que eu desejaria, porque nunca me farto de ver o mar. Aqui e além as aguas avançam até quasi á terra firme, como que formando lagoas chatas, que o mar constantemente alimenta, tornando-se invadiáveis na preamar. As ondas grandes rebentam longe da praia; as ondas pequenas vêem morrer, algumas, debaixo da machila, desenhando em espuma rendas caprichosas.

Um bando de gaivotas, lá adiante, voejando em curvas pequeninas, faz-me lembrar o dia em

que parti de Lisboa, a bordo do *Africa*, lenços acenando do caes, como se fossem azas brancas, gaivotas adejando em torno do navio como se tivessem presas ás azas os lenços que do caes acenavam.

Sinto molhadas as faces, e não sei bem dizer se é agua que me enche os olhos, se é o mar que me borrifa a cara.

Chegamos ao Gorai, uma instalação em começo, por ora pouco menos de inhabitavel.

A Empreza começou a trabalhar ha uns tres anos. Já plantou sessenta mil palmeiras e tem 50.000 em viveiro. Pensa ir até ao milhão. Um hectare de terra, na charneca africana, não se limpa com duas razões, e a Empreza já tem limpos mais de 800 hectares.

Optimo almoço, nada zambeziano como o de Maquivale, Deus louvado!

Não ha que fiar no gazolina, a serigaitar por estes rios e canais, tudo expansões do mar na baixa e pantanosa Zambezia.

Chama-se Murrati o convencional rio em que vamos entrar, com destino a Bajone, onde chegaremos, onde esperamos chegar pelo cair da tarde.

O demonio é que o gazolina, com o focinho a tocar na areia, não desagarra. O maquinista, um preto, meche em tudo; limpa, afroixa, aperta, lubrifica, até que dá com o gato. Calumnia o preto

quem o reputa incapaz da iniciativa, só bom para fazer o que vê fazer aos outros, perfeito na copia ou imitação. E' redondamente falso. O preto é capaz de iniciativas inteligentes, como operario ou como artifice, e perante qualquer dificuldade que tenha a vencer, é d'uma serenidade admiravel.

Canal para a direita, canal para a esquerda, e como encontre o caminho desimpedido, o gazolina marcha a toda a força, isto é, na maxima força da sua debil maquina.

Chegamos a Bajone muito pelo cair da tarde.

Saltamos do gazolina para a machila, porque a povoação fica a mais d'um kilometro do ponto em que desembarcamos. A gente preta, que nos esperava á beira do rio, gritando e saltando, acompanha a machila, fazendo o mulherio, com a lingua, uma orquestração de sons agudos e desafinados que nos entram pelos ouvidos como lasquinhas de corno. Muito enfeitadas, estas madamas, todas ou quasi todas com panos abundantes e muitas com o tronco metido em batas de manga comprida, abotoadas na frente. Muito dinheiro em prata, moedas de tostão, dois tostões, cinco tostões, um escudo, ornamentando-lhes o nariz, as orelhas, o pescoço. Vejo bastantes medalhas de escudo, e numerosos colares de *quinhentas*. Saltam leves como os cabritos, ageis como as gazelas, estas moças de Bajone, entre as quaes distingo uma cachopa alta, bem lançada, o olhar

vivo, inteligente, os labios pouco espessos e nada revoltos, as mamitas tufando sob um pano ás riscas azues e brancas. Tenho curiosidade de saber como se chama. Pois chama-se Minhamissa, e é dos mais apetecidos bocados de chocolate que ha em toda a redondeza da Maganja.

O corpo comercial, tudo monhé, apresenta os seus cumprimentos e não formula reclamações.

Pode dizer-se que ainda hoje, como no tempo de Antonio Ennes, o comercio do interior e o comercio das Villas, na sua maioria, é feito por asiaticos. O preto não tem geito para comerciar, e o branco não sabe comerciar com o preto. Não entende o que elles dizem, como os pretos o não entendem quando elle fala. De resto o branco, só pelo facto de ser branco, julga-se muito superior ao preto, e afirma a sua injustificada superioridade, tratando-o mal, além de o roubar. O monhé com maior facilidade aprende a lingua dos indigenas, e desde a primeira hora de conviver com elles, adopta seus usos e costumes, fazendo uma admiravel adaptação que, sem os ofender, os nivela. E' um animal paciente, o monhé. Ouve tudo quanto os pretos lhe dizem, aguenta tudo quanto elles lhe fazem, chegando a apanhar o seu bofetão sem perder a serenidade. O que faz, quando o maltratam, é exagerar o preço dos artigos que vende, e o preto, ainda que se aperceba d'esse exagero, como disse o que muito bem quiz, e fez o que bem lhe apeteceu, paga sem

regatear. Dá um typo interessante o crusamento de asiatico e de preta, mais interessante, mais perfeito que o mulato propriamente dito, filho de europeu e de africana. E' sordido o monhé; mas deve-lhe alguma coisa a civilisação africana, e será elle, ainda por muito tempo, quem ligue os pretos do sertão, pelo comercio, á vida civilisada.

Pega com o *luane* a propriedade do sr. Carlos da Camara, onde ha optimas laranjas, magnificos limões e figos de primeira qualidade. O palmar está bem tratado, mas só d'aqui por alguns anos dará ao sr. Camara rendimento apreciavel, compensador dos seus trabalhos e gastos.

Manhã cêdo, tendo agradecido ao sr. Mendes e sua esposa a captivante hospitalidade que nos deram, embarcamos no gazolina, que se faz de rumo a Pébane. Vamos com o credo na boca, porque este barco tem a tineta de encalhar nas marés baixas, não sendo, aliaz, muito exigente para fazer correctamente a sua navegação.

Em vinte minutos o automovel põe nos em Matirre, na Ponta Matirre, onde construiram o farol das bocas do Zambezi. O farol desempenha bem a sua função, havendo quem diga que a desempenha bem demais, porquanto o horisonte visual, em relação a elle, tem um raio maior que o horisonte geografico, o que pode induzir os navegantes em erro quanto á proximidade da terra. As instalações para o faroleiro e sua familia

estão a esboroar-se, já quasi inhabitaveis. Um pavilhão, construido *ad hoc*, no extremo da Ponta, a curtos passos do farol, permite-nos que, sem incomodo, protegidos contra as ardencias do sol, nos extasiemos perante a belleza da Praia, uma linda praia d'areia, extensa de tres ou quatro kilometros. Fica esta praia entre a Ponta Matirre e a bahia de Pébane, havendo entre a mais avançada linha das marés e o talude que forma a terra, espaço mais do que suficiente para uma larga Avenida de Casuarinas, como no Chinde, Avenida que certamente se fará quando Pébane fôr uma grande Villa, um dos mais frequentados portos do Indico na costa moçambicana, se a nossa ambição colonisadora não der em aguas de bacalhau.

— Aquilo, além, o que vem a ser?

— Uma ratoeira para apanhar leopardos.

Não é um bicho simpatico, o leopardo; mas apanhal-o como se apanha um rato, é de certo modo aviltante das prosapias e dignidade da especie.

Entretido a notar cambiantes de luz na superficie do mar, nem dou pelas horas que passam, esquecido de que o *Luabo* me espera, e que precisamos aproveitar a maré para nos fazermos ao mar largo.

A *Porto Colonial* propõe-se cultivar largamente o algodão. Fundou-se, se não estou em erro, com o capital de quinhentos contos, e pe-

diu ao Governo da Provincia, em Pébane, uma concessão de oitocentos hectares de terra. Espera habilitar-se, em pouco tempo, a fornecer todo o algodão que as fabricas portuguezas laboram, prestando assim á economia da Metropole um inestimavel serviço. Claro está que não se propõe apenas isto, que já seria muito; propõe-se concorrer com os productores de algodão, em todo o mundo, impondo a sua mercadoria pela qualidade e pelo preço.

Mais nada?

Mais alguma coisa, visto ter-me pedido o monopolio, em toda a Provincia do fabrico do algodão... que hade produzir, se Deus Nosso Senhor fôr servido e os *terrenos* da sua concessão a isso se prestarem. Disse-me o sr. Ismael Costa, que tirocinou para agricultor, como amanuense, n'uma Repartição de Lourenço Marques, que no ano proximo irá ao Egypto, a vêr como ali se cultiva o algodão. E' o sr. Ismael Costa, um rapaz inteligente, aduacioso, cheio de confiança em si proprio. Mas estas qualidades suprem a falta de saber, a experiencia que deve ter o regente d'uma exploração agricola, para mais tratando-se d'uma especialidade como a do algodão?

Das experiencias mal feitas nada se pode concluír, mas a verdade é que as tentativas como a do Porto Colonial, se falham, tornam dificeis, por largo tempo, identicos empreendimentos, que não podem acometer-se sem dispendios largos.

Disse-me em Lisboa o sr. Portugal Durão, auctorisado colonial, que a Companhia da Zambezia renunciara á cultura do algodão, e o mesmo fez já a Companhia do Boror, que de semelhante cultura nunca tirou uteis resultados.

Depois do almoço, ahi por volta das duas horas, aproveitando a maré, desamarra o *Luabo*. A' cautela, vae-se apalpando o terreno — *tres braças! — quatro braças na marca! — tres braças e meia! — quatro braças afogadas! — cinco braças e meia!* E' o fundão; já não é necessario prumar.

Vento ligeiramente fresco; o mar um nadinha picado. Céo de nuvens brancas, esfarrapadas, manchando um azul desmaiado.

Cae lentamente a tarde. Avista-se, sem contornos definidos, a Ponta Matirre, minusculo promontorio que interrompe, para encanto dos nossos olhos, a monotonia d'uma costa baixa.

Noite sem estrelas; mar sem ondas; parece que o navio escorrega n'uma passadeira de veludo, franjada de rendas brancas.

Manhã cêdo, mas já com o sol um bocadinho alto, avistam-se as Ilhas Primeiras — Ilha de Fogo, acolá a Casuarina; muito para cima a Ilha Mafamede, onde se pretendeu construir um farol, que talvez nunca venha a construir-se, mas que já custou qualquer coisa á roda de cem contos. Tarde e a más horas reconheceu-se que o terreno, na Mafamede, não aguenta os fundamentos d'um

farol, o farol que se projectou construir ali, e para cuja fantasiosa construção ainda se transportaram, de longe, os materiaes.

Refresca o vento, encarneira-se o mar; o *Luabo* retarda um pouco a sua marcha. Quando se avisinha a noite, já não lobrigamos a terra.

— Aquela luzita, lá adiante, por bombordo?

— E' o farol de Gôa.

Um grande monte de sombra, na prôa do navio; uma bahia ampla, adormecida em silencio; tres barcos maiores que o *Luabo* ancorados a grande distancia uns dos outros, sem rumor a bordo.

E' meia noite. Estamos em Moçambique.

No Paiz dos Macuas

O coronel Chaby, encarregado do Governo do districto, por disposição da lei, vem cumprimentar-me a bordo, e entrega-me a correspondencia que tenho, vinda de Lourenço Marques. Em telegramas *urgentissimos* informa-me o Encarregado do Governo de que sopra um vento de revolta... na Praça Sete de Março. A minha ausencia deu animo a todos os discolos, uns de alto coturno, outros de baixo estôfo, para gritarem, na rua, contra o Alto Comissario, impondo a sua retirada imediata para a Metropole, em nome da salvação da Provincia. Os subalternos bacorejam nas tavernas e nas boticas que eu seguirei de Moçambique para Lisboa, e que me não deixariam desembarcar em Lourenço Marques, se eu ali voltasse, a não ser para me encaixarem n'uma carruagem do comboio que me levaria ao Transvaal. Fez-se um leilão de notas do Banco Ultramarino, apregoando assim, a todos os ventos, o des-

credíto do Banco Emissor nas Colonias. A auctoridade não se mostrou bastante energica na repressão de semelhantes desmandos, o que deu naturalmente, animo aos desordeiros para mais graves cometimentos. Para mais surgiu um conflito entre o Chefe do Estado Maior e o Comandante da Guarda Republicana, cada um d'elles pedindo, oficialmente, o castigo do outro por motivos disciplinares.

Resolvo telegrafar para Lourenço Marques, ao Encarregado do Governo, dizendo-lhe que regressarei no primeiro paquete.

Noite branca, apezar do silencio que pesa sobre a bahia e d'um ligeiro balanço, ritimico e monotono, que tem o *Luabo*.

Vou para terra de cadeirinha, a cadeirinha que fazem dois alentados macuas, por momentos senhores do prestigio do Alto Comissario. Se pregam comigo no charco, a ponte cheia de gente, funcionarios e particulares, não resistirei ao ridiculo de entrar na velha capital da Provincia molhado como um pinto que caiu n'uma bacia d'agua.

Instalo-me no Palacio do Governador, antigo convento adaptado ás exigencias laicas e burocraticas.

Faz calor de rachar. Apetece beber limonadas, coisas frescas, e andar por casa de panos, como os pretos, de cabaia, como asiaticos, sendo tal-

vez preferivel envergar a fatiota que usava o pae Adão, no Paraizo, antes da mãe Eva o induzir em pecado. Não bole uma folha nas arvores, em frente do Palacio.

Recebo os cumprimentos oficiaes, depois do almoço, e consumo a tarde a decifrar telegramas que me chegam de Lourenço Marques.

O que por lá vae!

Sou informado de que um dos grandes barcos da Castle, vindo do oriente, tocará em Moçambique, recebendo passageiros e carga para Lourenço Marques. Deve chegar d'aqui por tres dias, quatro o mais tardar.

Tenho um minuto de hesitação, e decido não o aproveitar.

Não faltaria quem dissesse, na Praça Sete de Março, que o Alto Comissario se punha ao abrigo da bandeira ingleza com medo de anunciadas violencias ou para evitar possiveis enxovalhos. Regressarei n'um barco portuguez, o *Gaia*, dispensando-me de ir n'elle até Porto Amelia, porque não poderia, em menos de doze ou quinze dias, visitar convenientemente os territorios da Companhia do Nyassa.

Resisto ao somno, antes do jantar, tendo passado a noite anterior sem pregar olho, e embora saiba que não faz bem dormir sobre a comida, levanto-me da meza para me meter na cama.

A's cinco horas da manhã estou a pé, e con-

fortados com o mata-bicho vamos para bordo do *Gaia*, que nos levará a Nacala.

Maré baixa, tornando necessaria a utilisação do preto como meio de transporte. Temperatura suave; uma nevoa que embacia o ar, mas permite vêr para o largo, tornando as coisas levemente indecisas, sem as deformar. Aparece uma risca no horísonte, um pequeno disco vermelho que sobe vagarosamente, e vae tomando a forma redonda, geometricamente perfeita, á medida que se eleva. Mar de palha; céo limpo, muito alto; a terra, muito afastada, dá a impressão d'uma planura a estender-se sem limites.

Entramos na bahia Fernão Velloso.

Que grandesa, e que deslumbramento!

Tenho a impressão de que estamos no mar alto, estacados no deserto infinito das aguas. O navio marcha com desembaraço; mas não me apercebo da sua marcha, e apraz-me acreditar que Nacala fica muito longe, demorando-me por algumas horas na muda contemplação d'este espectaculo que me alvoraça o coração, enchendo-me os olhos com a subita alegria que me ri nos labios!

A verdade é que me apercebo d'um estrangulamento da bahia, lá adiante, avançando muito a terra, pelo lado direito, onde ha uma pequena, uma insignificante povoação de pretos e asiaticos, sobretudo asiaticos, que fazem a pesca e o comercio das perolas, sem terem de observar quaesquer disposições regulamentares.

Vamos entrar na bahia de Nacala ?

Interpõe-se entre ella e a de Fernão Velloso uma outra, mais pequena que as duas, muitissimo mais pequena que a primeira, cabendo á vontade dentro da segunda, que não ficaria cheia ainda que lhe duplicassem o tamanho.

Dois ou tres barquitos de pesca, distantes uns dos outros, parados; uma chalupa que vem de Nacala, a vela cheia, cortando as aguas sem ruido, ligeiramente inclinada para bombordo. Terra alta pela esquerda, vendo-se a Missão lá em cima, rodeada de grandes arvores; a incipiente Villa de Nacala, ao fundo da bahia, sorrindo á gente na alvura das suas casas muito brancas, rigorosamente alinhadas.

Ha quatro anos ainda não havia aqui, em Nacala, uma unica casa habitavel. Estão construidas umas doze casas de alvenaria, estabelecimentos comerciaes, pertencentes a monhés. Tenho a impressão de que esta aldeia em começo será uma Villa em breves anos, uma cidade, mais tarde, se as energias productoras da Metropole, na posse de algum capital, quizerem vir para este districto, o mais rico da Provincia, depois de Quelimane.

Partimos para Memba. Optima estrada; magnificos terrenos a um lado e outro, mas nem um palmo de cultura, européa ou cafreal. Pequeninas povoações gentilícas á beira do caminho, sem machambas adjacentes. A mesma curiosidade e as mesmas saudações dos pretos, notando-se-lhes

um certo ar de retraimento, como se cumprissem um dever que lhes não é agradavel. As mulheres não fazem a reverencia, os homens não pousam a carga no chão, como em Tete, como em Quelimane, para cumprimentarem, com afectiva e respeitosa deferencia, o Governador da Provincia; cumprimentam friamente, protocolarmente, como no Lugela. Convem saber que este Districto só ha muito pouco anos se acha inteiramente pacificado, reduzida á obediencia a sua população, inquieta e guerreira.

Ha n'esta estrada, longa de cincoenta e cinco kilometros, aberta na selva, trechos d'uma grande beleza, sombreados como as Avenidas d'um Parque, as arvores marginaes, isto é, mais proximas, altas, de grosso tronco, enfeitadas de baixo a cima com trepadeiras muito verdes, que dão uma consoladora impressão de frescura ao caminheiro que por aqui passa em dias, como hoje, de calor torrificante.

Vem a ser Memba uma povoação comercial, como Nacalla, dominando uma bahia pequena, suficientemente funda para dar acesso a grandes barcos de carga. Estão construidos quinze casas de alvenaria, e algumas outras em vias de construção. Casas comerciaes, bem entendido, sendo todo o comercio, como em Nacala, como em Bajone, exercido por asiaticos, E' aqui a séde d'uma Companhia indigena, a 6.ª, para a qual vae construir-se um Quartel que realisará as devidas condi-

ções de hygiene e comodidade. O edifício mais importante de Memba é o Hospital, com Pharmacia anexa. Não ha medico, nem aqui nem em Nacalla, sendo de notar que em Nacalla não ha sequer uma enfermaria. O Hospital não é mau; com alguns arranjos e ampliações pouco deixará a desejar A Pharmacia é bôa, naturalmente desprovida de quasi tudo, satisfazendo-se com pouco as exigencias d'um enfermeiro a cargo de quem está o serviço clinico. Resolvo mandar para aqui um medico, dando ao Hospital um carro sanitario, carro automovel, está bem de ver, para garantir uma regular assistencia clinica a Nacala e povoações indigenas que se encontram entre as duas Villas.

O abastecimento d'agua, em Memba, faz-se pelo velho processo da cisterna, não obstante correr perto d'aqui, a uns tres kilometros, um rio que não seca na estação calmosa, e de bôa vontade daria agua á Villa, só com a indispensavel condição de a irem lá buscar.

A bahia é ampla, mais pequena que a de Nacalla — mais pequena e menos bella.

Logo depois do almoço regressamos a Nacalla.

Reparo agora n'uma sepultura indigena, perto da estrada, que ha pouco me passou despercebida. Cobre-a um toldo, feito de panos — como se esta gente, sempre de cabeça descoberta, em vida, receasse uma insolação *post mortem*. Um ou outro indigena que passa, este em direção a Mem-

ba, d'onde venho, aquele em direção a Nacalla, para onde vou; alguns cumprimentam com respeito, a maior parte cumprimentando com indiferença, não sendo raros os que se dispensam de cumprimentar, nem sequer olhando para o automovel, conquista do Progresso que já espanta menos os pretos de Moçambique que os indigenas de qualquer aldeola alemtejana.

Chegamos a Nacalla já pelo entardecer, e como não ha que contar com o ar do dia, em Africa, porque o sol, quando está perto da linha do horisonte, cae de mergulho, e como d'aqui ao Mossuril é um estirão de quasi cem kilometros, desentorpecemos as pernas em direção á bahia, que me parece agora mais linda, depois de ter visto a de Memba.

A estrada é optima, larga e bem pavimentada. Guia o automovel o capitão Romualdo Tavares, de Beja, homem de pulso forte e vista aguda, muito senhor do seus nervos, sereno e calmo. Não vale a pena ir devagar, para ver, porque a um lado e outro da estrada ha tão sómente a charneca, em grande parte cobrindo um terreno arenoso, que não valeria a pena aproveitar, havendo disponiveis tratos larguissimos de campos ferteis. Encontramos agora mais gente que de Nacalla, para Memba, carregadores ao serviço de monhés, alguns machambeiros que foram á Villa, vender e comprar.

Desaparece o sol; é noite. Vamos agora atra-

vessando a região dos namarraes, que Mousinho submeteu valentemente, sendo este feito guerreiro o prologo, por assim dizer, dos seus feitos d'armas no sul da Provincia, o mais retumbante dos quaes foi a prisão do Gungunhana, mercê da qual acabou definitiva e completamente o poderio da gente vatua. Perto do monte chamado o *Pão*, visinho da *Mêsa*, um leopardo atravessa a estrada, quasi d'um salto, internando-se no mato, sem curiosidade de ver quem passa. Ha por aqui leões em abundancia, e eu sinto vontade de dizer ao capitão Tavares que não tenha pressa, a ver se consigo ouvir um d'estes bichos rugir em liberdade.

Aparecem-nos luses lá adiante, muitas luses, dispersas como n'um acampamento.

Estamos no Mossuril.

Não ha remedio senão escarranchar-me nos hombros d'um preto, que me leva até um escaler da alfandega, sendo o coronel Chaby d'opinião que mais vale fazermos a travessia, até Moçambique, no escaler, que a bordo do rebocador que ali está, á nossa espera, muito pouco comodo. Noite feia, sem luar. Entretenho-me a vêr a phosphorescencia das aguas, como se por ali andassem, aos mergulhos, pyrilampos de tamanho descomunal.

Dura a navegação uma hora, sendo manifesta a satisfação com que todos passam de bordo do escaler para bordo... da meza, desde madrugada a pé, e tendo feito, por mar e por terra, a maior

parte em automovel, uma caminhada de centenas de kilometros.

*

A Ilha é pequena, mais comprida do que larga. Basta dizer que o seu perimetro não mede cinco kilometros. A bem dizer, esta Ilha é um banco de coral e areia, sobre o qual, ahi pelos meiados do seculo XVI, edificaram uma fortaleza, que é ainda hoje um dos mais bem conservados documentos da nossa historia maritima, pagina de epopeia que a ação demolidora do tempo, somando-se á ação estupidamente vandalica do homem não tem desfigurado, subsistindo quasi intacta a sua structura forte e severa.

Em poucos minutos, sem estafar as pernas, qualquer percorre a cidade inteira, a pé; mas todos preferem o *rick-show*, com um ou dois logares, alguns fechados, muito do agrado das madamas monhés, que não querem, por motivos religiosos, que lhes vejam a cara. Ruas bem pavimentadas, casas solidamente construidas, porventura demasiadamente solidas, tendo em consideração que de tempos a tempos toca na Ilha o rabo d'um tufão. Noto, com muita curiosidade e simpatia, o nome das Ruas n'esta pequenina cidade, distante da Metropole oito ou nove mil kilometros. E' a Rua da Amisade, a Rua das Amoreiras, a Rua João de Deus, a Rua da Saudade, a Rua Fresca, o Largo de Camões, a Tra-

vessa das Flores. Ha tanto sabor portuguez, tanta inspiração patriotica n'estas denominações!

Na *Rua da Paz* fica o deposito do material de guerra; na *Rua da Liberdade* fica a cadeia!

Uma ou outra casa de primeiro andar; a grande maioria, a quasi totalidade é de casas terreas, typo genuinamente portuguez, muitas brancas de cal, bastantes amarelas d'ocre. O bairro indigena, n'uma depressão do terreno, é formado de palhotas, vivendo promiscuamente os pretos e os monhés. Não tem, como seria de esperar, aspecto imundo.

A Camara é um edificio grande, de amplas salas, dando a impressão de ser tão velho como a Ilha. O Arsenal, desprovido de tudo, é uma oficina de curiosos, onde só ha de notavel uma linda maquina que foi comprada na Allemanha, ha uns dezeseis anos, e que devendo servir para fazer gelo, a unica coisa que faz... é agua quente! Com respeito a doca, seca ou molhada, é coisa de que não ha por aqui vestigios.

O Hospital é um magnifico edificio. Enfermarias compridas e largas, de muito pé direito, por forma que a cubagem excede de muito os numeros classicos. Quatro grandes cisternas garantem a agua necessaria para o consumo. Não ha aqui, como ha em Quelimane, como não ha em Tete, uma Escola de enfermagem, que eu criarei logo que regresse a Lourenço Marques.

Na Capitania, velha como tudo em Moçambi-

que, uma linda porta em marmore branco n'uma parede a cair, põe uma agradavel nota de beleza nova n'esta confrangente velharia. O escudo que encima a porta, adornada de tres castelos, ostenta um molho de flechas, como hastes flexiveis de lirios nevados, entre duas palmas convergentes.

Os largos ajardinados são pequeninos trechos de... charneca, por falta d'agua.

E' uma coisa insignificante o Bazar, como geralmente se chama, na Provincia, ao Mercado; a Praça do Peixe, á beira-mar, é uma coisa que faz nauseas.

N'esta velha cidade, durante seculos séde do Governo Geral da Provincia, e capital do districto desde que o Governo Geral foi transferido para Lourenço Marques, não ha uma casa que mereça o nome de Hotel, uma rasoavel hospedaria onde se alojem os funcionarios que por aqui teem de passar, com mais ou menos demora, a caminho das respectivas circunscripções.

A muitos tem acontecido dormirem *á la belle étoile*, quando lhes não dá abrigo a generosidade do Governador ou de algum vago conhecido que venham aqui encontrar. A Provincia não ficaria pobre pelo facto de auxiliar a construção d'um Hotel, que mais não fosse dando uma garantia de juro, como se fez em Lourenço com o Polana, o melhor Hotel de toda a Africa do Sul.

Rente ao mar, do lado da terra firme, as casas conservam o aspecto que tinham no tempo

em que por aqui se fazia um extraordinario comercio de escravos. Os mizeraveis que eram caçados no mato, ás centenas, aos milhares, eram trazidos para a Ilha, metidos em cacifos sem ar e sem luz, aguardando que os embarcassem. D'este comercio viveu a Provincia até ha menos d'um seculo, e porque era um comercio rendoso, que nem sequer exigia o emprego de capital, não havia que pensar na Agricultura, a mais contingente de todas as Industrias, porque depende dos phenomenos metereologicos, ainda muito fóra das rasoaveis previsões e inteiramente fóra da vontade do homem.

A fortaleza, typo Vauban, é hoje um presidio, como a de Loanda. Valor militar não tem nenhum, mas seria um crime não a conservar, porque é um documento historico de subido valor. Por aqui, n'estes mares proximos, deram-se combates navaes decisivos para o nosso prestigio como navegantes e conquistadores. A Capela, anterior ao Castelo, tem lapides funerarias em que não se pode mexer sem grave sacrilegio.

Para nada servem, e não poderão jamais servir, a não ser para modestas salvas regulamentares, as peças que adornam os seus eirados, a boca virada para o mar, como que para gritarem, no momento de perigo, o álerta está das sentinelas. Teem uma capacidade de dezeseis mil pipas d'agua as cisternas da Fortaleza, e foram de tal modo bem construidas que se teem aguentado

até hoje sem necessidade de grandes reparações.

Uma Ilha pequena, como esta, deveria considerar-se como uma grande cadeia, sem necessidade de portas chapeadas a ferro, sem ferrolhos e cadeados á prova dos maiores empuxões. A distancia da Ilha á terra-firme é curta, sobretudo na maré baixa; mas não se pode transpôr a vau, como sucede entre a Inhaca e a Ilha dos Elephantes, que é a prisão de mizeros leprosos.

Se eu me conservar no Governo da Provincia, a Fortalesa de S. Sebastião deixará de ser presidio, e nenhum criminoso gosará do injustificavel previlegio de ter casa, comida, roupa lavada e engomada, medico e botica, sem realisar a minima parcela de trabalho util para a comunidade que o sustenta na mais escandalosa ociosidade.

N'este momento ha só duas mulheres na prisão, uma branca e uma preta, ambas condenadas pelo crime de filicidio. Typo banal de preta, typo banal de branca, sem caracteres somaticos, á vista, que inculquem a sua tára criminal. Cheguei a apaixonar-me pelas doutrinas de Lombroso, mas á força de ver grandes mariolas com o ar mais serafico d'este mundo, e pessoas irrepreensivelmente honestas, d'um fundo moral sem mancha, com stígmas de degenerescencia criminál, assentei em que o crime é que revela o criminoso, sendo conveniente não passar atestados de santo a quem quer que seja, senão em presença da certidão d'obito.

Uma das curiosidades da Fortaleza é o boi João, que ainda hoje, com perto de vinte anos de idade, faz o serviço que lhe compete. E' considerado como praça, para lhe ser abonada a ração, e tamanha é a ternura de todos por este animal, que provavelmente ningem comerá da sua carne quando fôr abtido, por morte, ao efectivo da guarnição.

Com facilidade se conquistaria ao mar, entre a Fortaleza, e o cemiterio uma larga facha de terreno, onde se construissem casas de habitação. O Largo de S. Gabriel, pouco mais pequeno, se o fôr, que o Terreiro do Paço, podia ser aproveitado para edificações, e nem por isso a cidade ficaria sem os indispensaveis alveolos pulmonares, praças e largos, para a sua conveniente respiração. Quer dizer, a pequenina Ilha de Moçambique, que hoje tem uma população, de cinco mil almas, pretos, brancos e amarelos, comporta uma população duas ou tres vezes maior, aproveitados os seus espaços disponiveis.

O Arsenal, como já disse, é uma caricatura ; mas se quizermos que elle seja o que deve ser, havemos de tiral-o d'aqui. Mal se compreende que n'uma Provincia que tem para cima de dois mil kilometros de costa não haja um Arsenal para construções de reparação, não havendo uma Escola de pilotagem, aproveitando a aptidão e o gosto do preto pelos serviços maritimos.

Faço a continencia ao Monumento a Vasco da

Gama, um singelo monumento de cantaria, alto, de dois metros, encimado por uma esfera armilar; n'uma das faces, como legenda, versos de Camões — *Por mares nunca d'antes navegados*; na face oposta o escudo e armas da cidade — um feixe de setas n'um entrelaçamento de palmas, e vou de romagem ao Padrão de S. Francisco Xavier, cuja base é formada pela pedra em que ele poz o pé saltando de bordo. Fica este padrão metido n'uma especie de fortaleza, de paredes grossas, em cada parede havendo duas janelas, excepto na que olha para o mar. Cá fóra, em monte, roido pela ferrugem, o pouco que resta do que foi o gradeamento do Padrão.

Uma vergonha a Escola de raparigas, maís parecendo uma *cave* que uma Escola. Não tem mobiliario; falta-lhe por completo o material d'ensino, sendo milagre que alguem ali aprenda a ler. A Escola de rapazes é uma vergonha igual. Alguns bancos que tem, muito poucos, estão partidos; a um canto, cheios de pó, estão os quadros que deviam estar pendurados, quadros muraes

E' que o problema da instrução ainda ninguem o tomou a serio, na Provincia, o que não deve çausar espanto a quem souber que sucede pouco mais ou menos a mesma coisa na Metropole.

A Escola d'Artes e oficios é um enorme casarão, incaracteristico, nem Quartel, nem Convento. Actualmente a Escola tem 36 alumnos, dos quaes tres aprendem a deitar tombas. A oficina de ty-

pografia, para competir com a industria livre, carece de monopolisar o fornecimento do Estado e corporações administrativas. O mais interessante da Escola é um theatrinho de bonecas instalado n'um armazem de deposito. Já percorri toda a *cidade*, em carro e a pé, não havendo uma só das suas ruas, uma só das suas travessas por onde eu não tenha passado. Pois só aqui, na Escola d'Artes e Oficios, um estabelecimento oficial, vi pretos com panos, como no mato!

Os devotos de Santo Antonio, n'esta Ilha, comemoraram o seu centenario, como em Lisboa, e para memoria eterna d'essa comemoração, ergueram um monumento, em forma de marco, sacrificando-lhe um dos maiores espaços livres da cidade. A irreverencia da garotada fez d'este largo uma especíe de sentina aberta. Aqui perto fica uma Igreja abandonada, melhor dizendo, as ruinas d'um grande templo que serve d'asilo a todos os detrictos da população que não tem casa. Fica á beira-mar, defendida por grandes rochas em que as ondas se quebram. Ficava aqui bem um Museu districtal.

Vejo muita gente caiada, homens e mulheres, gente de côr.

Dizem-me que é por chíbantice e por comodidade, por causa do calor, nos dias em que o sol tem irradiações de fornalha, a arder perto da terra. Já percorri quasi toda a Provincia e só aqui, na Cidade de Moçambique, encontro esta utilisação

da cal. Ainda hontem, perto do cemiterio, encontrei um pretalhaz, grande como uma torre, tão abundantemente caiado, que me deu vontade de lhe escrever um palavrão na cara.

A residencia do Governador, o Palacio de S. Sebastião, velho convento adaptado a usos laicos, não tem nada que o recomende, grande sem ter grandiosidade, banal como arquitectura, a classica arquitectura, ligeiramente deformada, dos antigos depositos de frades. Muitas e grandes salas, em algumas das quaes ha restos de mobiliario vindo da India, a maior parte do qual foi transferido com a sede do Governo Geral, para Lourenço Marques.

Mais do que em qualquer outra parte da Provincia, a propaganda islamita faz-se, em Moçambique, e faz-se na Escola, a creança aprendendo a ler, se me permitem o exagero, pelo Alkorão. Simplesmente o Mestre islamita, para dar *aula* não precisa de *escola*, bastando-lhe a sombra d'uma arvore, o abrigo d'uma parede. Bem feitas as contas, não ha analfabetos entre os devotos de Mahomed e os Macuas seguem a religião do propheta. Os pretos, d'um modo geral, gostam muito de ler. Apezar das Missões e escolas laicas, são poucos os que na Provincia lêem e falam portuguez; mas a percentagem dos analphabetos. em relação ao landim, não deve exceder a da Metropole.

As corporações oficiaes apresentam os seus comprimentos e as Associação de classe, indus-

tria, comercio e agricultura, apresentam tambem os seus cumprimentos e formulam as sua reclamações. Como em Tete, como em Quelimane, as forças vivas de Moçambique queixam-se do burocratismo de Lourenço Marques, e oferecem-me o seu apoio contra os *libristas* do sul da Provincia, a menos que se garanta ao Norte o uso do escudo, isto é, da moeda nacional.

Tambem pedem audiencia, para cumprimentar, os comerciantes asiaticos, remotos descendentes d'aqueles monhés — passe a denominação generica — que em 1687 vieram estabecer-se na Provincia, tendo o conde de Alvor, vice-rei da India, brindado com o monopolio do comercio entre Moçambique e Diu os habitantes d'esta heroica cidade. Só em 1752 se tornou independente o Governo da Provincia, desligado do Governo da India, essa famosa India que nos encheu de glorias e de riquesas — glorias que ainda duram, riquesas que pela Metropole passaram alimentando os nossos vicios e preparando a nossa desgraça.

Com os monhés verdadeiros, diz-me o coronel Chaby, veem monhés a fingir, e á frente de todos um monhésinho vestido de chumbo laminado, que atira ao Alto Comissario folhas de rosas e malmequeres Entram na sala em que os espero, um pouco em tropel, fazendo pinhota, mesureiros, estendendo o braço direito, alguns levando as mãos ao peito, encurvados n'um geito de pratica religiosa. Vestem os seus fatos ricos, sendo a peça

mais apreciada da sua indumentaria, o colete — exatamente como sucede com os pretos. Mas não se descobrem, obedientes a um preceito da sua religião qve lhes não permite serem delicados, entrando na casa alheia.

Não poderei visitar minuciosamente, como desejava, o districto, porque resolvo aproveitar o Gaia para regressar a Lourenço Marques, e ele não deve tardar por ahi, vindo de Porto Amelia; mas verei o que poder ver, até ele chegar.

Na Cabaceira, em frente da Ilha, ha um Palacio do Governador, á guarda d'um sargento reformado. Nada tem que seja digno de menção, e pouco encerra, áparte loiça, um bilhar e alguns moveis, que valha a pena guardar. Num edificio proximo, estragado pelo tempo, está instalado o Internato de raparigas, pretas e mulatas. Em Moçambique ha muitos mulatos, um pouco menos, talvez, do que em Quelimane, mas muito mais do que seria para desejar.

Problema grave, o dos mulatos, que não pode ser resolvido *á priori*, e para o resolver no terreno dos factos, os elementos de observação e de estudo faltam por completo.

Será o mulato, como muitos pretendem, um typo instavel, mas regressivo, incapaz de formar uma unidade ethnica intermedia entre o branco e o preto ?

A ser assim, nenhuns beneficios resultariam da mestiçagem, que conviria evitar, reduzindo a ca-

sos sporadicos a ligação fecunda entre individuos que a Natureza dotou para viverem eternamente separados, cada qual com as suas qualidades e os seus defeitos, confiando em que o progresso das ideias e dos sentimentos, a civilisação, no mais alto grau, tornará os adversarios irreductiveis em cooperados leaes e prestimosos.

Nenhuns estudos se fizeram, até agora, na Provincia, a este respeito, nem sequer ha registadas observações que permitam considerar o problema em equação. D'ele me ocuparei, a valer, se me demorar no Governo da Provincia, fazendo-o estudar por quem seja habil, para tão dificil e importante trabalho, importante sob o ponto de vista scientifico e economico, d'uma importancia transcendental sob o ponto de vista dos ulteriores destinos d'uma raça que é representada, no Mundo, por mais d'uma centena de milhões d'almas, e ainda sob o ponto de vista da utilisação d'um continente que tem de superficie muitos milhões de kilometros quadrados e oferece ao trabalho inteligente, ás iniciativas audaciosas fartas compensações.

Uma grande Quinta, anexa ao Internato, abundante d'agua, não de cisternas, mas de noras, sendo convenientemente explorada, pode fornecer a Cidade de todos os productos horticolas que consome, e os navios que no porto entram, com pouca demora. sempre desejosos de alimentos frescos. Os asiaticos são grandes hortelões, e coisa

facil me será mandar para aqui, quem dirija esta pequena exploração horticola, não lhe regateando a paga conveniente.

Almoçamos no Mossuril; vamos de visita a uma povoacão de monhés, que fica proxima, denominada Manguse, pequena aldeia comercial, e passamos muito a correr, pela telegrafia sem fios, que n'este momento realisa um trabalho colossal, por causa de avaria na instalação congenere de Madagascar. Regressamos a Moçambique. A cidade, vista do meio da bahia, é uma pequena mancha sem relêvo, salpicada de luzes.

*

Embarcamos cêdo, antes do sol nascer, no rebocador da Capitania, que se faz de rumo ao Lumbo.

Sente se que vamos ter um dia quente, extraordinariamente quente, visto que já o calor aperta a esta hora matinal. Mar socegado. Dois ou tres barquitos de vela, gaivotas que andam a tratar da vida, aproveitando o silencio da bahia para melhor darem caça aos animaesinhos de que se alimentam. A bahia do Lumbo é ampla, mas de pouco fundo, considerada na totalidade da sua extensão. Atraca-se a uma ponte de madeira, que precisaria ter seiscentos metros para bem servir os grandes navios de carga. Na maré vasante esta ponteca fica quasi toda em sêco.

E' o Lumbo testa de caminho de ferro, o pro-

jectado caminho de ferro que atravessará o districto até ao Xirua, passando em Ribaué. Estão muito incompletamente instaladas as oficinas, mas não deixa muito a desejar o edificio destinado á Direcção do Caminho de Ferro. A bem dizer pouco mais ha, no Lumbo, que moradias para empregados. Recuso auctorisação para se instalar aqui a telegrafia sem fios, que só não se instalará na Ilha, na Fortaleza, ou em qualquer outro sitio, se me convencerem, com bôas rasões, de que ella não deve ali instalar-se.

Forma o comboio na gare; instalamo-nos na carrugem salão; ouve-se um apito; a maquina silva demoradamente, rouca e estrepitosa, arrancando a custo para uma jornada de quarenta e dois kilometros.

Terrenos incultos; charneca brava a um e outro lado da via ferrea. Se ha agricultura no districto, como demonio é que os agricultores não aproveitaram os bons terrenos que marginam esta linha, fazendo economia de transportes? A verdade é que ainda os olhos me não cairam em terra agricultada, e apenas duas ou tres derrubas, coisa modesta, interrompem, do Lumbo até aqui, a continuidade da selva. Dizem-me que sim, que ha propriedades em exploração ao longo do caminho de ferro, mas que eu não as posso ver porque se interpõe uma zona de mato, larga de cem metros, reserva do Estado. Faz-me lembrar um episodio dos meus tempos de Coimbra, que recordo com

saudade. Pagava-se um pataco para ver, por um oculo de augmentar, vistas panoramicas de varias cidades da Europa. Um homemsinho, o emprezario do espectaculo, ia explicando ás gentes: — *Lá está Londres, a capital da Russia; passa-lhe um rio pelo meio, é o Rio de Janeiro... Lá está o Palacio do Imperador da Turquia; tem trezentos e sessenta e cinco janelas, tantas janelas quantos dias tem o ano...*

Observa-lhe um espectador, sem despegar o olho de vidro:

— Mas eu só vejo uma!...

Resposta do cavalheiro, sem se desconcertar:

— As outras não se vêem porque estão do outro lado.

Aqui aparece agora um campo entrincheirado, que me não fez lembrar os de Pleuna, mas que me obriga a recordar a lucta que tivemos de sustentar, na Provincia, contra os allemães, nossos inimigos, precisando ao mesmo tempo defendermo-nos dos inglezes, nossos aliados. Por excessiva modestia dos homens mais directamente responsaveis pela Guerra, a de 1914, está bem de ver, ainda não foi publicada a segunda parte do nosso Livro Branco, nem foram publicados os relatorios e informes do Estado Maior relativamente ás operações militares em que figuramos, na Provincia de Moçambique. e que virão, talvez, explicar a rasão porque se deu em nossa casa uma lucta que deveria ter-se dado na casa do vi-

sinho, isto é, no Este Allemão, hoje territorio de Tanganika, em regime de protectorado.

Chegamos ao Monapo.

Sobre este rio se construiu uma ponte de madeira, por onde passava o comboio. Um belo dia a corrente pegou na ponte, e levou-a a caminho do mar. Por felicidade estava uma maquina do outro lado do rio e um vagon aberto, para carga. Como a necessidade é mestra de engenho, onde estava uma ponte de cavaletes, poz-se uma especie de ponte pensil, engraçada á força de ser manhosa. Tem cincoenta metros de comprimento e quinze metros de altura. Não tem corrimão, e como é pouco larga, facilmente estonteia as pessoas um boca inho fracas ou nervosas, que não podem caminhar senão olhando para baixo.

Ha necessidade de colocar um toldo sobre o vagon atrelado á maquina que nos hade levar até ao fim da linha, quebrada ao meio, pelo Monapo, no kilometro 42, porque o calor é insuportavel. E assim vamos cortando a charneca bravia, até ao Nameal, onde ha um bom acampamento, o esboço d'um povoado que virá a ser importante se nas suas imediações se fizer agricultura a valer, aproveitando as aptidões culturaes d'estes sertões virgens.

Almoçamos em Metocheri, que significa – *olho verme ho*.

O sitio é pictoresco, perto da linha, e o almoço é excelente. Que regalo beber agua fresca, quando o mercurio galga para além dos quarenta graus,

á sombra, e a charneca, em tôrno, parece que tem crepitações de fogueira, ardendo sem fumo e sem labareda!

Quando chegamos ao Lumbo é noite.

Um barquito de vela triangular, enfunada, marcha adiante de nós, muito rapido, como que aos saltos por cima das ondas, levemente encarneirada a bahia, vasta e deserta.

*

Não me chega o tempo para visitar todo o districto, como desejava, porque o *Gaia* não tarda ahi, e eu já assentei em regressar n'ele a Lourenço Marques. Dizem-me que este Districto, em que não havia, ha uns quatro anos, meia duzia de agricultores europeus, vale tanto, sob o ponto de vista propriamente agricola, como a Zambezia, sendo o mais rico de toda a Provincia sob o ponto de vista florestal.

Aguardando que chegue o *Gaia*, irei vendo o que poder ver, afastando-me pouco da Ilha, para não alterar grandemente a viagem do barco.

Nampula merece uma visita, e fica a uns duzentos e cincoenta kilometros de Moçambique.

Pois vamos lá até Nampula.

A's cinco horas da manhã embarcamos para o Mossuril, onde fazemos um pequeno almoço que nos permitirá chegar a M'conta sem os incomodos d'um jejum forçado.

E' uma povoação importante, o Mossuril, servida por optima estrada que a liga a Nacala e Memba, e ligada por uma outra estrada, tambem optima, que a liga a M'conta e Nampula, continuando para Angoche, que é dos centros comerciaes mais importantes da Provincia.

Ha aqui um comando militar, bem instalado, pouco deixando a desejar, como instalação, a residencia do administrador da Circunscripção. Bastantes casas de alvenaria, algumas pertencentes a oficiaes do Exercito, que se reformaram, tornando-se agricultores. O edificio da Escola, em dois corpos, Escola mixta, é demasiadamente modesto, como monumento, e excessivamente grandioso como Escola, porque não tem alumnos. Nunca a frequentaram mais de oito estudantitos, gente de côr; e o numero de matriculados n'este momento, a pedido, unicamente para que se justifique a Escola e se pague á professora, é de quatro. Pequenos palmares, bem tratados, e alguma cultura horticola nas imediações da povoação.

Muito larga e bem conservada, sem macadam, a estrada para M conta permite grandes velocidades, e o capitão Romualdo Tavares entende que os automoveis se não fizeram para moerem leguas, como as traquitanas e os carros de bois.

Terrenos incultos; pequenos derrubas macuando a selva, e extensos campos de pastagem... onde não andam rebanhos. Passa muita gente

carregada; o comercio do interior para a costa faz-se em caravanas, por conta de monhés e arabes, principalmente monhés, insubstituiveis, por emquanto, no comercio do sertão. A maior parte dos pretos que encontramos, mesmo sem irem carregados, não cumprimentam. Convem dizer que só ha oito ou nove anos, ahi por 1913, é que o districto entrou, todo ele, na obediencia á auctoridade portugueza, que hoje não precisa de ser violenta para manter estes povos em respeito.

Muitos trabalhadores vão para a sua machamba, ou para o trabalho d'um patrão, os que trabalham á jorna, levando na mão... uma gaiola. Gostam muito de passaros, estes selvagens, que a grande maioria dos brancos, lá pelas Europas, considera dominados ainda pelos instinctos mais baixos, ferozmente sanguinarios. O cão é um companheiro assiduo do preto, acompanhando o por toda a parte. Se a fome aperta, o cão é que paga as favas; mas cremos que os brancos, em igualdade de condições, não teriam um procedimento muito diverso. Amigo dos passaros, amigo dos cães, amigo das creanças, o homem preto é dotado d'uma afectividade notavel, a tal ponto que Augusto Conte, não me lembra agora em qual dos seus livros, depois de afirmar que o futuro é das raças afectivas, prevê a supremacia da raça negra sobre todas as outras raças.

Chegamos a M'conta a muito bôas horas d'almoço. Encontro aqui gente conhecida, o tenente

Bragança, que foi comandante de Companhia,como oficial da Guarda Republicana, em Aljustrel. Prometo-lhe conserval-o aqui até Março, para que não chegue á Metropole ainda nos rigores do inverno. Com uma condição, que ele aceita — fazer uma larga estrada, uma Avenida, a ligar M'conta com o caminho de ferro.

Pela primeira vez, depois que estou em Africa, como salada de pepino, uma das minhas raras gulodices de mêza. Mesmo sem o pepino o almoço seria excelente ; mas com este aperitivo achei-o de primeira ordem.

Nampula, séde da antiga capitania-mór de Aricuana, fica-nos a oitenta kilometros. A estrada é bôa ; quatro horas chegam á vontade para a ida e volta, demorando nos lá o tempo necessario para vermos o que fôr digno de ser visto, quasi nada. Estaremos em M'conta ahi por volta das sete horas, continuando para o Mossuril logo a seguir ao jantar.

— Queres vir, Clotilde ?

Ora se quer !

Faz um calor insuportavel. A corrente de vento que o automovel desloca parece vir d'uma fornalha. Rebenta uma camara d'ar. Nenhuma cultura européa ; machambas, culturas cafreaes, se as ha por aqui, ficam longe da estrada, perdidas no mato. Terras desertas, terras selvaticas. Rebenta outra camara d'ar. Parece que augmenta o calor á medida que a tarde cae.

— Se por aqui houvesse agua para molhar os pneumaticos !

Ha agua, ha, mas é a que nos escorre por todo o corpo, dando-nos a impressão de estarmos vestidos e calçados, n'um banho de suor.

M'conta fica-nos já muito para traz, Nampula fica-nos lá muito para diante, e a um lado e outro da estrada é a charneca infinita, sem um retalho de cultura, aqui e além, a que se nos prendam os olhos, por instantes. Adejam borboletas, matisadas de variadas côres, servindo-se das asas, como leques, para se refrescarem um pouco, as desgraçadas. Oiço rolas, aqui perto, talvez um par de namorados, que andam a saltitar, de sombra em sombra, beijando-se em liberdade.

A uns trinta kilometros de Nampula rebenta a setima camara d'ar ! Consulto as pernas, e ellas dizem-me que, sendo preciso, devagar mas andando sempre, me levarão ao cabo da jornada.

Estamos n'um sitio que é çortadorio de feras, e por aqui abundam os leões. Não ha receio de que nos ataquem, embora estejamos desarmados. Entardece ; o sol conserva aproximadamente o mesmo calor, e em pouco diminuiu, se é que diminuiu, a sua luminosidade. A' direita e para lá de Nampula, erguem se montes em cone, de forma regular. Estamos a pequena distancia do maior de todos o Muatrochacas, de flancos asperrimos. Resisto á tentação de trepar por ele acima, á uma porque me diz o coronel Chaby que poderia ter algum

mau encontro, e depois, tambem, porque d'um momento para outro pode o carro estar arranjado, e se Nampula já nos fica perto, Moçambique fica-nos a centenas de kilometros.

A Clotilde chora; o Romualdo Tavares prague-ja, e o preto que do Mossuril veio comnosco, chauffeur suplementar, desenvolve todas as suas aptidões de mechanico, muito inteligente e muito desembaraçado.

Chega um preto, guarda-fios, armado dum facalhão enorme, que parece uma espada ferrugenta. Acompanha-o um outro preto, que é estafeta, e vem armado duma Sneider incapaz de dar fogo. A verdade é que estes homens, assim armados, melhor dizendo, assim desarmados, atravessam a charneca sem medo, convencidos de que as féras, vendo-os com armas, não se atrevem a atacá-los.

O carro buzina com toda a força e marcha em pequena velocidade. E' o caso — devagar que tenho pressa.

Bambús muito grandes; montes pouco altos e de base larga, um d'eles chamado *Cabeça de Macua*, o que mostra que em Africa se faz Anthropogliphia como o outro fazia prosa.

Alvorotamos um acampamento, semeado de pequenas fogueiras; atravessamos um larga Avenida de citrus, que conduz a uma horta proxima, e chegamos a Nampula, onde já ninguem nos espera.

A Clotilde dorme; á força de chorar, pobre pequena, adormeceu,

Fica Nampula, séde de um comando militar extinto — já extingui todos os comandos militares que havia no distrito, convertendo-os em circunscrições civis — a quinhentos metros de altitude, o que é bom, sob o ponto de vista da salubridade. Esta região é muito povoada, abunda em caça e parece ter grandes mattas florestaes de bôa madeira para construções e mobiliario. Muita pedra, muito barro a aproveitar no fabrico de tijolo. O comboio, quando forem prolongados os oitenta e quatro kilometros de linha ferrea, deve passar a pouco mais ou pouco menos d'um kilometro d'aqui. Visito o comandante da força aqui aquartelada, achacado de febres palustres, e constato, uma vez mais, a insuficiencia dos serviços medicos na Provincia, áparte os centros urbanos, vilas ou cidades.

Confortado com dois ou tres copos de limonada, regressamos a M'Conta.

Bem vistoriado o automovel, reconhece-se que elle pode fazer lindamente a viagem de regresso, nem sequer sendo preciso conduzi-lo em velocidade moderada. O que me preocupa é a aflição dos paes da Clotilde, arrependendo-me amargamente de ter convidado a pequenita para um passeio tão grande. Felizmente ella dorme como um anjinho, quasi deitada, as pernítas encolhidas, a fazer ainda mais pequena a sua pessoinha exigua.

Noite escura; coelhos que atravessam a es-

trada, na zona que os faroes do carro iluminam; um cabrito estaca diante do automovel no meio da estrada os olhos tão cheios de luz... que não vê nada. Por um triz não é apanhado.

Jantamos em M'Conta, e engulido o ultimo bocado, feitos os nossos agradecimentos ao sr. tenente Bragança e sua Esposa, rompemos pelo escuro da noite em direção ao Monapo. Ha uma ligeira humidade, mas a temperatura é agradavel. Calculo que estes campos são como os que já vi, n'esta acidentada digressão, por igual incultos, mas de matagal menos espesso e menos alto.

Estamos no Monapo, e eu não resisto á tentação de experimentar o efeito que me produzirá a oscilação de uma ponte fragil cortando um abismo de treva.

Clareia a manhã, e em menos de nada aparece o sol, vermelho de sangue arterial.

Não teem poesia os crepusculos africanos, porque são excessivamente rapidos. Anoitece e amanhece gradualmente, na Metropole. O sol, quando descae no horisonte, parece retardar a sua marcha. Já os vales se encheram de sombra, e ainda os pontos altos se nos mostram suavemente iluminados. Todos os vultos se reduzem, todas as formas se esbatem, todas as côres tendem a ser a mesma côr, fundindo-se gradualmente. Dir-se-hia que as coisas se preparam para o repouso da noite, indistintas nas pregas d'um manto de

treva, mal distinctas sob uma gaze de luar. O dia anuncia-se de longe, no ruborecer da aurora. Sente-se que a Natureza desperta; em muitas coisas notam se espreguiçamentos de pessoas que acordam, e a pouco e pouco elas tomam vulto, tomam forma, tomam côr, o vulto, a forma, a côr que as diferencia, individualisando-as.

Aqui não. Acaba o dia e é logo noite, não ha o encanto das indecisões, o enlevo dos tons vagos e indefinidos sombreando uma paisagem indefinida e vaga. Acaba a noite é logo dia, pondo o sol todas as coisas, desde que nasce, numa evidencia brutal.

Chegamos ao Mossuril pelas seis horas da manhã, e do automovel saltamos para o rebocador que nos levará para a Ilha, esta pequenina Ilha de Moçambique, que será preciso abandonar, não querendo ligal-a ao continente.

Aqui está um problema que eu farei estudar por tecnicos de bem provada competencia, disposto a resolvel-o, caso me demore na Provincia. Na baixa-mar a distancia entre a Ilha e a terra firme é pequena, isto é, o veio de agua permanente não assusta o engenheiro que tiver de lançar por cima d'ele uma ponte em arcos. A obra a fazer, seja ela qual fôr, precisa realizar esta condição *sine que non* — não perturbar o regime das marés a dentro da bahia.

Custará muito dinheiro ?

Naturalmente ; mas quer-me parecer que mes-

mo custando muito dinheiro, comtanto que não exceda as possibilidades da Provincia, provado que economicamente é util, vale a pena fazel-o. Não sei calcular o que vale a Ilha, as edificações de toda a ordem que nela ha; mas por certo tenho que vale bem mais do que a ponte custaria.

Chegou o *Gaia*, vindo de Porto Amelia. Resigno-me a partir sem ter visitado os Territorios da Companhia do Nyassa, sem ter sequer visitado, como desejava, todo o districto de Moçambique. O praso da concessão feita á Companhía do Nyassa termina em 1927, e eu queria habilitar-me a informar o Governo da Metropole, depois de ter visto o que a Companhia tem feito, sobre a justiça com que ella pede uma prorogação.

Breve contacto tive com os *macuas*, tão breve que não posso dizer, em minha consciencia, se elles constituem uma raça anthropologicamente definida, ou são apenas uma das muitas familias que habitam a Provincia, falando uma lingua ou dialecto que as outras familias não podem falar sem aprendizagem. O que no *macua* subsiste do enxerto arabe, não é coisa que dê nas vistas d'um *touriste* mal preparado para o exame ou simples observação dos varios typos que encontra no seu caminho desde que os seus caracteres fisicos não sejam diferenciados com tamanha evidencia que d'êles se aperceba um cego.

Polygamos como todos os seus irmãos de raça,

os *macuas* teem muitas mulheres, os chefes mais poderosos chegando a possuir, ha pouco tempo ainda, para cima d'uma centena - um pequenino rebanho. Diz-se que são homens fracos, de pequena estatura, acentuadamente prognatas, estupidos e macambuzios. A verdade é que o preto de Moçambique tem a reputação de ser ruim trabalhador, fraco e preguiçoso, podendo ser que a sua preguiça resulte, em parte ao menos, da sua fraqueza. A mulher *macua* não é propriamente a propriedade do marido; tem a sua palhota, a sua machamba, dispõe livremente do seu tempo, e trabalha para si ou para outrem como lhe apraz ou lhe convem. Por economia uns, por necessidade outros, os *macuas* empregam muito a casca de certas arvores na confeção da sua indumentaria, usando as mulheres uma especie de saiote que lhes desce, na generalidade dos casos, do peito até quasi aos joelhos. São habeis como artifices; os da costa entregam-se muito á pesca, e os do interior são muito dados á caça, e gosam da fama de serem bons atiradores. Resolvem os seus pleitos, os seus *milandos*, segundo regras estabelecidas, tendo creado uma rhetorica forense em nada ou em muito pouco inferior á que se usa nos tribunais da Metropole, quando a causa é das que metem advogado de nome, Ciceros que defendem o *pró* e o *contra* segundo os ajustes. Foram canibais em velhos tempos; hoje alimentam se do que a terra lhes dá, e ella remunera

bem o seu trabalho, porque é, aqui e além, d'uma notavel fertilidade. Um auctor cujo nome agora não me ocorre, descreve uma pratica canibalesca dos *macuas*, usada ha menos de meio seculo, pratica em que ha influxo de sentimentos piedosos ou humanitarios, pois que a victima não era morta e esquartejada senão depois de lhe terem ministrado uma beberagem que a fazia perder os sentidos. Convem dizer, para que o leitor não se faça ilusões sobre o grau de civilização d'estes escarumbas, que a despeito das regras de processo que usam no julgamento dos seus crimes e delictos, ainda muitas vezes recorrem, na investigação da verdade, á prova do veneno, usada n'outros districtos, de cada vez com menos frequencia. A este respeito o preto encontra-se onde já esteve o branco, o que mais parece confirmar a convição de muitos, e eu sou um d'eles, de que a raça negra vem muito atrazada no caminho da civilização, mas chegará onde nós chegamos, estugando o passo, ajudada por nós outros.

Depois do almoço vamos para bordo, aos trambulhões, porque o mar está picado, o que nos faz prever uma viagem mexida.

Salvas do Castelo, agradecimento de bordo, e cá vamos sulcando este Indico, entalado entre Madagascar e a Africa, formando o Canal de Moçambique.

No regresso

Andando sempre, embora lentamente, devagar, acaba a gente por chegar ao seu destino. Navegamos a grande distancia da terra, á cautéla, porque os *stocks* d'agua, n'este mar, desviam facilmente um navio, por grande que seja, de quarenta ou cincoenta milhas do seu rumo. Sem as preocupações que me torturam o espirito, não acharia monotono este mar deserto, porque a paisagem oceanica, contrariamente ao que muita gente pensa, diversifica d'hora para hora, oferecendo aos nossos olhos curiosos multiplos e notaveis efeitos de luz.

Não ha ondas ; o fresco da manhã e da tarde mal enrugam esta superficie azulada, que as nossas caravelas rasgaram audaciosamente, ha seculos, ensinando ao mundo o caminho da India.

— A's oito horas devemos estar em Inhambane.

Ergo-me cêdo. muito antes das oito horas, e vejo a terra proxima, sem relêvo, arenosa, coberta de mato, deserta e infinita.

Marcha vagarosa, muito vagarosa, tacteando o caminho, os olhos do piloto indo das torres para as boias luminosas e das boias para as torres, não vá o barco, desviando-se um bocadinho do rumo que deve seguir, pregar com a carga de mel á porta da estalagem.

Bahia deserta; apenas alguns barquitos de pesca junto á ponte, baloiçam molemente, presos a cabos. Na ponte, em cimento armado, comprida de quasi trezentos metros, espera-nos o Governador do districto, o major Bettencourt, açoriano, que me fez o grande favor de aceitar este cargo, livrando-me de serias dificuldades. Conservei todos os Governadores de Districto, que encontrei, ao instalar-me na Ponta Vermelha, e quando precisei substituir alguns, esqueci-me de que tinha amigos politicos, muitos dos quaes desejariam servir comigo, governando um districto para que os nomeasse.

Como não disponho de tempo para visitar o Districto á minha vontade, tomando d'ele o conhecimento necessario para bem prover as suas necessidades, adoptando as convenientes providencias para fomentar o seu desenvolvimento, demorarei o menos possivel o *Gaia*, prompto a embarcar logo que ele acabe de carregar.

A Villa é interessante, d'aspecto alegre, sem

edificios em que valha a pena reparar, a não ser a Camara Municipal com uma linha arquitectural de bom gosto e distinção. Vão adiantadas as obras d'um novo Hospital, fóra da Villa, demasiadamente longe da Villa, n'um ponto alto, sobranceiro ao mar. Palhotas e machambas no recinto da povoação, algumas de pau a pique, o que, além de ser desgracioso, é ilegal. Subsiste grande parte d'um pantano, junto á Estação do caminho de ferro; mas já se encetaram trabalhos para o seu aterramento, que virá modificar profundamente as condições hygienicas da Villa.

Uma comissão de agricultores pede-me que não prohiba o *sope*, com que embebedam e envenenam os pretos, emquanto não estiver montada uma assucareira que labore a cana, toda a cana que no Districto se produz. Digo-lhes que estou prompto a auxilial-os na mais larga medida em que o possa fazer, como agricultores e industriaes, se quizerem fazer, de sua conta, a correlativa industria da sua agricultura, mas que acabarei com o *sope*, como procurarei acabar com todas as bebidas cafreaes de que o preto usa fartamente, para alimentar o seu vicio. Pedem-me uma periodo de transição, que lhes nego, porque d'este artificio se teem eles servido já umas poucas de vezes para não interromperem o seu comercio, ignobil e criminoso. Os Governadores domoram-se pouco, e a regra é o Governador que chega empenhar-se em fazer o con-

trario do que fizera o seu antecessor — não vá pôr-se em duvida a sua originalidade e facundia em materia de administração. Já sinto contra mim todos os mixordeiros de Inhambane, disfarçados em agricultores; mas levarei por diante o meu proposito, certo de que assim prestarei, ao Districto, a toda a Provincia, um serviço relevante.

Não podendo percorrer todo o caminho de ferro, indo de Inhambane a Inharrime, n'uma extensão de aproximadamente cem kilometros, contentar-me-hei com um passeio até Jamgamo. Este comboio tem birras, e eu receio muito que ele me faça qualquer partida, negando se a maquina a puxar os vagons, quer á ida quer á volta, obrigado a servir-me das pernas, ainda rijas, graças a Deus, para uma caminhada de duas ou tres leguas.

Terras nuas, d'areia froixa, pela esquerda; lá adiante, do mesmo lado, uma vasta plantação de borracha, desde ha muito em completo abandono. Pela direita o rio Inhambane, que se crisma de Mutamba a certa altura do seu percurso. Um modesto campo a verdejar de cana sacarina, e a Fabrica da Mutamba, Sugar Estates, a enganar a gente, inculcando que ali se fabrica assucar.

Ha em Jamgamo, na Estação, uma oficina de serralheiro, que será transferida para a Villa, quando estiverem concluidas as respectivas instalações, o que ainda levará seu tempo.

Ha que fazer um pequenino passeio até á séde da Circunscripção, o que tem a vantagem de desentorpecer as pernas e aguçar o apetite. Recebe-nos com extremos de amabilidade o sr. Sanches de Miranda e sua esposa, instalados n'uma residencia que nada tem de luxuosa, mas inteiramente comfortavel, e denunciando em tudo requintada delicadeza e bom gosto. Fabrica-se aqui optima loiça de uso comum, e diz-me o sr. Miranda que fabricaria mobilias para todo o Districto, a preços convidativos, se lhe fosse permitido aproveitar, para esse fim, as optimas madeiras que ha na Circunscripção, pertencentes ao Estado. Digo-lhe que o auctorisarei a cortar as arvores de que necessitar para garantir o trabalho da respectiva oficina, comtanto que plante, por cada arvore que cortar, as que a Repartição de Agricultura entender que deve plantar, em numero e qualidade, para evitar os inconvenientes da desarborisação.

Grande batuque, a que concorrem representantes das raças que constituem o grosso da população indigena, n'esta Circunscripção — Bitongas e M'chopes. Não os distingo, e depois do sr. Miranda me dizer — aquelle é Bitonga, aquelle é M'chope fico na mesma. Vejo-os todos muito tatuados, os incisivos em ponta, á força de lima, os homens executando dansas guerreiras, como na Angonia, as mulheres dansando como todas as outras pretas, abundantemente tatuadas

no rosto, no peito a na barriga. Não esburacam as orelhas, nem os beiços, nem o nariz. Teem as feições grosseiras; baldadamente procuro na multidão uma só que seja, em plena adolescencia, da qual se possa dizer, encarecendo a sua relativa formosura — benza-te Deus. Na familia Chope o direito sucessoral é diverso do que vigora em muitas outras tribus. Os filhos não herdam dos pais; herdeiros legitimos e directos são os irmãos e os sobrinhos. Um Landim não entende um M'chope, a menos que tenha aprendido a sua lingua, como um M'chope não entende um Angone ou um Macua. Na Africa — *Anthologia Negra*, Blaise Cendrar — ha 591 linguas e dialetos, e dizem os entendidos na materia que estas linguas são d'uma grande plasticidade, exprimindo admiravelmente nuances de pensamento e de sentimento que dificilmente exprimiriam as linguas europeas Muito industriosos, muito inteligentes, os M'chopes teem uma grande tendencia ao agrupamento em pequeninas aldeias, armando as suas casas, isto é, as suas palhotas, como vejo aqui, em Jamgamo, a poucos metros da residencia do Administrador Ou eu me engano muito, ou esta gente, os M'chopes, podia já ter-se européisado, se da parte do branco, que ele talvez ainda hoje não estime, mas desde ha muito acata, tivesse havido um sincero desejo e um alevantado proposito de o educar e instruir, de o civilisar, em summa.

Recolhemos a Inhambane pelo cair da tarde.

A visita ao Districto, uma visita larga, de estudo e informação, reservo-a para mais tarde, quando os meus afazeres de burocrata, em Lourenço Marques, me deixarem tempo disponivel para uma excursão de alguns dias.

Saimos da bahia de Inhambane como n'ela entramos, marchando devagar, com a maior cautela, e a quietude do mar, sem um refêgo, sem uma onda, espelhando um céo azul-desmaiado, muito alto, sem um farrapito de nuvem, promete-nos uma viagem comoda, a terra quasi sempre á vista.

Atracamos ao caes Gorjão, em Lourenço Marques, precisamente á hora marcada, com rigor cronométrico. Passo revista á força; cumprimento as pessoas que ali se encontram por minha causa, umas por obrigação, funcionarios civis e militares, outras por deferencia respeitosa para com o Governador, algumas por impulsos de simpatia e amisade pessoal.

Reinstalo-me no *Palacio da Residencia*, e lá debaixo até cá acima, um estirão de dois kilometros, não ouvi um grito, uma simples palavra impertinente, não me apercebi d'um gesto irrespeitoso.

Estalará mais tarde a anuncíada tempestade?

* * *

Esperava encontrar feita a estrada de Marracuene, concluida a ponte sobre o Umbeluzi, no

caminho de Goba, a funcionar o matadouro, com instalações de frigorifico, na Matola. Pois venho encontrar a estrada de Marracuene parada no meio da charneca; a ponte do Umbeluzi ainda incapaz de permitir o transito de vehiculos e peões; o frigorifico da Matola desapetrechado, para um regular funcionamento. Tenho a impressão de que em Africa, pelo menos em Moçambique, só ha movimentos uniformemente retardados, sobretudo em trabalhos do Estado, fóra das Secretarias. O calor amolenta, espapaça, e aqui a gente sua, no tempo quente, como dentro d'uma estufa sobreaquecida e hermeticamente fechada. E precisamente agora, em Outubro, começam os calores, que durarão até lá para o fim de Março, sendo os mezes mais quentes, na Provincia, os que na Metropole são mais frios — Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

Parece-me que já conheço todos os pretos e pretas que transitam pela estrada do Umbeluzi, os que transitam pela estrada de Marracuene, recolhendo á cidade ou recolhendo á palhota. Mas a Namahacha fica muito longe, a noventa kilometros aproximadamente, sendo pouco menor a distancia da cidade a Goba, na fronteira da Swazilandia. Não respiro á vontade na Polana, minuscula praia decorada com um *tea-room*, como diz toda a gente de bôas maneiras e prosapias aristocraticas. Não jogo nem gosto de vêr jogar o *golf*, exercicio muito da predileção dos inglezes, animaes

de sangue frio, por natureza e por educação propensos aos gestos medidos e compassados. Constato, no Club do Golf, casa do Estado, que a mandou fazer e subvenciona, sendo igualmente do Estado o respectivo campo, muito vasto e enrelvado, que todas as indicações, isto é, o Regulamento do Club, é escripto em inglez. Não disfarcei a minha desagradavel surpreza, e logo fiz saber á Direcção do Club que semelhante coisa não pode continuar, devendo o Regulamento ser escripto em portuguez e inglez, impondo-me esta transigencia o facto de constituirem os inglezes a maioria dos socios.

Sucedeu então que os inglezes acharam justa a minha exigencia, achando-a disparatada, violenta e *shoking*... portuguezes dos quatro costados, pelo menos das quatro patas, sem ofensa aos respectivos progenitores. O inglez, quando fala com um portuguez, em terras de Portugal, não lamenta a sua ignorancia da nossa lingua ; lamenta que nós ignoremos a d'ele, menos rica e menos bela que a nossa. Talvez não haja em Lourenço Marques mais de tres ou quatro senhoras inglezas que falem correntemente o portuguez ; em compensação as senhoras portuguezas que aqui vivem quasi todas elas, umas com extrema correção, outras com singular desembaraço, falam o inglez como *bijas* de nascença. Revela este facto uma lamentavel carencia de orgulho nacional, sacrificado a uma prenda que é util... quando se

viaja. Quem tiver necessidade de tratar comnosco, em nossa casa, se não sabe falar a nossa lingua, deve fazer-se acompanhar de quem a fale. Se os portuguezes que vivem na Provincia, com as excepções do estilo, não falam a lingua dos indigenas, não é por falta de vontade, mas por não serem capazes de entrar com ela, sem custosa aprendizagem. Não se dispensam, contudo, de usar correntemente das expressões deformadas que o preto emprega, quasi pedindo desculpa de não se entenderem bem com o cafre.

Fica muito perto da cidade, pouco mais d'um kilometro da Praça Sete de Março, a Missão catholica de S. José de Lhanguene. Tem esta Missão uma bôa casa de Escola, em alvenaria, uma Igreja, tambem de alvenaria, a poucos passos da Escola, sendo de madeira a residencia do Padre. A Escola é regularmente frequentada, e a Igreja, aos domingos, enche-se de mulheres e creanças, sendo diminuta, quasi nula, a frequencia d'homens. Uma pequena horta, anéxa á Missão, nem sequer se pode tomar pela caricatura d'um posto agrario, em que os rapazes da Missão façam a elementar aprendizagem de agricultores. O padre que diz Missa é o mesmo que dá escola, e parece me que nem para uma nem outra coisa o fadou Deus Nosso Senhor. Assisto a uma aula, para ver como ali se ensina. A primeira coisa que o Mestre pergunta a um dos pretinhos chamados á lição é isto: — *O que são palavras*

exdruxulas ? Como o pequeno não respondeu lesto, desfechou-lhe outra pergunta : — *O que são palavras polysilabicas ?*

Disse ao padre que a ensinar assim os meninos pretos, eles poderiam facilmente vir a saber tanto como o Professor, mas nunca saberiam o bastante para entrarem desembaraçadamente no caminho da vida.

Assisto a uma missa, e conto, na assistencia, para cima de duzentos rapazes, umas sessenta mulheres e uns dez ou doze homens, dos quaes só tres ou quatro são brancos. Vozes frescas, bem timbradas, enchem o pequenino templo de harmonias suavissimas, sendo facil classifical-as com rigor, a tal ponto são caracteristicas.

Todos os rapazinhos pronunciam admiravelmente o Padre Nosso, a Ave Maria, apenas exagerando a acentuação n'uma ou outra palavra, como, por exemplo, em perdoar, cujas primeiras duas sylabas lhes saem da boca escancarada.

Está bem ; visto que o Missionario habilita assim os rapazinhos a falarem portuguez, sinto-me inclinado a desculpar a sua furia gramatical — exdruxula e polysilabica.

Acabada a missa, fez o Padre uma ligeira pratica, que o sacristão, um preto, vae *pari passu* vertendo para landim. A pratica d'este domingo é sobre o mysterio da eucaristia !

Pretendo falar com os rapazinhos, no Adro, e constato que só os que frequentam a Escola, o

menor numero, fala um pouco, quasi nada o portuguez, sem embargo de pronunciarem o Padre Nosso com inteira correção.

Já alguem disse, com muita graça e alguma verdade, que o Palacio da Ponta Vermelha, desde que eu o habito, é uma prisão como o Vaticano. Não me sobeja muito tempo para passeios, a trabalhar na Secretaria das oito da manhã ás cinco da tarde, reservando para o serão o que não poude fazer de dia.

Ha sempre, n'uma Colonia, dois grupos ou partidos que se disputam a privança do Governador. Se elle se inclina para uns, tem contra si os outros; se não se inclina para uns nem outros, tem contra si... todos. Eu prefiro ter contra mim todos, a ser o joguete d'alguns.

Sob o ponto de vista de mexericos, Lourenço Marques é uma grande aldeia, e se a Praça Sete de Março é o soalheiro preferido pelas *senhoras visinhas*, em toda a parte, elas taramelam e intrigam, Penelopes em cuja teia se maculam e esfrangalham reputações. Interessa-me pouco a cidade, não me divertem os espectaculos publicos, e por motivos d'ordem varia não posso receber como um particular, fechando a porta a uns, abrindo-a a outros, sem maior respeito pelas regras e exigencias do Protocolo.

Joga-se desaforadamente em Lourenço Marques — batota e roleta. Homens sem fortuna ga-

nham ou perdem, n'uma noite, dezenas de contos, e empregados publicos, alguns tendo á sua guarda dinheiro da Provincia, não se dispensam de frequentar esses antros, não como simples espectadores, mas como *pontos* que arriscam avultadas quantias. Do Transvaal muita gente vem aqui jogar, e estes jogadores são, por emquanto, os maiores *touristes* da Provincia.

Não retirarei de Lourenço Marques sem ter regulamentado o jogo, obrigando um vicio que não posso reprimir eficazmente a contribuir largamente para o bem do publico. Posso fazel-o sem a auctorisação do Governo da Metropole, que talvez m'a negasse, muito embora se jogue desenfreadamente em Lisboa, fazendo-se rusgas de longe em longe, a fingir que se quer respeitar a lei.

Nem pela intensidade nem pela duração os calores estivais de Lourenço Marques incomodam grandemente um authentico alemtejano, um alemtejano de raiz, produto natural da terra transtagana. Tenho por certo que o mais encalmado dos ceifeiros do Fialho, mesmo descontando a exageração literaria, se andasse por aqui a governar a vida, em pleno verão, no mais aceso do tempo quente, não se daria ao luxo d'um guarda sol, e dormiria a sesta debaixo d'um *Ficus*, sem pensar que a sombra fugidia, antes d'ele acordar lhe deixaria a cabeça exposta á torreira de sol.

Pelo que me diz respeito, o que me incomoda terrivelmente é a humidade, é o suor que me alaga o corpo, havendo momentos em que tenho a impressão de me encontrar n'um banho de cêbo derretido. Nunca senti calor assim... no inverno, chamando inverno á Estação em que chove, e nunca vi tanta chuva no verão, chamando verão á Estação em que faz calor. Quem diz inverno, na Metropole, diz chuva e frio; aqui as chuvas do inverno coincidem com os calores do verão, chuvas torrenciaes e calores esbrazeantes, a que precisamos afazer o espirito e o corpo, chocados pela novidade. Nunca me extasiei perante as harmonias do Universo, e reputando-me sem meritos de especie algumas em relações ao Supremo Arquitecto, quer-me parecer que dispondo do Nada, como ele dispoz, antes da criação, tinha feito um Mundo em melhores e mais agradaveis condições de habitabilidade.

A velha expressão — chuva a potes — é mais apropositada aqui que na Metropole, e muito mais do que lá o Vento tem furias destruidoras, rugindo por cima dos telhados, impetuoso na sua marcha sem destino. Parece-me que sinto estalar as arvores, solidamente enraizadas, e admiro que os bambus, altos e grossos, tenham elasticidade bastante para se dobrarem como um vime, e logo se endireitarem como um mastro, mal a rajada passa. Silvos estrepitosos e prolongados dão-me a impressão d'uma locomotiva montanhosa, que arqueje

nos esforços d'um vulcão activo, procurando inutilmente pôr-se em marcha. Ergo me de noite, quando a tempestade ruge, e fico-me enlevado, por tempo esquecido, a contemplar um maravilhoso fogo de artificio, que as trovoadas, ribombantes como na Serra Leôa, queimam n'uma larga facha do céo, pondo todas as coisas, por breves e repetidos instantes, na evidenciação d'uma luz branca, fria e triste — muito triste, muito fria, muito branca.

* * *

Tendo a *Sociedade para o avanço das Sciencias*, com séde em Pretoria, aceitado o meu convite para realisar aqui o seu Congresso de 1922, acham-se n'este momento em Lourenço Marques aproximadamente trezentos forasteiros da União, entre eles homens de superior merito scientifico, medicos, engenheiros, professores, astronomos, etc. Ofereço-lhes um passeio a Marracuane. Inteirado de que o Presidente da Sociedade e sua Esposa, tambem cultora de sciencia, não enjôam a bordo, resolvo ir de gazolina, subindo o Incomati.

Manhã fria e humida ; quasi ninguem pelas ruas ; mal desperto o caes. O mar tranquilo ; a terra ainda quasi adormecida ; uma luz de crepusculo dando ás coisas distantes formas vagas, esbatidas, relêvo pouco acentuado. Vamos chegando á barra do Incomati ; pequenina ondulação ; o horisonte,

das bandas do levante, tinge-se de purpura viva, e o sol aparece, como um Deus pagão, erguendo se lentamente, solemnemente, n'uma apotheose de côr. Estendo a vista pelas aguas, em direção ao Oceano — nem uma chaminé, nem uma vela — mar imenso, mar deserto... As boias, n'um baloiço monotono, vê-se bem que perderam a noite, vigilantes, não vá dar-se algum sinistro, de que sejam responsaveis. Passamos a barra. Rio largo, pouco fundo, a agua quieta. Uma barquita, movida a remos, levando a bordo um pescador da Chefina, talvez um italiano, sobe o rio a pequena distancia da terra, em demanda d'um farto pesqueiro, onde encha a rede.

Dá-me vontade de gritar

> Pescador da barca bela
> Onde vaes pescar com ela?

mas contenho-me, não vá o sabio tomar-me por doido.

Marcha bem o gazolina; mas eis que se ouve um estrondo, como n'um choque, e logo o barco pára, não se ouvindo o motor. Saltára o leme. Como iamos muito agarrados á terra, atracamos com relativa facilidade. O sabio, entomologista de profissão, trata de apanhar bichinhos, que guarda n'uma caixa, para os seus estudos de gabinete. A esposa entretem-se a ver os pequeninos peixes — *small fish* — serigaitando á roda do barco, sem medo de que os pesquem.

Um grego, falando correntemente o portuguez, unico tripulante da sua barca, oferece-nos os seus serviços. Aproveitamos o oferecimento, mandando para terra um preto, que irá a Marracuene informar da nossa situação. A que horas chegará este escarumblograma ao seu destino ? Duas barcas passam, rio acima, muito vagarosas, sem vento que lhes encha as velas. Chega outro grego, pescador na Chefina, onde reside ha dezoito anos. E' de Creta, e segue, na Chefina, a politica de Venisellos. O ultimo parente morreu-lhe ha dois anos; gosta dos portuguezes e entende-se bem com os pretos ; quando tiver realisado algumas economias, já fraco para o trabalho, fixará residencia em Lourenço Marques. Oferece-nos pão e ovos cosidos, unicos alimentos que tem a bordo.

Conseguimos afastar-nos da terra, no justificado receio de sermos apanhados pela baixa-mar, ficando o gazolina cravado no lôdo. Passam as horas, lentas, arrastadas, e baldadamente prendemos a vista a um cotovelo que o rio fez, lá adiante, na esperança de vermos aparecer o gazolina que virá de Marracuene em nosso socorro. Começa o desespero de quem espera ; o apetite já para muitos é fome, repartindo-se por todos, irmãmente, umas providenciaes bolachitas que aparecem.

— Lá vem ! Lá vem !

Estamos salvos. Mudamos de gazolina, e toca para Marracuene, a nove. Nem já sentimos fome, certos de que lá para as quatro horas estaremos

a almoçar. Rio largo, sinuoso, com bordadura de mangal. Arvores desenraisadas, mal firmes no lôdo; troncos horisontaes, quasi rastejantes por deformação congenita; pequenos riachos que afluem, pela margem direita, e trechos de caniçado aqui e além, muito espesso e pouco alto.

Chegamos. Estalam morteiros anunciando a nossa chegada. Os pretos, em duas filas, saudam-nos, cantando. Vestem-se abundantemente estas mulheres, fortes e bem lançadas. Almoçamos no campo, *sub tegmine fagi;* mas em vez do silencio amigo, na frase do poeta, temos a inevitavel barulheira dos arraiaes africanos.

Principia o batuque junto á residencia do Administrador. Muito enfeitados estes homens e estas mulheres. Enfeites de toda a casta — rabos de boi; peles de cabrito e de macaco; fitas; missangas; manilhas e colares. Os que dançam não cantam; a orquestra é uma grande massa coral, em que não ha desafinações. Raras capulanas d'uma só côr; aparece o vermelho, discretamente diluido no azul e branco. Homens com um valente par de chavelhos na cabeça, alguns muito bem postos... pela respectiva consorte. Estas dansarinas teem um jogo de physionomia que acompanha os movimentos da dansa. O côro, sem palavras, musica entoada, é feita por mulheres sentadas no chão, de rodilhas, sob a direção d'um Regente.

Entardece. Os congressistas, regressam a Lou-

renço Marques, de comboio, e eu regresso de automovel, satisfeito de ver a intima satisfação dos meus hospedes, a pensar na extravagancia de reunir um Congresso para o avanço das sciencia n'uma terra, n'um Paiz, considerado o tamanho da Provincia, onde o grau maior da instrução que o Estado ministra é o quinto ano dos Lyceus, sendo insuficiente, lamentavelmente insuficiente o numero de escolas primarias, mesmo considerando escolas oficiaes as que estão a cargo das missões religiozas.

Terras de Gaza

Não posso estar muitos dias fóra de Lourenço Marques, com o Conselho Legislativo a funcionar, e isso me obriga a modificar o plano que estabelecera d'uma visita aos territorios de Gaza. Visitarei primeiro a Manhiça, uma das Circunscripções de Lourenço Marques de mais largo futuro agricola, pelas informações que tenho, e depois, na primeira aberta, irei percorrer a vasta região onde se feriram combates terriveis, que estabeleceram definitivamente o nosso dominio soberano na Provincia.

Muito cêdo, ao clarear da manhã, estamos a pé, confortado o estomago com o mata-bicho O nevoeiro é denso; parece que as arvores emergem da agua, vistas a certa distancia.

Pretos que vão para a cidade, no trote que lhes é familiar, as mãos nos sovacos, por causa do frio, cumprimentam respeitosamente. No horisonte, do

lado do mar, uma grande barra, comprida e espessa, toma côres arroxeadas, e dentro em pouco o sol aparece, erguendo-se por detraz d'ella, vermelho como uma posta de sangue fresco.

Nenhuma demora em Marracuene; do automovel saltamos para o gazolina, atracado á ponte. O arraes é um homem alto, bem feito, vestido de kaki. Usa as orelhas furadas, bigode de grandes pontas e uma estreita faixa de coiro apertando-lhe a cintura. O moço da maquina é um exemplar typico do escarumbismo da raça — olhos esbugalhados; nariz extremamente achatado; beiços revoltos; maçãs do rosto muito salientes e um prognotismo dentario dos mais exagerados que tenho visto na Provincia. Rio largo; a eterna bordadura de mangal e caniço. Aparecem-nos lá adiante, dobrando a primeira inflexão do rio, tres cavalos marinhos, que mergulham logo, não dando tempo a que os saudemos com um tiro. Margens baixas, facilmente alagadiças. Pequenas machambas; gente que passa, quasi a correr, sem pressa de chegar, alguns talvez sem destino. O preto nunca anda devagar; dir-se-hia que a marcha lenta o fatiga. Vai subindo o sol, que não aquece por emquanto; a sua luz viva alaga os campos, descladamente incultos. O gazolina marcha bem, a desviar-se do meio do rio á procura de fundo. Muito sinuoso, o rio estreita aqui e além, dobrando-se em curvas de grande raio, o que, nas cheias de mediana grandeza, evita a

inundação dos terrenos marginaes. Passaros de vario tamanho e feitio, uns brancos, como grandes flocos de espuma, outros de bico encarnado e papo verde, as côres nacionaes, passam-nos a geito de tiro, como que a desafiarem a nossa pericia de caçador. O Charonte de quando em quando, deita a cabeça fóra da borda... para se assoar á pastora. Pequenas lanchas atracadas á beira do rio; armazens de mato, onde se guardam os productos d'uma insignificante agricultura. Dunas enormes pelo lado esquerdo, cobertas de vegetação; pela direita, lá muito longe, uma cadeia de pequenos môrros, que tambem são dunas, e fecham, por aquelle lado, um vale de extensão infinita, completamente desaproveitado.

Chegamos; é quasi meio dia.

Saltamos do gazolina para uma especie de poial tosco, a que se convencionou chamar caes, e trepamos pela encosta ingreme, com lanços de escadaria. Antes, porém, á borda do rio, o pessoal da Circumscripção apresenta os seus cumprimentos, e a rapaziada da Escola, pretos e mulatos, canta a *Portugueza*.

E' uma pequena povoação a séde d'esta Circunscripção pequena, a mais pequena do districto — uma área de cinco mil kilometros quadrados. Tem muitas e bôas casas, não se contando n'este numero, o das casas bôas, o edificio Escolar, suficiente para a frequencia que tem. Administra a Circumscripção o sr. Paes de Mattos, um alemte-

jano, natural de Serpa — o Mattos da Manhiça, como lhe chama toda a gente, familiarmente, em Lourenço Marques.

O inevitavel batuque. Poucos homens, muitas mulheres, numerosas creanças. Como sucede em toda a Provincia, nota-se aqui abundancia de barrigótos, isto é, creanças de grande ventre, atribuindo os medicos esta deformação um pouco ao impaludismo, e principalmente a uma alimentação precoce e inconveniente, dando enterites que avolumam consideravelmente a cifra da mortalidade infantil. Muitas hernías umbelicaes, algumas de rasoavel tamanho. Poucas mulheres com o peito nú, os seios á vela; as que dançam, quasi sem excepção, trazem uma especie de saióte por debaixo dos panos, sucedendo a mesma coisa com os homens. A orquestra é formada de tambores e marimbas. Não ha regente de orquestra, mas ha regente do baile, querendo-me parecer que entre a musica e a dança não ha ligação alguma. Os mesmos córos, as mesmas pantomimas de toda a parte; os mesmos enfeites ou chibantes com que as madamas dão realce á sua beleza.

Vamos de passeio, em camion, a uma das machambas do sr. Mattos, a mais proxima. Fica na margem direita do rio, que a alaga nas grandes inundações. Tudo aqui se dá bem — o trigo, o milho, a cevada, as batatas. Optimas bananas, que o sr. Mattos vende para o Transvaal, onde lhas pagam bem. Assisto a uma descamisada, que me

faz lembrar os meus tempos de menino e moço, esbodegado á procura d'uma massaroca rôxa, por causa dos beijos e abraços.

Entardece; uma ligeira neblina turva a atmosfera; o vale, silencioso, enche-se a pouco e pouco de sombra, todas as coisas afectando um ar recolhido, no cair da noite, como que a dispôrem-se para um longo repouso.

Continua o batuque. Rege agora a dansa um janota, que me parece ser um grande farcista. Calça branca; botas amarellas; casaco preto; colete de fantasia. Traz na cabeça um grande capacete de esplorador e na mão um chicotinho de jockei. Enfeite maximo, chibante de maior apreço — uns oculos de chauffeur comprados em Johannesburg! Bellos moços, raparigas fortes; alguns velhos, de idade incerta, com polvilhos de neve branqueando-lhes a carapinha. Muitos rapazes vestidos á européa, a rilharem uma boquilha d'ambar, armada de cigarro ou charuto. Estas mulheres, se em vez de capulanas usassem saias, realisavam uma grande economia. Presentemente é cara, a mulher, n'esta Circunscripção, regulando o *lobôlo* entre vinte e trinta libras. Isto quer dizer que o gado bovino está barato, comprando-se um boi ou uma vaca por quatro ou cinco libras. Pode dizer-se que a instituição do *lobôlo* já não existe lá para o Norte; mas ainda é muito vivaz no sul.

Produz-se grande reboliço — é a gente do Intimane que chega. Não se misturam. Berram os morteiros, estoiram os foguetes, e toda esta malta ri, guincha, dá palmas, alegre e ruidosa, havendo muita infantilidade nas manifestações da sua franca alegria. Vou de grupo em grupo pelo arraial, e constato que são desempenados estes homens, que são alentadas estas moças, exemplares que não fariam má figura ao pé das mulheres e homens da Metropole. Não vejo caras paradas; não vejo aleijados, côxos ou cegos, tendo encontrado até agora, em toda a Provincia, se bem me recordo, um unico corcunda. As mães derretem-se quando damos uma palmadinha no focinhito dos seus escarumbinhas. Aqui, como na Metropole, quem meus filhos beija, minha boca adoça. Nunca me apeteceu beijar um pretinho... nem uma preta.

Debruçados no muro da esplanada, que deita sobre o rio, estas creanças grandes, rindo e taramelando, indicam umas ás outras o logar onde ficam as suas machambas, as suas hortas, as suas palhotas de construção primitiva.

Tambem vou encostar-me ao muro da esplanada, espraiando a vista pela imensa varzea, que o rio alaga nas suas inundações periodicas, e uma cortina de montinhos d'areia fecha, ocultando a vista do mar, que se ouve aqui distintamente quando ruge as suas coleras. Confrange o abandono d'esta vasta planicie, terras d'aluvião opti-

mas para todas as culturas, e que nem sequer são aproveitadas como pastagem. Raras palhotas isoladas; nem uma só povoação indigena, reduzida á sua expressão mais simples, tres ou quatro casaes. Nem gente nem gados. Bem se pode chamar a esta varzea o deserto da Manhiça, deserto em que a Machamba do Paes de Mattos é um encantador oasis.

Prolonga-se o batuque pela noite dentro; maior agora, mais desenvolta a alegria de todos, homens e mulheres, porque se lhes distribuiu uma especie de cerveja cafreal cuja graduação alcoolica é minima. Não ha desordens, o esboço d'um conflito que dê pancada.

A outra machamba do Administrador fica um bocadinho distante, obra de tres a quatro kilometros. E' um vasto bananal, cortado ao comprido por um ribeiro insignificante. N'uma pequena lomba, que serve de abrigo ao bananal, fica a povoação dos indigenas que alli trabucam; instalações para guardar productos que se colhem e instrumentos com que se trabalha, modestas mas suficientes instalações d'um lavrador em começo de vida. Domina esta lomba um vale imenso, cortado por uma vala que vae ter ao rio, extensa de não sei quantos kilometros. Um trecho de floresta, em que ha leopardos, limita ao sul este formoso vale, que seria formosissimo salpicado de casaes, formigando de trabalhadores. Entro na palhota do sr. Nicola, uma especie de feitor ou

olheiro, muito achacado de rheumatismo, já civilisado até ao ponto de não ter senão duas mulheres, sob o mesmo tecto, e dormir alternadamente com uma e outra em cama de lençoes.

Abalamos da Manhiça, em camion, logo a seguir ao pequeno almoço, muito reconhecidos ao sr. Mattos e sua esposa, que nos cumularam de captivantes amabilidades. Estrada carreteira, atravez da charneca, aqui e além concertada de fresco para ser transitavel. Um derruba aqui, uma pequena machamba além, e eis-nos chegados á Missão de S. Miguel Arcanjo. O chefe da Missão tem estes predicados, que o recomendam á minha consideração, para sem demora promover a sua retirada d'aqui — é canarim, é gago, e tem uma doença da pele.

Chegamos a Chonguenine com optimo apetite para o almoço. Vamos até Chinavane, n'um rufo, verificando que até lá os campos não teem cultura, a não ser já nas imediações do *terminus* da linha, em terras alagadas. A zorra-automovel faz belamente sessenta kilometros á hora, e as rectas sucedem-se, na extensão de muitos kilometros, ligadas por curvas de grande raio.

Chegamos a Lourenço Marques.

Fracassaram as negociações do Cabo, provocadas pela denuncia que fiz do convenio de 1909, com o Transvaal, e porque já perdi as esperan-

ças de arranjar dinheiro para a Provincia, assento em ir-me embora antes do fim do ano, e assim o comunico ao Governo da Metropole. Antes, porém, visitarei o distrito de Gaza, completando a minha visita á Provincia, a toda a Provincia, com excepção dos territorios da Companhia do Nyassa.

Toca para Gaza.

Manhã chuvosa ; giram os primeiros carros sobre as calhas, espelhentas como acabadas de brunir.

Terras já conhecidas em todo o percurso da linha — a charneca bravia. Talvez Moamba, estação de Entroncamento, venha a ser, n'um futuro proximo, uma povoação importante, bastando, para isso, fazel-a séde de Circumscripção.

E' já grande, e dentro em pouco será muito maior, a plantação da canna sacharina que tem feito a companhia Chinavane Estates. Um muro de defesa, medindo uns dezesete kilometros de extensão protege a propriedade, já em cultura, contra as frequentes inundações do rio. A Fabrica, adquirida em segunda mão, é tudo quanto ha de mais rudimentar, no genero ; a sua capacidade de laboração fica áquem das tres mil toneladas. Almoçamos em casa do Administrador da Companhia, um inglez, o sr. Reesen e almoça comnosco, á mesma mesa, um mulato de côr carregada, mais preto que branco, uma especie de feitor que o patrão muito considera e estima.

Atravessamos o rio, em barca, lamentando não

podermos descer até á Ilha Marianna, que já avistamos de longe, mal a circunscrevendo com a vista.

Grande pomar, entre dois a tres mil pés de larangeira, que seria uma riqueza se as laranjas fossem bôas e tivessem facil venda. Optima terra, ao abandono, não tendo outra cultura, e esta muito esparsa, senão a de insignificantes machambas de que os donos, gente preta, tira o indispensavel sustento.

Pomo-nos a caminho de Magude, na margem esquerda do Rio. A distancia não é grande; a estrada é uma carreteira bem amanhada, que permite velocidades relativamente grandes. Arvoredo discreto, sem arvores uteis. Bastante gado, todo ele zebú. Paramos em Chobela, para uma visita rapida. Montou-se aqui um posto zootecnico, que se perdeu, por incuria administrativa. O que resta do Posto, atestando a incapacidade e desmazelo do Estado, está sob a vigilancia e guarda d'um abegão, mizeravelmente pago. Algumas casas que dentro em pouco serão ruinas, e dois tanques de zinco, que fôram adquiridos para conterem agua, e funcionam, ha muito tempo... como celeiros. As terras, á roda do Posto, são optimas; dariam trigo, cevada, ou milho, e forneceriam luzerna em abundancia, competentemente regadas.

Lá em baixo, junto do rio, estão guardadas, as maquinas e utensilios agricolas, que fôram adquiridos para o Posto e que nunca serviram. Maquinas elevatorias, chupando agua do rio, e espa-

lhando-a pelos campos adjacentes, em rega, se amanhã aqui chegassem, encontrariam preparada a sua instalação — desalojando a maquinaria agricola, que a ocupa. Tudo isto, em Chobella, custou muito dinheiro, e todo o dinheiro aqui gasto, por incompetencia e por desmazelo, não serviu para coisa alguma de util.

Continuamos para Magude. O sr. padre Lima, chefe da Missão de S. Jeronimo, recebe-nos á frente dos seus escolares, que entôam, muito afinadinhos, a *Portugueza*. A Escola é ao mesmo tempo Igreja ; corre se o panno, como n'um theatro, é Escola ; levanta-se o pano, descobrindo o Altar, é Templo. Ha uma grande frequencia escolar. O sr. padre Lima, que é uma pessoa inteligente, reconhece a necessidade das Missões prepararem os indigenas mais para o trabalho livre, a Agricultura e a Industria, que para o serviço do Estado. A regra é esta, na Provincia — o preto, em se apanhando a ler mal e escrever pior, o que quer é empregar-se. O que se contenta com menos, põe a sua candidatura a moleque em Lourenço Marques. As oficinas, carpinteria e sapataria, são modestas, excessivamente modestas, por falta de verba ; mas agrada-me a orientação do reverendo, e prometo dar-lhe dinheiro para as ampliar e desenvolver.

Chegamos a Magude.

A' frente da multidão indigena, que nos espera,

vê-se o Chibanza, que me visitou em Lourenço Marques, e me foi recomendado pelo sr. Freire d'Andrade, encarecendo os serviços que ele nos prestara, sempre por nós contra os Regulos tomados de rebeldia. Salta como um rapaz, agil e galhofeiro. Que idade terá ? Não se sabe, mas deve ser homem de muita idade, porque já era velho quando o Mousinho por aqui andou, ilustrando o seu nome e bem servindo o Paiz. Veste a farda de coronel, que lhe deu o sr. Freire d'Andrade, substituindo o *bonet* por um chapeu de pêlo.

Optima residencia do Administrador ; uma casa d'hospedes melhor, muito melhor que a de Lourenço Marques, em frente da *Residencia*. Todas as instalações são regulares ; o Hospital é bom, e a residencia do medico é magnifica. Um arruamento de casas comerciaes, todas em alvenaria. Comerciantes europeus ha um, para amostra, todos os demais são asiaticos. Uma pequenina fonte, pintada de amarello, tem os ares d'um monumento pequenino. As raparigas pretas, como a Margarida, vão á fonte e enchem a bilha. Uma enorme escadaria, em quatro lanços, conduz á beira do rio, bastante largo, e de pouco fundo. Uma ponte lançada aqui, sobre o Incomati, permitiria a facil e comoda ligação de Magude com o caminho de ferro, servindo uma região que ainda não tem, mas pode vir a ter, um grande desenvolvimento agricola.

Presenteia-nos o Administrador da Circunscripção, sr. Toscano, com uma coleção de photografias regionaes, que muito agradecemos, e com a promessa de nova visita — o homem põe e Deus dispõe — abalamos para o Guijá.

Selva densa aqui, rala acolá, formada de arvores sem prestimo, a não ser para queimar, e ainda para isso servindo mal, porque teem muita agua de composição. Entardece, e quando já é noite, uma noite escura, sem estrelas, chegamos á margem do Limpopo.

Um grande rio, o Limpopo ?

Aqui, e n'este momento, ele é, apenas, uma grande estrada d'areia, ao longo da qual, perto da margem esquerda, um delgado fio d'agua corre, mantendo-lhe a continuidade. E pensar que este rio vem de muito longe, dos fragosos montes do Transvaal, quasi tão comprido como o Zambezi, e tem em si a virtualidade d'uma riqueza enorme, que faria do districto de Gaza, sendo aproveitado, não apenas o celeiro da Provincia, mas o celeiro de Portugal, mesmo que a Metropole não produzisse um bago de trigo.

Estamos no Guijá, na séde da Circumscripção, quasi tão grande como metade de Portugal, escassamente povoada, de mizerrima agricultura.

Bôa residencia do Administrador, ausente, com licença, na Metropole, substituindo-o o secretario, sr. Saldanha, que é alemtejano, casado com uma senhora, tambem alemtejana. E' pueril dizel-o, mas

só por este facto eu me sinto bem disposto, a dar-me a ilusão de que o Guijá é um recanto da minha Provincia, e que o Limpopo, afinal de contas, é a ribeira do Rôxo, Campilhas ou S Romão, a dar se tratos de polé, coitado, para se meter no Sado, que o levará até ao Oceano.

Uma oficina de serralheiro, que precisa de instalação; uma Escola que precisa de professores; casas em construção, para os diferentes serviços, e uma fonte que dá quanta agua lhe peçam, fresca e sem contaminação.

Um passeio em direção á fronteira, antes do almoço, passeio curto, que para mais não dá o tempo. Terras incultas, de charneca; pequenos rebanhos, de gado cafreal, onde o mato falta e a pastagem abunda. Grandes pôças d'agua que são outros tantos pantanos mephiticos, e uma grande lagôa, muito mais pequena que a Namanuka, que mede para cima de quarenta kilometros de comprimento sobre uns dez ou doze de largura.

A seguir ao almoço pomo-nos a caminho do Chibuto.

A estrada, logo á saida do Guijá, é bôa, larga, ensombrada pelas grandes arvores que a marginam. Toda a gente que passa, cumprimenta. Vastissimas planicies alagadas, cobertas de capim — grandes e perigosos pantanos.

Chegamos ao Mazimshope, onde pretos e pretas trabalham n'uma ponte, que me parece uma grande asneira em pedra e cal. O rio é insigni-

ficante; mas a ponte oferece á impetuosidade da corrente que, sobre ella cae perpendicularmente, uma superficie larga para que se não perca alguma coisa da energia que representa. Todas estas mulheres, umas cavando, outras carregando terra, cantam e assobiam, contentes, alegres, satisfeitas como se andassem a divertir-se.

Porquê?

Porque o trabalho as livra da fome, o trabalho que é a alimentação garantida.

Espraia-se o valle do Limpopo, á nossa direita, imenso, a perder de vista. Estamos na altura em que deve ser feita a primeira barragem, segundo os planos do engenheiro Balfour. A estrada é optima, uma estrada ordinaria, sem macadam. Não é sem alvoroço que nos apeamos em Chaimite. N'uma pequena povoação indigena, meia duzia de palhotas, á beira da estrada, vive uma das muitas esposas de Gungunhana, Magestade decaida que ainda se decora com o titulo de Rainha, com fundamento n'um preceito inglez, que certamente ignora, e que realiza por instincto — *once King, allways King*, e que se traduz assim — *uma vez rei, sempre rei*. S. M. não está, o que me contraria, porque tinha muitos desejos de a ver; mas está um dos Princezes, rapagão dos seus vinte anos, descalço, vestido á moda do paiz, com panos, falando sofrivelmente o portuguez, muito atencioso e mesureiro. A uns vinte metros da estrada, modesto a quasi não dar nas vistas, um

monumentosinho de pedra e cal celebra o feito de Mousinho, ganhando a batalha de Mucantene, uma das suas glorias de soldado. Vastíssima planicie, sem arvores, sem acidentes de terreno, optima para uma carga de cavalaria, á redea solta, o cavalo bebendo os ventos, o soldado aspirando os fumos capitosos da gloria. Pela estrada, toda em aterro, por causa das aguas que na epoca das chuvas fazem da planicie uma lagôa intermina, carreiros de mulheres, como carreiros de formigas, regressam do Chibuto, trazendo á cabeça sacos de farinha e feixes de mandioca. Atravessamos o Chonguene, em barco, e dentro em pouco começamos a subir para o Chibuto, que é uma larga varanda aberta sobre o valle de Limpopo-cortado por um rio que bem podia ser, na Provincia, um Nilo d'aguas abençoadas.

Os lavradores apresentam os seus cumprimentos e queixam-se de não terem colocação para os seus produtos. Lembro-lhes que a produção, quer se trate da industria agricola, quer se trate da industria manufactureira, tem de ser condicionada pelo consumo, para não ser um absurdo economico que leve á ruina.

O Hospital, antiga cavalariça, é uma vergonha. As oficinas, serralheria e carpinteria, estão bem montadas e são bem dirigidas. Excelente a casa da Escola; a residencia do Administrador, bem como a Secretaria, nada teem que se lhes diga.

A Fortaleza está em ruinas. Do que era a habitação dos oficiais restam bocados de parede. Um fosso quasi entupido rodeia um fortim desmantelado, confrangendo o abandono em que se deixou cair uma Praça de tão gloriosa tradição e incontestavel valor militar. Foi transferida para Lourenço Marques, onde não era precisa, a Companhia Indigena, que aqui estava aquartelada, e nem sequer se pensou, ao faze-lo, que o Chibuto fica perto da fronteira do Transvaal, e não dista muito dos territorios da Companhia de Moçambique, fóra da Administração do Estado. Ha que repôr as coisas no seu antigo pé, e isso faria, se aqui me demorasse.

De visita á Missão de Malaissa, passamos pela propriedade do sr. Pinto, antigo soldado, hoje agricultor no Limpopo. Produz o sr. Pinto muito feijão, muito arroz, muito milho, mas o consumo local é insignificante, e o comercio de exportação ainda não está estabelecido. Lembro ao sr. Pinto que o arroz da India fica mais barato, em Lourenço Marques, produzido lá no Oriente a mais baixo preço e transportado quasi de graça. E' uma vasta propriedade a do sr. Pinto; um valle enorme, quasi do tamanho d'uma herdade, capaz de produzir tudo. A residencia do sr. Pinto é um pequeno aglomerado de palhotas devendo ser um confortavel chalet que nos lisongeasse a vista.

— Tem gasto aqui muito dinheiro sr. Pinto?...

— Muito, sr. Alto Comissario. Isto era um *pantalo* quando eu tomei posse.

Por aqui vai o Chonguene, ás voltas e reviravoltas, como se procurasse o caminho da menor resistencia. Retalhinhos de cultura cafreal, em que trabalham mulheres; uma povoação comercial de relativa importancia, no ponto em que deixamos a estrada do Chai Chai para tomarmos a que conduz á Malaissa.

Terras alagadas, formando pequenos mas numerosos pantanos; capim da altura de um homem, em manchas de grande extensão. Atravessamos uma ribeira... sem agua, e começamos a subir uma encosta avermelhada, coberta de mato. A estrada, bôa como carreteira, tem a vulgar bordadura de ananazes, devendo têl-a de arvores de fruto. Entardece; mesmo a caminhar na lomba, bastante alta, não vemos o sol, que desce, porque a selva é espessa; nem sequer, atravez d'ella, vemos os ultimos reverberos da sua luz, quasi a extinguir-se.

Chegamos á Missão.

Rapazes e raparigas, em grupos separados, cantam a Portugueza e trechos de rapsodia. Os rapazes fazem um exercicio militar de parada, instruidos e comandados por um auxiliar de barbas que era aprendiz de padre quando o mobilizaram para a guerra. Tem uma bela voz, este padre, mais adaptavel ao fado que ao cantochão.

Quer o sr. padre Bôavida, chefe da Missão, que eu veja como ele ensina os seus alumnos, entre os quaes ha um, já homem dos seus trinta anos, que se prepara para *mafundissa*, isto é, para mestre preto. O sr. padre Bôavida, que me parece ser uma pessoa inteligente, e devotada ao seu ministerio, fala correctamente o landim e o seu processo de ensino parece-me excelente.

Tomamos chá e partimos. Tudo é uniforme, confundido no escuro. Pára o automovel por instantes; é um silencio de necropole o que pesa sobre esta charneca bravia. Fogos ao longe, dispersos, como atalaias perdidas.

Estamos no Chibuto.

*

Pela manhã, á hora de partirmos para o Chai-Chai, ainda ha batuque. Uma rainha, com panos de sêda, faz-me os seus cumprimentos, em bom portuguez, e pede-me que lhe meta um dos seus Principes, garoto de nove a dez anos, no Umbeluzi. Digo lhe que sim, e vai ela, muito agradecida, faz-me uma reverencia... como se eu fosse o Rei.

Passam monhés montados em burros, o que me deixa satisfeito, por ver que o *burro*, que tanto mal tem feito á Provincia, como Auctoridade, entra a ser util aos colonos, como vehiculo.

Campos que alagam; terras nuas; o leito da estrada alto, nos pontos mais baixos; amostra-

de cultura cafreal para sustento dos respectivos cultivadores.

Faz bôa impressão a villa, de ruas largas, em bom alínhamento; as casas, brancas de cal, modestas e limpas.

Feitas as apresentações oficiais, partimos para Chonguene, onde almoçamos.

Estrada larga, de leito sensivelmente abaulado, feito do caldeamento de areia branca e vermelha. Terras arenosas, sem prestimo para a agricultura, a não ser nos vales. Florestas devastadas, atestam a falta, em Lourenço Marques, d'um serviço organisado de silvicultura.

Muito perto e um pouco acima do Chonguene oficial e burocratico, de modestas mas suficientes instalações, fica o Chonguene comercial, que é um povoadosinho a desenvolver-se.

Emquanto se dispõe tudo para o almoço, vamos á missão Nossa Senhora de Lourdes, que fica muito pertinho. Tudo mal instalado; a oficina de sapateiro é um cubiculo de remendão, ao fundo d'uma escada estreita; a oficina de alfaiate um pouco melhor, um nadinha mais ampla, é uma secção de farpelas n'uma casa de penhores. E' chefe desta Missão o sr. padre Gaveta, n'este momento ausente, substituindo-o o sr. padre Canario, que se cantar como os rapazes e raparigas da Missão, canta horrivelmente.

Chega para cumprimentos, uma orquestra... de caniço. A' parte o bombo e os pratos, todos

os instrumentos são de cana. São em numero de cem os executantes desta orquestra bizarra, que toca tudo, desde a Portugueza ao Vira, regida por um Mestre que tem ares e modos de ser um verdadeiro artista. O muzicante dos pratos, um dos quaes está fixado por cima do joelho, tambem toca um intrumento de cana, e move todo o corpo ao mesmo tempo — os braços, as pernas, a cabeça, como se estivesse atacado da doença de S. Vito.

Visito a propriedade do sr. Salomão Cagi, a de mais valor em toda a circunscripção. E' uma horta enorme, estendendo-se por um vale abundante d'agua, e que faria em pouco tempo a fortuna do seu proprietario se estivesse perto d'um grande centro de consumo. Uma vinha grande, de boa produção, e que não dispensa o sr. Cagi de fabricar *sope*, muito mais rendoso que o vinho.

Chega um batuque enorme, á frente os regulos espaventosamente vestidos. Lembra o batuque da Angonia, menos decorativo. Hymnos guerreiros; córos como na tragedia grega; a simulação de combates com apoteose no fim. Pouco emocionante o cantico do Gungunhana, mas fundamente sentido.

Os agricultores pedem-me que os deixe fabricar e vender o sope, que mais não seja um hectarsinho de cana, oferecendo-me como renda duzentas libras!

Parece muito?

Parece, não se sabendo que um hectare de

cana dá para oitocentos a mil barris de sópe, e o barril de sópe se vende, em media, a sete chelins e meio.

Chegamos á residencia do Governador, no Monte Tavene, já noite, sem vontade de jantar, porque o almoço, quasi zambeziano, acabara pela tarde adiante.

Restabeleci o districto de Gaza, e nomeei seu Governador o capitão Oliveira Franco, colonial que em Timor, servindo com Philomeno da Camara, se trenara na administração d'uma colonia. Oficial brioso, funcionario diligente, habituado a assumir responsabilidades, afigurou-se-me ser ele pessoa idonea para governar este Districto, e constato agora, com justificada satisfação, que não errei na escolha. Porque confina com o Transvaal, este Districto exige particulares cuidados de Administração, sendo bem empregado todo o dinheiro que n'ele se gaste promovendo o seu desenvolvimento agricola, dando á sua população indigena a maior soma de beneficios e comodidades. Do imperio e dominação vatua subsistem farrapos de tradição, já quasi esquecido o Gungunhana, que foi um tyrano sem entranhas. Mas só o tempo apaga de todo o rescaldo das grandes revoluções que decidiram da sorte d'um povo ou d'uma raça, convertendo-o de soberano em vassalo. Ha necessidade de proceder de modo que o vento não agite as cinzas, porque uma faisca só que seja,

saindo d'elas, pode atear um incendio perigoso. Fiz bem, procedi com asserto restabelecendo este Districto, e pondo aqui, a governal o, o capitão Oliveira Franco, realisei o preceito inglez — o homem competente no logar que lhe compete.

A's oito horas da manhã estamos a bordo do *Freire d'Andrade*, um dos vapores que fazem a navegação entre o Chai-Chai e Lourenço Marques, distancia tão grande que uma caixa do vinho do Porto, por exemplo, paga mais, em frete, de Lourenço Marques ao Chai-Chai que de Lisboa a Lourenço Marques. E, comtudo, esta mesma distancia vence se em dez ou doze horas, conforme o tempo!

Rio largo, cheio, dando uma impressão de plenitude. Margens nuas, aqui e além bordadas de caniço. Muitas palhotas, a pouca distancia da Villa; agricultura cafreal arrimada ao rio. Nenhum barco sóbe, nenhum barco desce; uma rara almadia vae d'uma margem á outra, levando um vago passageiro. Um rebanhito de cabras aqui, um grande rebanho de vacas acolá, e é toda a vida d'este vale imenso, que se estende a perder de vista. Mocurros ou pequenos barrancos que trazem ao Limpopo uma modesta contribuição d'agua, e são pouco largos, mas fundos. Porque dá muitas voltas e reviravoltas, olhando pela prôa ou pela ré do barco só vemos pequenos trechos do rio, que deveria chamar-se das Cobras antes que dos Croco-

dilos. Já vi o Monte Tavene por estibordo, como se por artes magicas ele tivesse passado para a margem direita do rio. Dunas que vão morrer no mar, encaixilhando o rio, completamente nuas. Passa um cavaleiro em direção a Inhampura, talvez um arabe, um beduino, quem sabe?... Que lindo seria este vale, metido em cultura e habitado, casinhas brancas destacando em macissos de verdura; searas aloiradas tangidas pela brisa, entoando a vaga e quasi imperceptivel melopéa dos felizes a repoisarem d'um trabalho fecundo! Só o capim se vê n'este vale já quasi lendario; só ele consome as energias fertilisantes d'este terreno humoso, que para ser riquesa exige apenas que o cultivem. Este passeio pelo rio não alevanta o espirito, não exalta a sensibilidade, não delicia os olhos, porque o capim e a areia não constituem elementos para uma paysagem emotiva. Não; este passeio entristece pela desolação; este rio morto, cortando este vale abandonado, afirma as qualidades inferiores da nossa raça como povo colonisador, exercendo a agricultura.

Dilata-se o rio um quasi nada, e vê-se a barra por cima d'uma estreita lingua d'areia.

Mas o rio, de facto, vae entrar no Oceano?

Parece que não. Estamos no fim do seu curso, e não lhe vemos a embocadura. Tudo faz crer que ele acaba ali adiante, muito pertinho, rio estranho que fazendo um percurso de mil e quinhen-

tos kilometros, aos zig-zags mesmo quando atravessa uma vasta planura, encontra fechada a barra, por um capricho de Neptuno.

A' direita, no alto d'um Monte avantajado, vê-se um farol de grande alcance. Tem o Monte esta designação simpatica — Monte Bello, em homenagem a um ilustre oficial de marinha, João Bello, companheiro de Mousinho, por cuja memoria professa um culto quasi idolatra. Tenho de mim para mim que o comandante João Bello não é um homem perfeitamente normal. Ha perto de trinta anos que está na Provincia, e a sua inteligencia é clara e constructiva, o seu caracter é incorruptivel, o seu patriotismo é ao mesmo tempo um sentimento nobre e uma ideia alevantada. Quer tanto á Provincia como á mulher e aos filhos, e não acredito eu que haja esposo mais enternecido e pai mais devotado.

A' esquerda o *compound* da emigração, colocado, como se costuma dizer, na boca da barra. Varias e pela maior parte avariadas instalações da Delegação Maritima, a cargo do sr. tenente Amaral, distinto oficial da Armada. Coqueiros carregados de grandes côcos; palmeiras ornamentaes; eucalyptos de grosso tronco, muito altos, abundantes de ramagem. Inhampura, vista assim, dá a impressão d'um pequeno *oasis*, com um lago no meio.

Saltamos para uma barca movida a remos, um salva vidas, e vamos para terra, em visita breve.

Magnificos remadores; moços na força da vida, bem feitos, negros de azeviche, o peito largo, a musculatura bem desenhada. Remam na perfeição. Deviam remar assim, com inalteravel rythmo, o vigor não perturbando a cadencia, aqueles marinheiros gregos que se aventuravam por mares desconhecidos levando a bordo das triremes o espirito aventuroso, heroico e sonhador da velha Hellade. Saltamos para dentro d'um gazolina, que parece um esquife a boiar na superficie das aguas. Quasi me falta o ar. O alivio que sinto quando me apanho na areia!

Verifico, afinal, que o rio entra no mar, tornando-se estreito, um canaliculo que a invasão das areias tende a reduzir de cada vez mais. Dificil e por vezes perigosa a entrada d'esta barra, onde, n'este momento, ha um rebentação que mal se vê, produzindo um susurro que mal se ouve. Ocasiões ha em que os navios andam a pairar dois e tres dias sem poderem entrar. Vejo a palissada que anda a ser construida, sob a direção do engenheiro Balfour, para suster o movimento da areia, e tenho a impressão de que vale tanto como uma viola num enterro, apesar do muito que já custou ao thesouro provincial. Saimos a barra no *Freire d'Andrade*, prumando sempre por causa das duvidas — quatro braças folgadas! tres braças a marca! — e regressamos ao Chai-Chai, viagem de duas horas.

Atracamos a uma mizeravel ponte de madeira

pôdre, tão pouco firme que um esticão pregaria com ela no charco.

Hospital mizeravel, vergonhoso em qualquer pequena aldeia. O que ha-de substituil-o, já em construção adiantada, foram pôl-o lá em cima, no Tavene, a cinco kilometros da Villa, n'um ponto alto, onde deveriam ter posto, com seguro exito, um moinho. O vento ali é desabrido, e levanta nuvens de areia. A agua só lá pode chegar com a ajuda de maquinas. A que o Governador e o seu ajudante consomem, por ano, custa perto de oitocentas libras. A Villa, como já disse, tem um ar garrido, muito limpa, muito arejada, as ruas largas como Avenidas, as casas baixas, quasi todas terreas.

Noite de ventania rija. A areia, erguida do chão com força, entra por todas as frinchas das portas e janelas.

Manhã fresca, vento norte, anunciando muito calor.

Toca para Manjácaze.

* * *

Do Chonguene para lá, como até Chonguene, a estrada é ampla, lisa, bordada de ananazes. Nenhuma cultura; charneca pouco densa; arvores que não prestam; abunda o cajueiro. Os mezes de dezembro, janeiro e fevereiro são os mezes de orgia bachica, poderiamos dizer a temporada dyonisioana, porque são os mezes em que o cajueiro

dá a felicidade apetecida sob a forma de bebedeira permanente. Muitos trabalhadores, em chegando esta temporada, regressam do Transvaal, onde só bebem *cerveja cafreal*, para tirarem o ventre de mizerias, apanhando uma bebedeira, uma só, que dura semanas.

Visitamos a Missão de S. Benedito dos M'Chopes, n'este momento a cargo do sr. padre Lira. Um grande edificio, d'aspecto monumental, devidido em tres corpos; o central é ocupado pela aula, enorme, cheia de luz, com bancos e quadros murais, correndo ao longo da sua frente uma varanda larga. Nos corpos lateraes, varias instalações. O tecto da aula abunda em desenhos de fantasia, sem merecimento artistico. Um pequeno jardim, a gritar que tem sêde; grandes arvores á roda; terras agricultaveis e agricultadas que vão bater na estrada. Uma oficina de typografos, bem dirigida, realisando trabalhos que se podem considerar perfeitos. Uma oficina de sapataria, a maior parte do tempo parada, por falta de encomendas, Uma industria m'chope, que já devia estar desenvolvida, e que muito importa desenvolver, é a dos chapeus de palha, uma finissima palha, como a dos bons panamás.

Incurva-se a estrada, lá adiante, e apenas dobrado esse cotovêlo, vê-se Manjacaze, que quer dizer *residencia real*. Teria sido preso ali, o Gungunhana, por ocasião do combate de Coolela, se

a nossa tropa, melhor informada, tivesse sido mais diligente no avanço.

Uma enorme lagôa, á esquerda, coberta a agua d'uma vegetação esverdeada, como as rãs que ali vivem, e que me dizem serem de grande tamanho.

O inevitavel batuque. Muitas mulheres, muitas creanças, muitos velhos e poucos homens novos.

As instalações para o pessoal da Circunscripção podem considerar-se bôas. O Hospital é uma especie de feira da ladra. A enfermaria dos homens é dividida por esteiras; d'um lado é enfermaria, do outro lado é dispensa. Quatro soldados da Guarda Republicana, aqui de serviço, por falta de mais apropriada instalação, provisoriamente, instalaram-se na enfermaria das mulheres.

Uma rua de comercio, tudo *monhé*, a lembrar a de Magude, com melhores estabelecimentos que a de Bajone, inferior á de Nacala, quando estiver completa, e estamos na Estação do caminho de ferro, onde tomamos o comboio que nos levará a Chicomo.

A infindavel e aborrecida charneca, salpicada de pantanos, uns maiores, outros mais pequenos, contribuindo todos para a tornarem, além de monotona, pestilencial. Pequeninas machambas, muito raras, só produzindo, quando produzem, o suficiente para o consumo dos respectivos machambeiros. Faz calor a valer, e nem sequer é fresco o ar que o comboio desloca. A' esquerda uma enorme planicie, que alaga na epoca das chuvas.

Por ali passaram as forças que em 1895 combateram em Coolela.

Chegamos ao *terminus* da linha, em pleno mato. Desejo ir até ao Inharrime, a ver o local escolhido para se lançar a ponte. Ha varios meios de transporte — burros, cavalos, uma traquitana dos primitivos tempos da colonisação, puxada a mulas, e um carro de bois que não tem assentos nem é coberto. Tremendo areal. As arvores, grandes e esgalhadas, não oferecem o refrigerio d'uma sombra, a quem aqui passa sob um sol de fogo, pisando uma areia que escalda. Uma feitoria de gente branca, com grandes ares cafreaes. Pequeninos charcos, regatos que parecem feitos de lôdo em solução concentrada. Um barranco chato, sem fundo, aberto n'um brejo em que abundam as junqueiras.

— E o rio ?

— Saberá V. Ex.ª que é aqui.

Visto estar combinado, desde ha muitos anos, que é ali o rio, não pergunto mais nada.

Ha leões no Chicomo, e conta-me um colono, da Metropole, que ainda ha pouco eles lhe comeram uns poucos de porcos que adquirira, por bom dinheiro, no Transvaal.

Fez-se este caminho de ferro, na extensão de quasi cem kilometros, para ligar o Chai-Chai a Inhambane, e nem se quer o levaram até Ginebai, fazendo ali uma Estação fluvial, para o serviço regular d'uma carreira de vapores.

Faz menos calor agora, no regresso ; mas a poeirada é de cegar a gente.

Logo a seguir ao almoço vamos, d'automovel, suando as estopinhas, visitar uma serração de madeira, que fica distante de Manjacaze vinte kilometros. Uma horrorosa devastação. Foi concedida por dez réis de mel coado, a exploração d'uma floresta, e não se impoz ao concessionario a obrigação do repovoamento. Tem-se feito assim em toda a Provincia, e o mais curioso é que este relaxamento do Estado ainda não enriqueceu ninguem. Fica-nos o Transvaal ao pé da porta, e as madeiras de que precisa já as não compra aqui, vae compral-as á Australia — porque lhe ficam mais baratas ! A fabrica de serração, dirigida por um curioso, é uma preciosidade historica, digna de figurar n'um museu de antiguidades.

Tambem aqui me pedem sópe, que lhes nego sem reticencias.

Vamos, d'um salto, a Coolela, que nos fica a uns tres kilometros. Sempre a charneca brava, que talvez, aqui, não seja susceptivel de aproveitamento.

Muitas mulheres á roda d'um pôço, enchendo as suas bilhas.

— Lá está o monumento.

E' como o de Chaimite, uma pyramide quadrangular, truncada. Lê-se n'uma das faces — *A' me-*

moria dos soldados mortos em 7 de Novembro de 1895.

Quantos foram os mortos ?

Cinco, mas só de quatro se encontraram as ossadas, que estão n'aquela jazida.

Deu se o combate n'uma vasta clareira, a meio da qual está o monumento, e refere a tradição que foi de muitas dezenas o numero de mortos indigenas. Avisado do que se passava, sem pressa, o Gungunhana deitou fogo ao seu *Palacio* e abalou, sem que o perseguissem.

E' quasi sol posto quando partimos de Manjacaze. Gente alegre que retira da festa, saltando, rindo e gritando. A lagôa tem agora a animal-a o côro das rãs, tão verdes como os seus limos. O sol desaparece ao longe, fazendo coar por entre as arvores quasi sem folhas, os seus ultimos reverberos. A estrada enche se de sombra; aparece a lua do lado oposto áquele em que o sol se poz, vermelha como ele. Marchamos vertiginosamente, a oitenta kilometros, nas grandes rectas. O sr. Villar, administrador do Chibuto, tem o pulso rijo e a vista aguda; quer-me parecer que governa melhor o automovel que os serviços da Edilidade.

O sr. padre Lira espera-nos, á beira da estrada, na Companhia dos seus rapazes, gentileza que muito agradecemos, e que é acrescida pela oferta d'uma caixa de bilhetes de visita, trabalho dos alunos typografos da Missão.

Uma enorme fogueira, de chamas rutilantes, a uma distancia que não sei calcular, rasga a escuridão da noite, e é como se uma boca em sangue soltasse uma exclamação tragica. A sombra que enche os vales apaga o relevo dos montes, apenas deixando froixamente visivel algum cocuruto mais alto.

Chegamos ao Tavene. A mesma ventania, a mesma poeirada incomoda da noite antecedente.

Jantar oficial, os brindes da praxe.

Sou informado de que na vespera o *Freire d'Andrade* não conseguira fazer-se ao mar, e que a famosa palissada, feita para aguentar as areias, fôra destruida por completo. Aqui está um problema, o da barra do Limpopo, que será preciso resolver definitivamente, quando este vale famoso deixar de ter capim para ter searas.

A Estação dos Caminhos de Ferro, construida na presumpção d'um grande trafego, tem amplas e bem dispostas instalações, chegando-lhes as enchanças para acomodar a Alfandega. Os Correios e a Administração do Concelho estão em casas de aluguer! Anda a construir-se um bom edificio para Escola, muito necessario, porque a população escolar, na Villa, é grande. Visito o Posto Zootechnico, destituido de tudo, e presto ao sr. Manoel Mendes a justa homenagem duma visita aos seus Armazens, o que muito o desvanece. Este homem foi, nos seus começos, cantineiro;

n'esta qualidade acompanhou a coluna que se bateu em Coolela. Tem hoje uma fortuna de alguns milhares de contos, e estabeleceu-se aqui, em Chai-Chai, *para ficar*. E' um homem muito inteligente, de letras gordas, trabalhador incansavel. Escapa lindamente ao ridiculo do *parvenu* com muito dinheiro, e ha tanta franqueza, tanta naturalidade, tamanha despreocupação na sua conversa, que nos passam quasi despercebidos os seus deslises de homem sem cultura, tendo adquirido certo polimento por atrito social.

Sessão solemne na Casa da Camara. Adornam a sala os retratos de Mousinho, Antonio Enes, Freire d'Andrade e João Bello. Uma mensagem pedindo a extinção do Districto, e outra mensagem pedindo a continuação do sópe. A mensagem da Camara é de bôas-vindas, exprimindo o desejo e a esperança de que os interesses do Districto mereçam ao Alto Comissario a devida atenção. Agradeço os comprimentos, e afirmo que o sópe acabará, porque é um crime, e o Districto ficará, porque é uma necessidade. Estranho que me peçam a continuação d'um comercio que mata os valores reaes da Provincia, visto o preto ser, na região intertropical em que fica quasi toda a Provincia de Moçambique, não apenas um valioso auxiliar, mas um indispensavel trabalhador. Prometo crismar o Chai-Chai, designação cafreal, em Villa Nova de Gaza, e vou d'ali escolher o talhão onde ha-de construir-se a residencia do Governador.

Quero deixar aqui expresso o meu reconhecimento pela maneira carinhosa como o Governador Oliveira Franco e sua esposa nos hospedaram.

Partimos com destino a Macia, séde da Circunscripção do Biléne.

Manhã luminosa; sol quente, um céo de turquesa manchado aqui e além de farrapitos de lã cardada. Saindo do Vale, entramos no mato. O sr. Manoel Mendes, que nos acompanha, oferece-nos um *lanche*, que é verdadeiramente um almoço, n'uma das suas Cantinas, em alvenaria, dominando o vale. Nem drenos que esgotem as terras alagadas, nem valas que irriguem as terras secas. Nada, absolutamente nada que denuncie labor agricola na varzea que o Limane corta, indo lançar-se no Limpopo. Um rebanhito de vacas, lá adiante, no ponto em que as dunas fecham o vale.

Atravessamos agora uma floresta, uma verdadeira floresta, que me faz lembrar Amatongas, no Territorio da Companhia de Moçambique. Vamos devagar, como n'uma procissão ou n'um enterro, tornando assim comprido este tunel de verdura, que nos refresca como a nave d'uma Cathedral lageada. Infelizmente é curta; dura este encanto alguns minutos apenas.

Continua a vulgar charneca. Arvores secas, algumas resequidas, de mistura com outras verdes, afectando uma vida exuberante. Terras d'areia;

charcos mephiticos ; riachos quasi secos. Uma pequena povoação de monhés ; perto d'aqui fica um *compound*, isto é, um deposito de emigrantes para o Transvaal.

A estrada é pessima, e só não é bôa, como a de Manjacase, por menos cuidado do Administrador da Circunscripção, pouco solicito em cumprir as ordens do respectivo Governador.

Chegamos a Macia, com optimas disposições para almoçar.

Grande batuque. Os homens de grande gala, empenachados como no Chonguene. Os mesmos coros, as mesmas canções, a mesma orquestra. A baterem com os pés no chão, acentuando passagens dos seus canticos de guerra, estes batuqueiros devem dar, a quem os oiça sem os ver, a impressão d'uma carga de cavalaria em campo raso. Um corpo de bailarinas, executando dansas que para mim são novas, mais delicadas que espalhafatosas. Aparece um côxo, arrumado a uma muleta, que se desunha a dansar.

E' hoje dia feriado, o dia de Magul, oito de Setembro. Vamos, naturalmente, em romagem ao monumento que comemora esta gloriosa batalha. A pequena distancia de Macia fica um vale fertilissimo, muito extenso, onde só ha pequenas manchas de agricultura cafreal. Passam carros de bois, muito poucos, quasi todos sem carga. O monumento consiste n'uma grande pyramide quadrangular, em alvenaria, encimada por uma corôa,

que suporta uma cruz de metal. N'uma das faces do monumento, esta legenda: — *Aos soldados mortos no combate de 8 de Setembro de 1895.*

Aproveitando o caminho já andado, vamos á Missão de S. Paulo de Messano, onde chegamos quasi ao pôr do sol. O sr. padre Mattos, chefe da Missão, é o empregado do correio e tem encargo do telephone. Tudo é pobre n'esta Missão, tudo está a pedir reparação ou concerto. A *machamba* da Missão, muito bem tratada, dispensaria o sr. padre Mattos de pedir dinheiro ao governo da Provincia se pudesse exploral-a convenientemente. A terra é fertil e abunda a agua.

São boas as instalações, todas as instalações de Macia, e a residencia do Administrador nada deixa a desejar. Tem o conforto do *home* inglez, a que não falta delicadeza e bom gosto, porque o Administrador, sr. Teixeira Diniz casou com uma senhora ingleza, do Transvaal.

Partimos para Chinavane. Bôas terras de pastagem; campos alagados pelo Incomati. Atravessamos o Incalmane em barca, e estasiamo nos a olhar uma derruba que anda a fazer a Incomati Estates, para a plantação de cana. Andam pretos a dragar o rio, com pás, para que possamos atravessal-o n'uma jangada.

Almoçamos em casa do sr. Reesen, sempre amavel e obsequiador.

De zorra para Lourenço Marques.

Terras conhecidas, terras ao abandono, terras que não tornarei a ver.

Chegamos.

Vou tratar das malas para o regresso á Metropole.

Aproveitarei o primeiro paquete que faça a viagem pelo Canal, pouco me importando ter de desembarcar em Gibraltar, por exemplo. Bem sei que indo pelo Cabo, n'um paquete da Castle, não repetirei a viagem que fiz na vinda; mas tenho um grande desejo de vêr mais alguns portos da costa oriental; não me resigno facilmente a deixar para outra vez, Deus sabe quando, a travessia do Suez, a viagem por alguns dias, muito poucos e muito incomodos, desse famoso Mar Vermelho, que na epoca dos grandes calores não é um mar, é uma fornalha.

Deus super omnia, como se dizia nas *folhinhas* e almanaques do *Borda d'Agua*.

FIM

INDICE

	Pag.
Advertencia	5
De Tete ao Chindio	7
Através do Nyassaland	33
Na Angonia	47
Regresso ao Limbe	61
A corta-matos	71
A caminho do Chinde	97
Por terras zambezianas	123
No Paíz dos Macuas	219
No regresso	257
Terras de Gaza	277

Livraria Editora GUIMARÃES &

68, Rua do Mundo, 70 — LISBOA

André Brun

Dez contos em papel, 4.ª ed.... 7$50
Sem pés nem cabeça, 3.ª ed.... 7$50
Cada vez peor, 3.ª ed..... 7$50
Sem cura possivel, 2.ª ed.. ... 7$50
Praxedes, mulher e filhos .. 6$00
A malta das Trincheiras 4.ª ed.. 10$00
Sumario de varias cronicas. . 7$50
Os meus domingos, 1.ª serie... 7$50
» » » 2.ª » .. 7$50
» » » 3.ª » .. 7$50
A Vida d'um rapaz gordo..... 7$50
A Visinha do Lado..... 5$00

Augusto Gil

O canto da cigarra..... 7$00
Gente de palmo e meio..... 7$00

Alberto Pimentel

Do portal á claraboia..... 5$00
Notas sobre «O Amor de perdição»..... 6$00
A primeira mulher de Camilo 6$00
O Arco de Vandoma..... 15$00
Terra prometida..... 10$00
A côrte de D. Pedro IV ..... 10$00
A porta do Paraiso, ilustrado . 15$00
Princeza de Bonvão..... 6$00
O melhor casamento..... 10$00
Romance do Romancista, 2.ª ed. 10$00
Os amores de Camilo, 2.ª ed. 12$00
Luar de Saudade..... 12$00
O Torturado de Seide ..... 8$00

Brito Camacho

Nas horas calmas..... 10$00
A caminho d'Africa, 1 vol..... 6$00
Os amores de Latino Coelho, 8$00
Terra de lendas..... 10$00
Quadros Alemtejanos... ... .. 10$00
Pretos e brancos .... 10$00

Delfim Guimarães

Bernardim Ribeiro ..... 10$00
T. Braga e a lenda de Crisfal 7$50
A' memoria de Herculano..... 2$00
Asas de Portugal.. ..... 2$00
O juramento Sagrado..... 2$00
Aos soldados sem nome..... 2$00

José Duro

Fel.....

Manuel Ribeiro

A Catedral, 5.ª edição .....
O Deserto, 4.ª edição .....
A Ressurreição, 4.ª edição.....
A Colina Sagrada .....

Silva Gaio

Mario .....

Diversas

Cronica do Principe D. João.. 1
» *da ordem dos frades menores (Franciscana)*, 2 vol. 5
Cronica da tomada de Ceuta, de Zurara. 4
Cronica de D. João III, de Andrada, 4 vol.—1796 12
D. Francisco Manoel de Mello, por Prestage 5
Leis extravagantes de D. Sebastião, por Nunez do Leão-1796 10
Livro de montaria feito por D. João I..... 30
S. M. El-Rei D. Carlos e a sua obra artistica e scientifica .. 15
Vida e obras de Luís de Camões por Carolina de Michaelis... 80
Documentos arabicos para a historia portugueza, por Fr. João dos Santos—1790 30
Vestigios da lingua arabica.1790 30
Medalhas comemorativas portuguesas e estrangeiras, por A. Lamas—1 gr. vol com 407 gr. 30
Historia d'America portuguesa, de Rocha Pita 10
Cancioneiro Geral, de Garcia de Rezende, 5 vol. de 400 pg. 75
Descendencia de S. M. El-Rei o Senhor D. João VI por Frederico G. Perry Vidal, 1 vol in-4.º ilustrado com 240 retratos. .... 80$
D. Pedro I e a sua epoca, pelo General Moraes Sarmento, 1 vol. in-8.º grande.... . 25$
Tiragem de 100 exs. numerados (edição especial) a..... 60$

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
1000253774 7